

V 33.



TAYLOR INSTITUTION.

—
BEQUEATHED

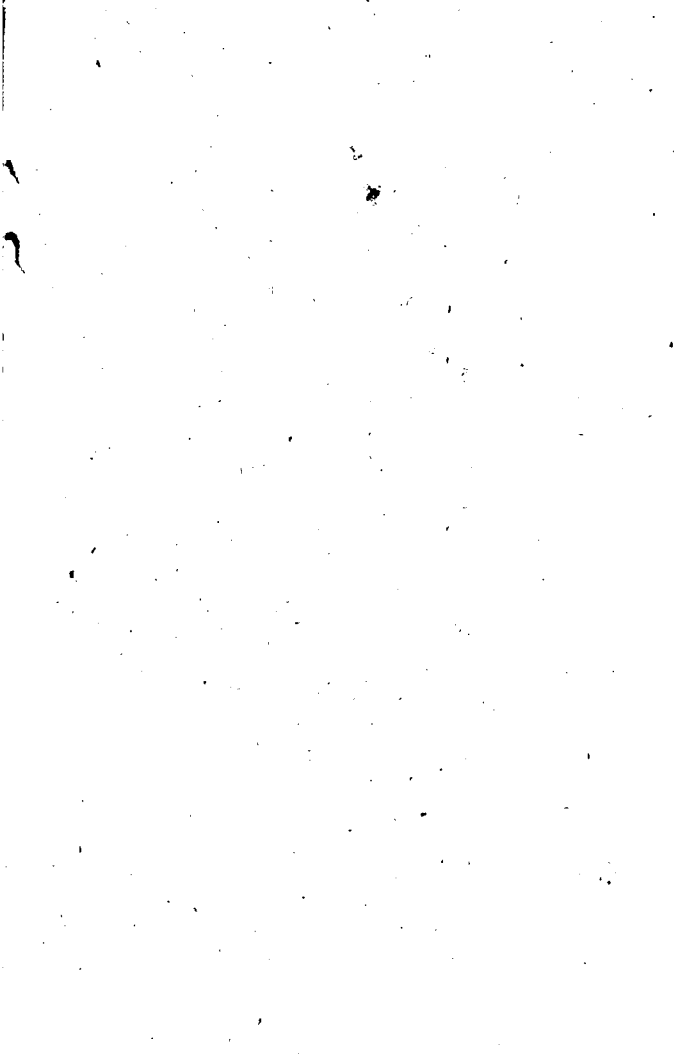
TO THE UNIVERSITY

M. A.

REG.

3





POESIAS,

DEDICADAS

A' ILL.^{MA}, F. EX.^{MA} SENHORA
CONDESSA DE OYENHAUSEN,

POR

MANOEL MARIA
DE BARBOSA DU BOCAGE.

*Gratia, Musa, tibi, nam tu soloxia præbes,
Tu curæ requies, tu medicina mali;
Tu dux, tu comes es.*

Ovid. Trist. Lib. IV. Eleg. IX.

T O M O III.

Segunda Edição.



LISBOA, M. DCC CVI.

NA OF. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

*Vende-se na mesma Officina, na rua da Atalaia
ao Bairro Alto.*



A' ILL.^{MA} E EX.^{MA} SENHORA
CONDESSA DE OYENHAUSEN

*Queste mie carte in lieta fronte accogli ;
Che quasi in voto a te sacrate io porto.*

Tass. Gerus. Cant. I. Stanz 4.

A Cantôra immortal , Deosa. da lyra ,
Que exprime em áureos sons , em metro augusto
O que he digno de Jôve , ou digno della ;
A' Cantôra immortal , de Lysia esmalte ,
A mente , e o coração consagra Elmano.

Mulher Deidade ! Magestosa Alcipe !
Oh Grande ! Oh Primogenita de Febo !
Prospere a gloria minha á sombra tua ,
Abriga os versos meus , que vão meus versos
De honrosa Eternidade a ti sedentos :
Aos Vates parte della he teu sorriso.

Olhos, que Venus para si deseja,
Olhos que adoro, o que inspirastes, lêde.

AO LEITOR.

A Boa sombra que as minhas Poesias tem devido ao Público, promoveo em mim o desejo de offerecer-lhe as que me restavão do mesmo genero. Algumas, ainda que pela execução se não anivelem com o seu objecto, creio, todavia, que hão de manter-me essa estima consoladôra, a que todos, ou a maxima parte dos que nascêrão com a brilhante mania de metrificar, sacrificão os proveitos da vida civil, e até as commodidades da existencia fysica. O exemplo dos Ovidios, dos Camões, dos Tassos &c. houvera de acobardar os genios versificadores, se hum quasi Fado não atropellasse, ou antes submettesse as sisudas reflexões, que lhes arrazoão naquelles intervallos fulgidos, que até ha nos Poetas. Não ouso alinhar-me entre os grandes Engenhos que citei, senão pelo frenesi com que ambicionárão, e ambiciono o que vãmente vai entender com a insensibilidade das cinzas.





S O N E T O.

EMBORA tórpes galhas esvoacem
Em torno á gloria minha em bando impuro ;
De eterna Sombra , e tácito Futuro
Meu nome , os versos meus embora ameacem

Contra os annos , que morrem , que renacem ,
Deo-me Fébo em seu dom penhor seguro ,
Com que do Esquecimento o pégo escuro
Meus versos , e meu nome afoitos passem.

Pleno Thesoiro de moral riqueza ,
Barreto bemfeitor , Barreto amigo ,
Não temas ser do Nada infausta preza:

Além dos Tempos viverás comigo :
Sou Vate , e , sobranceiro á Natureza ,
Nos Arcanos do Ceo leio o que digo.

SO.

Ao Senhor José Barreto Gomes , Director do Correio Geral , e Póstas do Reino.

S O N E T O.

OS principios moraes por que governo
 Meu dócil coração, meu livre estado,
 Prendem-me a ti com vinculo sagrado
 De amor, que passa o grão do amor fraterno;

E's doce, és puro, és generoso, és terno,
 Brilhas, campêas, de virtude ornado,
 N'um Mundo de paixões contaminado,
 Tão máo, tão feio, que parece Inferno.

De teus, de meus costumes a pureza
 Sem poder profanar com vil maldade,
 Escums do Invejoso a lingua preza.

Sãos existimos na corrupta Idade;
 Elle nem segue a voz da Natureza,
 Nós cumprimos as leis da Humanidade;

SO-

*Ap Senhor Joaquim Manoel de Moira Leitão,
 Escrivão do Crime da Corte, e Casa, e amigo do
 Author.*

SONETO.

F Amosa Geração de Falladores
 Sôa que foi, Riso, a Origem tua,
 Que nem todos os caens, ladrando á Lua,
 Tiverão que fazer com teus Maiores.

Hum a lingua ensinou dos Palradores,
 Outro o moto contino achou na sua,
 Outro, além de encovar toda huma rua,
 Açaimou n'uma junta a cem Doutores.

Teu Avô, Santarário venerando !
 Soube mais Orações que mil Beatas,
 Com réza impertinente os Ceos zangando ;

Teu Pai foi hum trovão de pataratas,
 Teu Tio, o Bacharel, morreu fallando :
 Tu, fallando, Riso, não morres, matas.

SO-

A hum Fallador inoffrivel.

S O N E T O.

M Agro, de olhos azues, carão moreno,
Bem servido de pés, meão n'altura,
Triste de facha, o mesmo de figura,
Nariz alto no meio, e não pequeno;

Incapaz de assistir n'um só terreno,
Mais propenso ao furor do que á ternura,
Bebendo em niveas mãos por taça escura
De zelos infernaes lethal veneno;

Devoto incensador de mil Deidades,
(Digo de moças mil) n'um só momento,
É sómente no altar amando os Frades;

Eis Bocage, em quem luz algum talento:
Sahirão delie mesmo estas verdades
N'um dia em que se achou mais paxorrento.

S O N E T O.

QUando á que me rendeo jurava ufano
Gostar por ella do funéreo instante,
Dizia a doce Amada ao terno Amante:
„ Inália morrerá , se morre Elmano. „

O Templo , das paixões , dos bens Tyranno ,
Tomou ferino o divinal semblante ,
E nos labios gentis voz fulminante
Vibrou , vibrou-me hum raio : o desengano.

Esperanças murchai ; tu , lisonjeiro
Sonho adoravel , com que o ser mantive ;
Desfaze-te em meu ponto derradeiro ;

Mas as cinzas do Amante Amor não prive
Dos ais de Escravos seus ; triste letreiro
Diga : „ Elmano morreo , e Inália vive. „

S O N E T O .

DOs negros Mausoléos a Deosa escura,
 Que o véo desdobra do funéreo dia,
 Já Marília sumio na Estancia fria,
 Deo mais hum triste exemplo á Formosura.

Soltou-se Alma gentil, Vida immatura
 De Corpo que em mil graças florescia;
 Saudade perennal geme, e avalia
 Thesouro de que he cofre a sepultura.

Chóra, doce Tirséa, encanto amado;
 Feliz essa corrente maviosa,
 Se lágrimas podessem mais que o Fado!

Se aos chôros te surgisse a Irmãa formosa;
 Qual em ermo jardim desamparado.
 Aos prantos da manhêa revive a rosa!

SO-

*A' Illustrissima Senhora D. Theresa de Jesus, Pe-
 reira, e Azevedo, na morte de sua Irmãa.*

SONETO.

Quando Anália, o meu bem, q̃ o Ceo namora,
Meigo sorriso de outro Ceo desprende,
Geme, e o que he vida n'um gemido aprende
Peito que amor, e que a existencia ignora.

Quando Anália, o meu bem, suspira, ou chora,
A doce mágoa doce fogo accende ;
Na Estancia divinal com Jóve entende :
Quasi tenta imploralla o Ser que implora.

Sente hum Deos como sente a Natureza
Aquella, em cujos dons adórno o canto ,
Aquella que a meus versos dá grandeza ;

Mas (se possó antepêr encanto a encanto)
Amo-lhe o riso, adóro-lhe a tristeza:
De Venus a chorar tal era o pranto !

S O N E T O.

Brandamente extrahio co' a mão sagrada
De Tempo, que não morre, hora divina,
E em nuvem de aurea côr baixou Lucina
Da Estancia, que he por Jôve abrilhantada:

„ Offrece, (disse a Deosã) Hora doirada,
„ Offrece ao Globo divinal Menina,
„ A quem destina o Fado, o Ceo destina
„ Gloria sem par, no mérito apurada. „

Nasceste, Anália: rio-se a Naturezs;
Cresceste, Anália: rirão-se os Amores;
Eis alongado o Imperio da Belleza;

Crôão-se os annos teus d'Elysiás flores,
E d'honrallos tentando a summa empreza,
Honrão-se as lyras de immortaes Cantores.

S O.

Aos annos da Illustrissima Senhora. D. Anna Eufrasia Lobo Pinheiro Amado.

SONETO.

Tributo em ais, no coração gerados,
Não dês á cara Cinza, afflicto Esposo:
Rôção da Vida o circulo afanoso
Caminhos florecêntes, e estrellados.

Espiritos gentis, por Jôve amados,
Volvendo a seu Principio luminoso,
Olhão Sol não crestante, e mais formoso,
Vaguêáo sem temor por entre os Fados.

Com alta fantasia, e rosto enxuto,
Vê nos Elysios a immortal Consorte,
Vê da Virtude a flor tornar-se em fruto.

Doce, áugusta Verdade Amor conforto:
Em vós, oh Impios, a existencia he luto,
He nos Eleitos hum sorriso a Morte.

SO4

*Ao Senhor Antonio Bersane Leite, na morte de sua
Esposa.*

S O N E T O .

SE he doce no recente, ameno Estio
 Ver toucar-se a manhã de ethéreas flores,
 E lambendo as arêas, e os verdores,
 Molle, e queizoso, deslizar-se o rio:

Se he doce no innocente desafio
 Ouvirem-se os voláteis Amadores,
 Seus versos modulando, e seus ardores
 D'entre os aromas de pomar sombrio:

Se he doce Mares, Ceos ver anilados,
 Pela Quadra gentil, de Amor querida,
 Q'esperta os corações, florêa os prados:

5 Mais doce he ver-te, de meus ais vencida,
 Dar-me em teus brandos olhos desmaiados
 Morte, Morte de amor, melhor, que a vida.

SONETO.

„ Não presta Coridón, não presta Elpino,
 „ Filinto he ninharia, he lixo Alfeno,
 „ Albano falla só do Tejo ameno,
 „ Sô tardes, e manhâas. descreve Alcino:

„ Trêscala aos Seiscentistas o Paulino;
 „ Pois Bocage ! Isso he peste, isso he veneno. „
 Roncava Charlâtão rotho, e pequeno,
 Pequeno em corpo, em alma pequenino.

„ Quem acha V. m. (lhe sahe d'hum lado
 Tafal do sétio rancho das lunetas)
 „ Quem acha para versos estremado? „

„ Quem ! (diz o tal) não fação lá caretas;
 „ Hum que dos seus papeis anda pejado,
 „ Poeta de pregões, Cantor de petas.

S O N E T O.

Morreste , caro Aonio , puro Amigo,
 Genio tão doce na ferrenha Idade,
 Em que sermos porção da Humanidade
 Talvez mais que esplendor nos he castigo,

Triste , amavel Despôjo , em teu jazigo
 Pousou meu coração , minha saudade,
 E , escuro como a tua escuridade,
 Sempre meu pensamento está contigo.

A' fatal Solidão levou-te a Sorte,
 E eu , retido por ella entre os viventes,
 Como que já soffri o extremo corte.

Teu exterior , e o meu não são differentes ;
 Meus labios , olhos , faces , tudo he morte . . .
 Mas ah ! Q'eu sinto , Aonio , e tu não sentes.

A'

A' morte de Antonio Tertuliano da Silva , e Souza , amigo do Author.



À SANTÍSSIMA VIRGEM A SENHORA

D A

E N C A R N A Ç Ã O

O D E.

A Catamento em si, e andeis unido,
Sobre o jus de immortal firmando os véos,
A impávida Razão, ceeste Effluvio,
Se eleva, se arrebatá.

Por entre immensa noite, e dia immenso,
(Mercê: do Conductor, da Fé que a anima)
Sobe de Ceos em Ceos, alcança ao longe
O Grão Principio dos Principios todos.

Além do Firmamento, além do Espaço,
Que, por Lei summa, franqueira o seio
A Mundos sem medida, a Sóes sem conto,
Immovel Throno assoma:

De hum lado, e d'outro lado he todo estrellas,
Vence ao Diamante a consistência, o lume,
Absórtos Cortezões o incensio curvos,
Tem por base, e deos a Eternidade.

Luz, de Reflexos tres, inextinguivel,
 Luz, que existe de si; Luz, de que emanão
 A Natureza, a vida, o *Fato* (1), a Gloria,
 Dalli reparte aos Entes
 Altas Virtudes, Sentimento augusto,
 Aos Entes que, na Terra extraviados,
 Das rebeldes Paixões entre o tumulto,
 Ao grito do Remorso párao, tremem.

Filho do Nada! Hum Deos te vê, te escuta
 Seus olhos immortaes do Empyreo cume,
 Aos teus immensidade, aos d'Elle hum! ponto)
 Attentário teus dias,
 Teus dias cõr da Morte, ou cõr do Inferno :
 D'alma em alma grassando a peste avita,
 Hálito de Serpente enorme, infesta,
 Da primeva innocencia a flor crestára.

Aos Dois (como Elle) do Universo Origem,
 Diz o Numa em si Mesmo : o prazo he vindo ;
 Cumpra-se quanto em Nós disposto havemos.
 Eis o Espirito excelso,
 Radiosa Emanação do Pai, do Filho,
 Mystica Pomba de pureza ethérea,
 A' Donzella Idumécã inclina os vãos,
 Pousa, báfeja e diviniza o Puro.

Tu,

(1) *Fado* entenda-se, pela invariavel determina-
 ção de Deos a alguns respeitoos.

Tu, Verbo, sobrevens : aérea flamina
 Com tanta rapidez não sulca o Pólo.
 Eis alteado o grão da Humanidade,
 Eis fecunda huma Virgem :
 A Redempção começa, o Deos he Homem.
 Da Graça, da Innocencia oh Paz, oh Risos,
 Do Ceo vos deslizais, volveis ao Mundo :
 Cahi, Torres de horror, Troféos do Averno.

Que estrondo!... Que tropel!... ao negro Abysmo
 Que desesperação revolve o bôjo!...
 Para aqui, para alli, por entre Furias,
 O sacrilego Monstro,
 O rábido Satân em vão blasfema.
 Lá quer de novo arremetter ao Mundo,
 Mas vê rapidamente afferrollado
 O Tartáreo Portão com chave eterna.

Em quanto brama, arqueja, em quanto o Féro
 Morde, remorde as mãos, e a boca horrenda,
 (As espumas veneno, os olhos brazas)
 Mulher divina exulta ;
 Celestial Penhor, que os Anjos cantão,
 Que as Estrellas, que o Sol, que os Ceos adorão,
 Virgem submissa, mereceo na Terra
 Circumscrever em si do Emyreio a Gloria.

Eis os Tempos, a Inveja, a Morte, o Lethes:
 Da mente, que os temeo, desaparecem.
 Fadou-me o grão Filinto, hum Vate, hum Nume
 Zoilos! Tremei. Posteridade! E's minha.



AOS FAUSTISSIMOS ANNOS

D A

FIDELISSIMA RAINHA DE PORTUGAL

ELOGIO,

*Recitado no Theatro da Rua dos Condes.
 Anno de 1799.*

A Rispida Estação tumultuosa,
 Que de vapor medonho assombra os ares,
 Que das Eólias grutas desferrolha
 Estrondosos Tufões, e além das nuvens
 O Pélagio arrogante em serras manda;
 Esse triste Oppressor da Natureza,
 Monarca das horrisonas Procellas,
 Cuja grenha etricada os gélos cobão,

Que

Que arremessa o trovão, que accende o raio
 Na voz terrivel, nos terriveis olhos,
 E, sauloso do Céos, como que intenta
 Fingillo, arremedallo em seus horrores;
 O carrancudo, tenebroso Inverno,
 A face de alto Horóscopo brilhante,
 Foj por Lei divinal, por Lei dos Fados
 Constrangido a despir Tartáreo luto.

Eis dobrando a cervíz, eis bonançoso,
 O Tyranno da Luz sacode as Trévas.
 Respira a Natureza, o Ceo respira,
 Vitreos os Mares, sobre as praias dormem,
 Onde Aquilo rugio Favonio brinca,
 A nascer entre a neve aprendem rosas; * (1)
 Amor sentindo, o Rouxinol se inflamma, *
 Contento, illuso, não conhece o Tempo, *
 Vèlla imagina, e canta a Primavera. *

Surgindo em tanto na purpúrea nuvem,
 Telas trajando, fulgurantes de oiro, *
 De jasmins immortaes a fronte orlada,
 Com risos, que estudou de hum Deos na Face,
 A scintillante Aurora o Pólo esmalta.
 Seus lumes como nunca então raiarão,
 E gota, e gota de maço orvalho
 Que esparzio no teu seio, oh Lysia, oh Patria,
 Foi ledo agoiro, foi suave emblema
 De mil bens, que dos Ceos a ti dimanão.
 Ma-

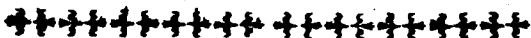
(1) Delil. Jard.

Maria, a Mãe de Heróes, de Heróes a Filha
 A Jove mereceo tão novo Indulto,
 Trouxe tão novo Indulto á Natureza.
 Seu Natal sobresahe aos mais fulgentes
 Quanto no ethéreo Cume, alardeando
 Torrentes de fulgor, que o Pólo inundão,
 Vence o Planeta magestoso, intenso
 Tenue luz, que esmorece em negra Estancia:

Sim, Rainha immortal, se a bem do Mundo
 Prenda tão cara não lhe houvesse dado;
 Se, doce Fruto de amorosa Planta,
 Teu mimo, teu penhor, delicias tuas,
 João, Sangue de Heróes, que o Tejo adora,
 A nossos corações negado fosse
 Ninguem te igualaria áquem dos Numes.

Elles teu grande Horóscopo envolverão
 No immenso resplendor da Eternidade,
 Tua Alma se embebeo na essencia d'elles;
 E ao ponto em que dos Ceos se derivava,
 Abrindo a azul Campina em sulcos de oiro,
 Presumio assombrada a Natureza
 Que radiosa porção vivificante
 Do Facho universal se desprendia.

A Jove teu Natal deveo sorrisos,
 E, attento na mimosa Infancia tua,
 Com rosto affagador te olhou, te disse:
 „ Qual he teu Dia, tal será teu Falo.



CANTATA,

*Recitada no Theatro da Rua dos Condes aos
annos da Serenissima Senhora D. Maria
Theresa. Anno de 1800.*

Milagroso Pincel, Pincel divino,
 Que, os Seculos transpondo,
 Estendes pelo véo da Eternidade
 Teus Quadros magestosos;
 Vida sem morte, Resplendor sem noite,
 Ao Ente humano, graduado em Nume,
 Nova existencia, Doação das Musas!
 Milagroso Pincel, Pincel divino,
 Com teu vário fulgor, com teus matizes |
 Ao Lethes se arrebatá
 O jus terrível de sorver memorias.
 Do Vate a prepotencia
 Commette, arromba do Vindoiro as portas,
 Aos mysterios fataes a névoa rompe,
 E d'outro Sol mais puro
 Attrahe para a Virtude amenos dias.

Quando flammejas,
 Êstro sagrado,
 Sombras do Fado
 Soffrem clarão.

Roubas portentos
Do Archivo eterno,
E até no Averno
Dómas Plutão.

Accelerando os vãos
Meu rápido, fervente, alado Genio,
No sem medida Espaço
O Monstro alcança, tragador das Eras,
Dos Tempos a corrente empolga, ousado;
Innúmeros fuzis de ferro, e de ouro
Tenta, palpa, examina,
E em vasta serie de amorosos dias
Escolhe o mais brilhante,
Desata hum dia, em fim, que raro, ou novo,
Namore a Natureza, os Ceos namore,
E aos Mortaes se afigure
Brando sorriso, com que Jové os honra.
Linda, Real Maria,
Este he teu aureo Dia.
Outros por Lei commum, por Lei constante,
Se esprião sobre o Mundo:
Teu Dia mais cuidado aos Ceos merece,
Teu Dia em modo estranho aclara o Globo.
Musas, Graças, Virtudes
De rosas immortaes croado o sobem
Ao carro, ao gremio da orvalhante Aurora:
A Amada de Titão fastosa o guia,
Brinda com elle a Natureza ufana;
E o brilho desusado,
Que a vitrea superficie ao Téjo esmalta,
Cha-

Chama o ceruleo Nume á flor das agoas.
Em candido tropel das lapas surgem.

As Tágides mimosas :

Fervendo a fôfa espuma em torno dellas,
Como que sente o preço

Dos virginaes thesouros ,

Dos thesouros de Amor , em parte avaros.

Eis no esplendor que vestem

O Pólo , a Terra , as Ondas ,

O ledo , niveo Coro embebe os olhos ;

Eis desenfrêa a voz , que enfrêa os Euros ,

E em mágicas torrentes de Harmonia

Os Corações se perdem.

Qual o Ismario Cantor , Prole Febéa ,

Em arvores , em rochas ,

Em Tigres , em Leões reinou co a Lyra ,

Ou sobre Ausonia Scena

Quaes , Crescentini , teus milagres são ,

Assim do patrio Téjo as Filhas bellas

Urdem , modulão versos

Ao Natal de Maria ,

De João , de Carlota ao Regio Fruto !

A's Primicias gentis de Amor sagrado :

Como que inda , enlevado

De assombro , de prazer , taes sons escuto :

Salve , formoso dia ,

Tão doce á Natureza ,

Que vales a pureza

Do Olympico fulgor !

O Tempo em honra tua
Das azas se despoja,
E quebrantado arroja
O Ferro assolador.

Sempre, de ti vaidoso,
Deixando os Cyprios Lares,
De Lysia sobre os ares
Brinque, triunfe Amor.

Vão sempre os teus instantes
De bens a bens voando,
Como Favonio brando
Vêa de flor em flor.



ELOGIO

Aos Fausissimos Arnos do Srenissimo Principe Regente, nosso Senhor. Recitado no Theatro da Rua dos Condes. Anno de 1801.

*Lucidum caeli decus, ó colendi
Semper, et culti, date quae precamur
Tempore sacro.*

Horat. Carm. Specul.

HOnra, Patria, Virtude! Oh Leis! Oh Throno!
Objectos venerandos, magestôzoz,
Lustrai na escuridão. que abrange o Mundo,
Do Vate a fantasia erguei de abysmos.

Em tanto que no Ceo renasce o Dia,
Dia eterno, sempar nos Lusos Fastos,
Mordendo-se, escumando, Erynnis vòa
Ante o carro fatal do Deos das Armas,
Onde nuvens de horror gotejão sangue.
Na truculenta mão rodêa o facho,
Crêsta os Favónios, as delicias varre.
De sanhudos Leões ondêa a coma,
Longo rugido horrisono rebrama,
Pelos troncos se amólão dentes, garras.

O bronze alôja em si rivaes do raio ;
 No espectáculo atroz , na scena infesta ,
 Sedentas de hum Futuro ensanguentado ,
 As Furias se embellezão , ri-se a Morte...
 Debalde rebentais , Vulcões do Inferno ,
 Longe , agoiros cruéis : Lysia não treme ,
 Lysia será qual foi , qual he no Globo ,
 Mãe de Herbes , das Nações a flor , o esmalte
 Da Virtude esplendor , da Gloria Templo ,
 Pomposo Torreão de fôrrea base ;
 Lysia abraça o pavez de eternos Fados ;
 Se Lysia baquear , baquêa o Mundo :
 Hum Deos não he perjuro , hum Deos não mente

Range os dentes Ismar , anhêla a Preza ,
 Urrão de Libya os Monstros , amotinão
 O Mar , a Terra , o Ceo com grita horrenda .
 Eis que de rósea cor se veste o Pólo ,
 O Ar , porque espera hum Deos , o ornato apura
 Assoma o Recto , o Sabio , o Grande , o Tudo :
 Vacilla a Natureza ao pezo enorme .
 Elle olha , e deste olhar vê Campo . e Campo .

Reluz o amor , o esforço , a fé nos Lusos ,
 Na bruta Multidão negreja o Crime ;
 Da Traição , da Avareza os Genios torvos ,
 As Serpes da Blasfemia , em roda aos Impios ,
 Por aqui , por alli sibilão , trão .

A Voz , freio aos Tufões , amelga o Nome ;
 Ao Guerreiro Christão , que os Seus inflamma .

O triumpho assegura, e fada os Lusos,
 Ao Solio Portuguez submette os Tempos,
 Co' a Sacro-santa Mão lhe descortina
 Fervendo o Ganges por ceder-lhe as Palmas;
 Delle homenagem recebendo o Téjo,
 Usado, recostado á urna de ouro;
 Montanhas de troféos ao longe, ao perto.
 E sempre illustre a Paz, illustre a Guerra.

Desapparece o Deos, mas fica Affonso,
 E de Affonso no ferro espantos brilhaõ:
 Sahe d'elle estronho, morte, horror, victoria,
 Não soffre ameiz, escudo, he raio o ferro.
 E cada Portuguez Leão se antolha,
 Que, rebanhados Toirões assaltando,
 Atassalha, desfaz, estróe, devóra.

Lá nos ares de Ourique inda vaguetto
 Sagra los ecos da Palavra augusta,
 E das Turbas fieis, do Heróe terrivel
 Inda o márcio rebombo estruge os valles.

Eia, enleva-te, oh Lygia, em teus Destinos,
 Hum Deos te petilhou, te dá, te escuda
 Os Dias de JOÃO, saudaveis Dias,
 Claros, celestes, como a Luz que, eterna,
 Que, immensa, resplandece além dos Astros.
 Quaes forão teus Avós serãõ teus Filhos,
 Leaes, ardentes, invenciveis, grandes.
 Nos olhos de JOÃO se nutre a Gloria,
 Basta volvêllos; Heroismo he tudo.

Virá, virá de novo a Paz mimósa
 Com sorriso gentil dourár teu clima ;
 As Furias outra vez aferrolhadas
 Na masmorra infernal darão bramidos,
 Em quanto do áureo Téjo á lisa margem ;
 No formoso Terreno, onde se encantão
 Flora, as Graças, Amor, Favónios, Musas,
 Hymnos mandando ao Ceo teus Povos ledos,
 Sentirão palpitar, ferver no peito
 Branda ternura, que humedece os olhos,
 Pranto mais doce, mais fiel que o riso ;
 E, sem que a Gloria nas delicias turve,
 Transportado verá banhar teu seio
 Correntes do prazer, de que he a Origem,
 O magnanimo Heróe, da Patria Nume,
 Esse, em cujo Natál florece o Mundo,
 João, mimo d'hum Deos, d'hum Deos Imagem.



E L O G I O

Aos Fanciissimos Annos do Serenissimo Principe Regente de Portugal. Anno 1801.

*Serus, in Caelum redeas, diluque
Latus intersis Populo.*

Horat. Lib. 1 Od. 2.

Que alegre, desdobrando o véo de rosas,
Que amena resurgio, que abrilhantada
De estreme, de amorosa claridade
A Effora de João no Céu de Lysia!

Oh Plaga superior ás Plagas todas,
Que deste ao Mundo antigo hum novo Mundo,
Que, immensa no valor, no espaço curta,
Transcendeste os confins da Humanidade,
Levaste execução lá onde apenas
Ousára abalançar-se o pensamento!
Nesta Luz singular, neste áureo Dia,
Da eterna Protecção penhor formoso,
Trouxe de novo a ti mil dons Celestes
O Genio tutelar, que escuda, e véla,
Grão Ministro de Jove, os teus Destinos,
Que vassallagem firme ás Leis, ao Throno
Em teu seio arreigou, nutrio, reforça,
Qual

Qual Planta ingente, que, abarbatado, as Ervas
Opulenta de aroma, flores, fructos,
Na vilçosa altivez penetra, invade
A Terra co' a raiz, os Ceos co' a rama.

Recrea-te, oh Nação: Divino Indulto
Além da meta humana alcançou teu lustre.
Colossos gigantêos no Mar se abysmão,
Marmóreos Torreões dão baque horrendo,
Da Fortuna as Montanhas se desabão,
Deste, daquelle Imperio morre a Fama:
O Médo, o Assyrio cahe, cahe Roma, e Grecia;
Maravilhas do Globo, e ferros delle;
Mas Fado universal não he teu Fado:
Gravame acerbo, aspérrimo tributo,
Males, que a tudo impõe, não ousa impôr-te
O Tyranno commum, Rei de ruinas.
Elle acata a Nação no Heróe que a mandá,
Nos Heróes que a mandarão, que a subirão
A' grandeza, ao nivel do Lacio Nome.

Deoses na mente, se Mortaes na essencia,
Co' a Rectidão por norma, os Pais de Lysia,
Os Monarcas do Téjo á Patria derão
Leis amigas do Ceo, do Mundo amigas,
Leis, que hum Deos confirmou, porque erão suas.

Magnanimos Leões Leões produzem,
Frouxo arbusto não he do Cedro a prole.
Affonsos, Manoeis, Dinizes, Sanchos,
De vós, igual a vós, João proveio.

Decreto, pelos Numes promulgado,
 Transpôz de dextra em dextra o Sceptro Luso;
 Até parar na Mão, que ha de empunhallo
 Com tão vasto esplendor, que a Terra espante,
 Com tanta duração, que espante os Evos.

Astréa, a Paz, o Amor, Virtude, e Graças,
 No mais que doce jugo embellezados,
 Volvem dos Astros, sem saber que volvem,
 O Olympo esquecem, de João no Imperio,
 E supõem convertida em Tempos de ouro
 Negra Idade de horror, que os pôz em fuga.

A Turba ethérea, ladeando o Solio,
 Bafeja o coração do Regis Moço:
 Allí derrama da Clemencia o néctar,
 Allí, Deidade austera, allí, Justiça,
 Teu ríspido amargor com elle adoça;
 N'alma idéas prestantes lhe aposenta,
 Arduas combinações lhe induz, lhe aplana;
 Politica sublime entre ellas surge,
 Onde a Sagacidade abrange a Honra;
 N'um quadro luminoso o bem da Patria
 Ante a Face Real prospéra, avulta:
 O Presente, o Porvir fulgurão nella.

Oh tu de hum Deos Contemporânea augusta,
 Voragem onde os Secúlos sossobráo,
 Ignota, veneranda Eternidade!
 Debalde te abarrearão teus Arcanos
 Contra audaz Invasão da Idéa em chammas.

Me-

Metal de mais vigor que o bronze, e o ferro,
 Recondito aos Morraes, compõe teus Muros;
 A névoa dos Mystérios se rodêa;
 Mas despedindo o vate ardentes vãos,
 A quem deixando o Globo, o vento, as nuvens,
 Qual a que arrosta o Sol, e empolga o Raio;
 A eternos Penetrâes os hombros mette,
 Obstaculos derrubã, e lê nos Fados.

Lá onde altos Futuros magestosos
 Em sagrado silencio envoltos dormem,
 A todos sobre ahe Destino excelso
 Do generoso Herde, que rege os Lusos,
 Que impera co' a virtude, e não co' a força,
 Que, inda mais que no sangue, em si têm base
 A inviolavel direito, ao jus supremo
 De ser na Terra o que no Olympo he Jove.

Sim, PRINCFE immortal, se a longa Serie
 De teus grandes Avós te não guiasse
 A' brilhante emnencia, onde te adora
 Nos Hemisferios dois hum Povo immenso,
 Sempre nos coraçõs houveras Throno.
 A tua gloria és tu, contigo brilhas;
 Por ti fogem de nós communs desastres,
 Venturas entre nós por ti florecem.
 O Ceo te inspira, o Ceo te galardõa,
 E ethéreo resplendor teus annos crõa.



*Congratulação ao Príncipe, e à Patria,
na Paz Universal.*

*Ferrea primum
Desinet, ac toto surget, Gens aurea Mundo.*

Virgil. Eclog. 4.

Pezayão sobre a Terra os férreos Tempos;
Do facho das Euménides saltava
Em centelha, e centelha hum novo crime,
Estranho aos Homens, e usual no Avemo:
Ardia o coração da triste Europa
Em chammas, que a Discordia reforçava
Co' ardor, que zune, estala, ondêa, eterno,
Nas fragoas immortaes do horrivel Pluto.
Pelo amplo Continente, e além dos Mares
Entravão, bravejando, as Leis, e as Furias;
Ceres espavorida os ermos campos
Ao Numen da matança abandonava;
De iniquas Mãos espólio, o dócil Bruto,
Socio fiel do valido Colono,
A robusta cerviz curvava ao ferro,
A robusta cerviz, que déra ao jugo.
Era sonho a Razão, systema o Crime,
Era fado a Cruexa, instincto a Guerra
No atónito, infeliz, sanguineo Globo.

O Chão resurgis ; inerte , opáco ,
Do abysmo , onde o sumiste , oh Ente immenso!

Em hórridos Balxeis trovões de bronze
No alto Oceano alardeavão mortes :
O duro Inglez , o Déspota dos Mares ,
Torrente universal de cem Victorias
Sustinha , reprezava ao Gallo ovante.
Albion , portentosa , invulneravel ,
De espumas , e troféos cingida , ufana ,
Co' as barreiras equóreas blasonando ,
A's miseras Nações atropeladas
Mostrava o brio illeso , immune o seio ,
Da Pátria o santo Amor perenné , intacto.

Delirante ambição de falsa Gloria
Na Gallia turbulenta , e já não culta ,
O peito revolvía aos igneos Martes.
Nas azas da Invasão transpunhão Serras ;
Aos rápidos Guetteiros se antolhavão
Valles os Pyrenéos , planicie os Alpes ,
(Colossos , que dos Ceos o pezo aturão)
Iberia vacillou , tremeo Germania ,
As Aguias , os Leões se acobardárão :
Iberia , que fez face aos Reis do Mundo ,
Do Mundo á Capital , e a grão Germania ,
Q' outr' hora as Legiões sorveo de Roma ,
Forçando o seu Týranno a dó pezado.

Tu , Flet das Regiões , formosa Italia !
Dos Fabricios , dos Régulos , dos Fabios ,

Dos Brutes, dos Carões tu Mãi, tu Nume!
 Oh Fôco da Grandeza, e do Heroismo!
 Rival da Grecia, vencedora, herdeira!
 Viste Milagres seus desarraigados
 De teu seio gentil, só digno dellés!
 Insana Usurpação, brutal Rapina
 Extorquio, profanou, desfez Portentos,
 Sacros á furia de Hyperbóreos Monstros,
 Da tragadora Idade á furia sacros.
 As mestas Artes, co' a melhor na frente,
 (Aquella que os Herbes ergue da Morte,
 E em metro venerando os perpetúa)
 Carpindo-se, abraçando-se, fugião.
 Teus Póvos, Infeliz, teus cultos Póvos,
 Dados ao ferro, á chamma, o Ceo rasgavão
 Em lamentos, em ais, saudades tinhão
 Do Sceptro que os Caligulas mancharão
 Do Tempo em que os Tyrannos forão Deoses.

Ai! Que fária a miseranda Ausonia,
 Sem ter Camillos, que oppozesse aos Brennos!
 Afeito a dasdejar Tartáreas flammás,
 O Vesuvio pasmou do estranho Incendio,
 E de enorme Vulcão por entré as faucés
 Alcandó o torvo Dite a fronte adusta,
 Quanto vira no Inferno olhou no Mundo.
 O Mundo agonizava... oh Ceos! Nem Lysia,
 A que á Sombra de Jóve astêa o côlo,
 Nem Lysia se eximio do Mal nefando,
 Lysia, de hum Semideos Herança, e Patria!
 Nos seus, imagem vossa, Elysies Campos,

Já bramia o Furor, manava o Sangue,
 Já... mas subito, á Vóz do Omnipotente,
 Que os Aquilões nos Zéfyrós converte,
 Recolhe as azas a Procella immensa,
 Librada sobre o lugubre Universo.

Ante o Solio, de innumerós Luzeiros,
 Que alumia os Salões da Eternidade,
 Teu nome, alto João, e as preces tuas
 Contra o commum Flagello empenhos forão.
 „ Eia, Ministros meus: em risco he Lysia;
 (D'entre milhões de Sóes o Eterno exclama)
 Se a quiz experimentar, salvalla quero.
 A Promessa de hum Deos não retrocede,
 E della inda lembrado Ourique exulta.
 O que Affonso escutou João merece.
 As Virtudes do Avô melhora o Néto:
 Vós sabeis ante mim quanto differe
 O pacifico Heróe do Heróe guerreiro.
 Momento, em que hei fadado a Paz do Globo,
 Anexo-ae prigo está, que Lysia corre.
 Hide, Espiritos meus, Concórdia, vóa:
 Azedos Corações adóce o nectar,
 Que entorna em meus Jardins manhã sem noite.
 Concurrentes Nações = Britannia, Gallia =
 Deponhão tímbrés vãos, tenaz orgulho,
 Em laço fraternal suffoquem odios,
 De que deixei pender do Mundo a Sorte.
 Arcanos, que nem mesmo a vós se aclarão,
 Em Penetraes de bronze a mim só francos,
 Do universal Contagio o fim permittem.

Ethérea Viração comvosco adeje,
 Que varra aos ares do Orbe a estygia Peste.
 C'um aceno abysmai no-Averno as Furias:
 Por h'ora sobre a Terra apenas fiquem
 Os erros dos Mortaes, innatos erros,
 Té que os lave o Remorso á Natureza.
 O Commercio prospere, as Artes brilhem,
 Floreça a Paz, a Industria, a Gloria, Tudo.
 Os Homens o pareçáo: ,, disse, e fez-se.

Fmfm, PRINCIPLE Augusto, emfim, poderáo
 Teu rogo, incensos teus dobrar hum Nume!
 O que ao Mundo negou por Ti lhe outorga:
 Lysia vale o Universo ante seus Olhos.
 Imagem do teu Deos, Pai de teu Povo,
 Inunda o coração dos bens que esparges,
 Exulta, vive, reina, e brando acolhe
 Offrenda, que a teus pés depõem submisso
 Quem, dado ás Musas, e anhelando a Fama,
 Se honra em teu Jugo, tuas Leis adora.

ELOGIO

*Aos prósperos Annos da Serenissima Princeza
do Brazil, a Senhora D. Carlota. Recit-
tado no Theatro da Rua dos Condos,
Anno de 1801.*

TU, patente á Razão, velado aos olhos,
Monarca do Universo, Alma de tudo,
Immenso, que em ti Mesmo apenas estás,
Que tens no Ser, na mão, na voz, no acento
Fados, Eternidade, Omnipotencia,
De que o Raio he pregão, e o Mundo he prova:
Ah! Manda que teus jubilos sem conto,
Que Elysias fiores, Zephyros do Olympo
Crêem, bafejem de Carlota o diz;
Que o Sol, que o teu reflexo, a imagem tua,
Com elle avive a púrpura d' Aurora,
Com elle regozije, adorne, altée,
Gradue em Divindade a Natureza,
E vá com elle, ovante, além das Eras.

Prole de hum Semideos, Esposa de outro,
De outro, inferior, oh Jove, a ti sómente,
Carlota he de teus dons, de teus thesouros
Nas graças, no attractivo, a flor, o extremo.
Qual no Ceo reluzio quando, infa isenta
Da corpórea prizão, sua alma bella

Serenia de astro em astro vagueava,
 Qual no Ceo reluzio, reluz na Terra.
 Em seu candido rosto encantos brilhão,
 Razão lustrosa lhe aravia a mente,
 Sorrisos a grandeza lhe temperão:
 Tem mais sublime a indole que a Sorte,
 Maior o coração que a Dignidade.
 Aos ais do Afflicto, do Infeliz aos prantos
 Desde o cimo da Gloria, e da Ventura
 Dá materno favor, materno ouvido,
 Emulando, apár delle, os mil portentos
 Do Consorte immortal, do Heróe piedoso,
 Por quem, de aureas delicias esmaltado,
 O Ceo de Lusitania, as trevas despe,
 E he qual foi quando assidua Primavera
 Cobrio de virações, orneou de rósas
 Ao tenro Globo a superficie amena,
 Quando em correntes susurrava o nectar,
 E, o mesmo no Zenith, ou no Horisonte,
 O Sol benignos lumes espraiava,
 Benignos lumes, como espraiava a Lua,
 Se com pleno fulgor platea os mares.

Os Idolos da Patria, o Par brilhante,
 Dos Mortaes o Esplendor, João, Carlota,
 Oh Rei da Eternidade, oh Rei dos Fados;
 No Throno avito, heroico, á Sombra tua,
 De Seculos, e Seculos triunfem:
 Delle, della se esquivem Tempo, e Morte,
 Dure-lhe a vida o que durar seu nome.

O Têjo despejando as urnas de ouro,
 A's plantas lhes deponha o grão tributo,
 Té que, a terrestre Máquina abysmando,
 Sorva Tempos mortaes o Tempo eterno.
 Tua Respiração, dos Ceos perfume,
 Purifique o Natal formoso, e caro,
 Em que ufana, em que activa a Natureza
 Se enleva, se revê, se ri, se encanta.

Já de Saturno as E'pocas voarão,
 Férrea, medonha Idade aggrava os Entes.
 Ah! D'entre os mortos Seculos surgindo,
 Envôlto em rósas, o melhor dos dias,
 Dos dias que perdeu console o Mundo.

Taes, e tantas de Lysia as preces forão
 Ante o Solio de Jôve, e delle ouvidas
 Colhêrão, n'um Sorriso Omnipotente
 Da implorada Mercê penhor, e annuncio.

São mimosos do Fado, a Jôve acceitos,
 Cobre a Sombra d'hum Deos João, Carlota:
 Modelo das Nações! Oh Patria! Exulta.



E L O G I O

Aos Fausissimos Annos da Serenissima Princeza do Brazil, Viuva, recitado no Theatro do Salitre em 1798.

S Acro Delirio, creadôra Insania,
 Que, não paga de hũ Deos, de hũ Ceo não paga,
 Ousaste pregoar mais Ceos, mais Deoses;
 Opulenta, indomavel Fantasia
 Dos Homens quasi Numes, que, invadindo
 Os bronzeos Penetraes da Eternidade,
 Presumiste erigir no centro della
 O Paço a Jové, o Tribunal aos Fados,
 Os Astros povoar de vãs Deidades,
 E, esforçando o terror da Natureza,
 Depois arremeter do Averno ás portas,
 Sumir teus vãos pelo immenso Abysmo,
 Erguer Plutão sanhudo em ferreo Throno,
 Fingillo ao Medo, figurallo ao Crime
 Regendo as Furias, legislando á Morte:
 Oh Genios sem limite, oh vós, que outrora
 Daveis aromas, Templo, Altar, Ministros
 A' Virtude immortal das Almas bellas,
 Mais puras, mais brilhantes, mais formosas
 Que o filtrado clarão das Eras de ouro!
 Manes, sagrados Manes, se, arrombando
 Da Existencia, e do Nada o muro eterno,

Volvesseis a vagar no Globo infausto,
 No Globo já corrupto, e não lustroso
 Do primevo esplendor! Se ao alto olhando
 Por entre a névoa de apinhados vícios,
 (Semente nunca estéril no Universo)
 Visseis em summo grão, remoto delles,
 Luzir dos hymnos meus o grande Objecto,
 Luzir Maria, a singular Maria,
 Próle de Reis, de Heróes, de Semideoses,
 De Império Universal por si crecôra,
 Maior que os Fados seus, maior que a Fama!
 Irieis com transporte, e jus mais santo
 Sagar-lhe aromas, Templo, Altar, Ministros.

Seu Dia, que deveo aos Ceos cuidado,
 É no Sol, como os mais, não teve origem,
 Seu risonho Natal, quasi tão puro
 Como o seu Coração, deo hoje á Terra
 Prazeres, cuja idéa encantadora
 Foi ao Estro Direcção talvez negada.

Hoje Aurora surgiu não somnolenta,
 Hoje Aurora, anhelando anticipar-se,
 Na orvalhosa madeixa desparzira
 Almos perfumes, a que cede o nectar,
 Flores, que dispuzera, e que zelava
 Nos Elysios Jardins Cultor divino,
 Para toucatem a manhã mais bella,
 A mais bella manhã, que sobre o Têjo
 Em chuveiros as Graças derramando,
 A' superficie azul subtis cardumes

raio dos Favonios brincadores,
 mais doce fragrança enfeitados,
 ns após outros desdenhando as rosas.

rio-se, como nunca, o Rei dos Entes
 ponto em que raiou tão fausto Dia,
 entre os ethereos orbes deslizado;
 rio-se, e reflectio no Ceo, na Terra,
 face festival da Natureza
 adoravel Sorriso Omnipotente,
 paz de produzir mil Sões, mil Mundos,
 rcer os Fados, e alegrar o Inferno.

tão, a eternas Leis curvado o Tempo,
 corrente fatal dos Bens, dos Males,
 que he vida este anel, e aquelle he morte,
 Tempo então, depondo a fouce, as aças,
 lio aureo fusil, tão reforçado,
 e o desábrido assalto, o pezo, o encontro
 s Seculos em chusma, o não rompessem:
 ve tanto a Virtude ás Divindades!

, brilhante Fusil, és a existencia
 Regia, da maguaníma Heroína,
 e n'alma florecente o Ceo resume;
 gusta Coração, cuja grandeza
 ando aos Miseros desce aos Astros sóbe,
 colhe em galardão a Eternidade.

canto Universal, Matrona excelsa,
 mo que ao Templo ingente, onde a Memoria
 Cons-

**Construe estátuas, que não rõe a Idade,
Erguido, arrebatado o pensamento,
Por entre as altas Cópias venerandas
Daquellas que transpõem o horror do Lethes;
Lá vê sobresahir a Imagem tua,
E lê na, que a sustem, perpétua base:
A Gloria de Maria he mais que a vossa:
Ao Bronze superior curvai-vos, Bronzes,**

P O E S I A S.



A ESTANCIA DO FADO,
ELOGIO DRAMATICO,

*Reeditado no Real Theatro de S. Carlos, no dia
natalicio da Serenissima Senhora D. Ma-
ria Theresa. Anno de 1797.*

A C T O R E S.

O Fado.

O Genio Lusitano.

Lysia.

A Scena se figura na Estancia do Fado.



S C E N A I.

O Fado, e o Genio Lusitano.

Genio.

OH tu, que já severo, e já benigno,
Ou prostras, ou mantens, ou dás, ou tiras,
Des

Despótico Senhor da Natureza,
 Ente, de cujas Leis he tudo escravo,
 Hoje desenrugada, a fronte augusta
 Affavel te promette ás pções minhas.
 Ministro pontual dos teus Decrétos,
 Eu, que ha tantas Idades vélo, oh Fado,
 Na gloria, no esplendor da egrégia Lysia,
 De brilhantes Heróes origem pura,
 Eu por ella te invoco: alto Interesse
 A dirige, a conduz ante o súpremo
 Throno, onde reinas, adoravel Throno,
 Escorado na immensa Eternidade.

Dá que a teu grão Poder curvando a frente,
 Honrada ha muito de Apollinea rama,
 Lysia teus dons benéficos imploro.
 De tudo quanto abrange a longa Terra
 Nada tão digno de encarar seu Solio.

Fado.

Magnanimá, fiel, constante, invicta,
 Lysia, qual a formei, dá lustre ao Mundo;
 Ante o seu gosto minhas Leis se tórcem:
 Tens influxo, oh Virtude, até no Fado.
 Venha, merece olhar-me, ouvir merece
 A vóz que ao proprio Jove o Throno abala;
 Toque a vedada, sempiterna Estancia
 Por onde em turbilhões Mystérios tervem.
 Gloria, aos Mortaes defesa, a Lysia cabe.
O Genio via conduzir Lysia.

SCENA II.

*Lysia, e os mesmos.**Lysia.*

Fado, Príncipe immortal da Eternidade!
 Numen, de cujas mãos está pendente
 Cadêa em que os fusis são bens, e males,
 A Desgraça, a Ventura, a Morte, a Vida;
 Dos Tempos Movedor infatigavel,
 Que de lédas, pasmosas, tristes Scenas,
 De Espectáculos mil sempre matiza
 A curva superficie ao térreo Globo!
 Se desde que' assomei luzi no Mundo,
 Se a tua protecção, comigo estavel,
 Das mais claras Nações me fez modelo;
 Se, escudada por ti, dei ser, dei pasto
 A' bella Emulação, e á fea Inveja,
 Se de illustres acções doirei a Historia,
 Se a firme Tradição croei de assombros,
 Se meu brado esparzi de Clima em Clima
 Nas férreas tubas da volátil Fama,
 Atando em áureo nó Virtude, e Gloria;
 Se enfim, qual sempre foste, és inda, oh Nume,
 Para os desejos meus benigno, facil,
 Summa razão, que os móve, os felicite.

Fado.

O passado, o presente, o que inda ignóto
 He aos cégos Mortaes, perante o Fado
 Tão claros, n'hum só ponto, resplandecem

Co-

Como rutila o Sol no aéreo Cumé.
 Deves, Lysia, porém, gozar o indulto
 De livremente expôr teus sãos desejos.
 Ao que Lysia appetite o Fado annúe.

Lysia.

A promessa immutavel que te escuto
 Affectos mil no coração me agita,
 De altas idéas me povôa a mente.

Destinada por ti ao grande objecto
 De honrar o Mundo, e propagar portentos;
 Mãi fecunda de Herôes, teus fins cumprindo,
 Sementes espalhei, de que brotarão
 Candidas Flores, generosos Fruetos.

Desvelada, incansavel, conduzindo
 Por entre abrólhos, precipicios, trances
 A minha Prôle audaz, a Lusa Gente,
 Com ella commetti, pizei com ella
 O quasi inaccessible Monte ameno,
 Onde reside a perennal Memoria.

Com arrojado pé fomos subindo
 Os marmóreos degrãos do ethéreo Templo;
 E, os estreitos Vestibulos entrando,
 Vida sem fim, mortal Eternidade
 Corremos a colher nas Aras de ouro.

A' Turba dos Herôes que alli brilhavão,
 Luzeiros immortaes de Grecia, e Roma,

Estranheza não fez a nossa entrada:
 Curvas as crespas, laureadas frentes,
 Com sorriso amigavel nos saudário.

Do baso empestador, que sahe dos vicios,
 Jámais os Fructos meus crestados forão:
 Salvos da corrupção, a Idade os traga;
 Puros, formosos, como vivem, morrem.

Mas dos ramos desta Arvore, que alcança
 Os Hemisférios dois co' a vasta sombra,
 Tão viçoso nenhum, nenhum tão digno
 Do amor da Terra, da attenção do Fado
 Como o que eu distingui de mil que nutro:
 He de Bragança o Ramo, o Ramo anoso,
 De raras Produções sempre adornado,
 Este, cuja Grandeza anhele, adoro.
 Em huma, em outra Idade o viste, oh Nume,
 Ao bravo repelão de horriveis Euros,
 De Procéllas fataes illéo, immovel;
 Viste-o dar leis a si, dar leis a tantos,
 Unit ao Mando Augusto Augusto Exemplo,
 Assombrosos Heróes crear co' a vista.

Por esta de Mortaes quasi divinos
 Abalizada Estirpe, a ti recorro
 Neste Dia entre os meus de huma Sol mais puro.
 Maria, o tenro, o candido Renovo
 Da Planta que idolatro, eximio Fructo,
 Doces Primicias, e Penhor sagrado

De caro, insigne Par, João, Carlota,
 Dos Lusos Corações Idolo, e Gloria:
 Maria hoje raiou no alegre Mundo,
 Hoje na cubra nuvem scintillante,
 De rosas, e jasmims bordando os ares,
 Aurora appareceo c'hum riso novo;
 Hoje o suave, cristalino orvalho
 Mais alvo, e mais subtil cahio nas flores;
 O lédo Rouxinol, prazer dos bosques,
 Novos sons estudou para este Dia;
 Tornou-se mais formosa a Natureza;
 Nas Montanhas vestio, vestio nos Prados
 Mais lustroso matiz a Primavera,
 E agora que renasce este almo instante
 As nuvens despe o Ceo, e o Pégo as ondas:
 Qual outr' hora exultará o Mundo exulta.

A seus, e a meus transportes se propicio,
 Satisfaze os Mortaes, ordena, oh Fado,
 Que Febo vezes mil no plaustro de ouro
 Com Dia tão feliz prospere a Terra;
 Ordena que mil vezes se renovem
 Annos brilhantes na Vergôntea bella,
 Na régia Producção de Tronco excelso.
 Franquêa aos olhos meus, franquêa, oh Numa,
 O Tropel de recônditos Mystérios,
 Sumido em negros véos, eternas sombras;
 Aclara, desenvolve a meus desejos
 Altos Futuros da gentil Princeza.

Genio.

As' preces que te envia eu uno as minhas:
Amor, Virtude, Gratidão te implorão.

Fado.

Eis o mais amplo Dom que pôde o Fado
Para vós extrahir de seus Thesouros.
Silencio, que eu desligo, eu desentranho
Da Noite do Vindouro os Bens supremos
Que á Princesa immortal propicio guardo.

Fulgentes como a Luz que resplandece.
Na pura Habitação da Eternidade,
Seus Destinos vereis, vereis seus Dias.
Da generosa Avó, do Pai sublime,
Da idolatrada Mãi Retrato egregio,
Virtudes, perfeições em si juntando,
Por mil raras Espiritos dispersas,
A mimosa, gentil, Real Maria
Dará novo esplendor á digna Patria.
Como o formoso Ismão no avito Imperio
Dará sagradas Leis em Clima estranho,
Leis, amigas do Ceo, do Mundo amigas.
Ligada em áureo nó, com fausto agoiro,
A Régio, claro Heróe, crédor, de obtiella,
Fará que a seu louvor não baste a Fama,
E cance de espalhar-lhe as maravilhas.
Seus Thesouros serão, será seu Throno
Asylo maternal dos Malfadados,
Almo Refugio da Virtude oppressa,

Da ~~sa~~ Justiça, da Innocencia amavel:
 Tristes que a virem ficarão contentes.
 Mérito, e Galardão, Delicto, e Pena
 Debaixo do seu Jugo hão de enlaçar-se;
 Por muito, e muito que a Fortuna a brinde,
 Mais ha de conferir-lhe a Natureza.

Tantas vezes o Sol trará seu Dia,
 Seu Dia, pelas Graças enfeitado,
 Que, antes que cêsse de guiallo ao Mundo
 Com tanto resplendor, qual hoje o doira,
 Hão de esparzir-se nos cerúleos ares
 Rôtas as rédeas dos Ethontes fulvos.

Vai, *Lysia*, volve aos teus; co' a face augusta
 Regozija os Mortaes, de ti saudosos.
 O Fado o proferio: mil Bens te esperão.

Lysia.

Graças, Numen clemente. Eu corro, eu corro
 A derramar na Terra o grande anúncio.

Genio.

Lysia, *Lysia* feliz! Comigo exulta.
 Tudo se cumprirá: não mente o Fado,



E L O G I O

Aos Faustissimos Annos do Serenissimo Principe Regente de Portugal. Anno 1803.

*. Ipse tibi jam brachia contrahit ardens
Scorpius, & Caeli justâ plus parte relinquit.*

Virg. Georg. Lib. 1.

O H Lustres do Salão radioso, immenso,
Fonte invisível dos visíveis Astros!
Em torrentes de luz, perennes, vossas,
Sem que naufrague a mente, he jus do Vate
Sondar a Eternidade, abrir os Fados.

Sorria-se na Terra o Mez das flores,
Espelho erão dos Ceos as vitreás ondas;
Do azul Favonio, da punicea Rosa
Ténues suspiros, candidos perfumes
A léda Natureza embellezavão.

Eis ante o Rei de tudo Heróe que outr'ora
Gozára entre os Mortaes o grão de Nume,
O claro Fundador do Luso Imperio,
Dos altos Promontorios a saudade,
Aquelle, cujo nome os patrios Ecos

Com

Com lúgubre memoria inda proferem,
 Curvo o joelho, súplice a palavra,
 Pios desejos exprimo dest'arte: „

„ Grão Ser, que da medonha, antiga Massa
 D'hum a vez extrahiste o térreo Globo,
 Que n'um sorriso os Ceos, e o Sol creaste!
 Dá complacente ouvido ás preces minhas.

O Imperio Occidental, por ti doado
 A mim, e ao sangue meu, que as Leis te adora,
 O Imperio Occidental, Theatro annoso
 De inúmeros portentos, de alta gloria,
 A Plaga venturosa, o doce Clima,
 (Que já sagraste co' a Presença tua)
 Lustra de novos dons, de timbres novos,
 Em virtude, em grandeza, em magestade.
 A Planta, de que fui raiz fecunda,
 Sempre mimosa de teu almo Influxo,
 Bróte por Ordem tua hum fructo ameno,
 Que adorne, encante, aformosêe a Terra.

De Lysia velador, propicio Genio
 Tu me elegeste, oh Deos. Eu guardo, eu zelo
 Fiel, grata Nação: mil e mil vezes
 Se apurão no esplendor da Eternidade
 Incensos que te dá meu Povo amado.
 Requistada ventura, hum lustre, ignoto
 Ao resto dos Mortaes, o galardõe:
 Primario Templo teu no Mundo he Lysia,
 Quasi como he nos Ceos, he lá teu Culto. „
 Taes,

Taes, e tantas de Affonso as preces forão,
E ás preces annuo o Author dos Astros.

Revolve a Mão Suprema o Cofre eterno,
E entre milhões de Espiritos fulgentes
Hum que mais brilha, bemfazejo, extrema.

Oh vós, de inextinguivel Claridade
Serenos Filhos! Inpalpaveis Entes!
Nuncios da Terra aos Ceos, dos Ceos á Terra
Quando implora o Mortal, e outorga o Nume!
Vós, leves meneando as alvas plumas,
Ao Solio, que dá leis do Téjo ao Ganges,
Trazeis hum Dia, que atavie os Tempos,
Hum Dom trazeis, que divinize o Mundo.

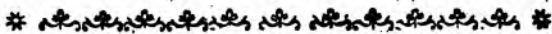
He teu Natal, grande João, tua Alma
Este Dia, este Espirito, fadados
De carácter sem par, de bens sem conta
Pela Vóz que do Sol regula o gyro.

Donativo do Ceo, Prazer da Terra,
Que honras o Mundo todo, e teges parte,
Príncipe excelso, Príncipe adorado,
Enlaças corações em flóreo jugo;
Ternura filial nos diz que reinas,
Não convulso Terror, não Leis de ferro.

Quaes folgão, limpas das terrenas fezes,
Almas formosas nos Elysios prados,

Vagão , risonhos , festivaes teus Povos
Amplio Dominio , que dos Ceos herdaste.

Tarde , mui tarde a teu Principio voltas.
Depois que o Tempo fatigar seus vãos ,
Vá sumir-se contigo a Natureza
No seio da lustrosa Eternidade :
Eis os votos de Lysia , e do Universo.



O NOVO SECULO, ELOGIO DRAMATICO

*Aos Fastissimos Annos do Serenissimo Princi-
pe Regente de Portugal. Recitado no Thea-
tro do Salitre. Anno de 1801.*

A U R O R A .

OH tu , Prole recente , ultima Prole
Do Numen que anniquila o bronze , o ferro ,
Que absorve Gerações , que exerce os Fados ,
Que vai minando o seio á Natureza ,
E como que assoberba Eternidades !
Filho do Tempo , Successor não duro
De Seculo feroz ; de Irmão terrivel ,
Que Európa mergulhou n'um mar de sangue ,
Que a Virtude , a Razão , que as Leis , e a Gloria
Eclipsou , perseguiu , destez sem pejo ;

Té ao bojo infernal cavando abysmos,
 As Furias arrancou da Noire immensa,
 As Furias, que, esparzidas no Universo,
 Todo em Reino da Morte o converterão:
 Graças aos Numes, o Tyranno he cinza,
 O Seculo do horror volveo ao Nada;
 Morta Esperança de viçosos dias
 Resurge devagár, se move a medo;
 Imagem festival de bens vindoiros
 Na térrea superficie emfim vislumbra:
 Por sombrio horizonte apenas ficão
 Rastos sanguineos dos forçados vãos,
 Com que a fera Discordia, a negra Erynnis
 Da peste, que em seu habito dardejão,
 Extensas Regiões purificarão.

Mas os Tartáreos Monstros não repousão,
 Nas extremas da Terra inda retumba
 O medonho clamor que sahe do taio.
 Talvez nova impiedade enlute o Globo,
 Talvez... tão feia idéa os risos furta
 Da face com que alegre a Natureza.

Ah! Tu que aos Penetraes do immobil Fado,
 Lá onde o pensamento a custo adeja,
 Foste a Serie colher, Serie sem conto
 De altos successos, em teu gyro inclusos;
 Tu, que na Estancia onde os Futuros dormem
 Com lume audaz a esturidão venceste,
 E, o gremio do Possivel revolvendo,
 Soubeste se a Ventura, ou se a Desgraça.

Deve sobre esta Máquina indecisa
 Reger Sceptro de ferro, ou Sceptro de ouro,
 Recrêa, oh Numen, cujas Leis supremas
 Observo pontual na rósea Plaga,
 Recrêa indagador, tenaz desejo,
 Abrindo aos olhos meus clarão futuro.

S E C U L O .

Deosa brilhante, que atavião, cobrem
 Grinalda de jasmims, docel de rosas,
 Mãe dos Luzeiros com que douro as vestes,
 Amores de Titão, delicias, mimo,
 Que aljofares entornas sobre as flores,
 Que das puras cristaes ao leve arroyo,
 Sussurro ás virações, gorgêo ás aves,
 E o gosto de existir á Natureza!
 Bem que os mysterios do immutavel Fado
 Envolve escuridão, e acatamento,
 Que do Mundo profano abate os olhos,
 Comtigo, que és Deidade, e Socia minha,
 Comtigo, que do Tempo exerces parte,
 As Leis universaes vogar não devem.
 Enxuga o doce pranto cristalino,
 Que entre as flores de Amor, e a neve, e as graças
 Na face te reluz: socega, escuta.

Aos Mentes sempiternos, onde o Fado
 Em Palacios de bronze as leis promulga,
 Resfolgando subi, subi tremendo

„ O Imperio de João, seus aureos dias
Gozem no Mundo o resplendor do Olympo. „

A U R O R A.

Oh transporte ! Oh ventura ! Oh Ceos ! Oh Fado !
Sendo teu jugo assim , teu jugo adoro.



E L O G I O

*Em parte imitado de Virgilio, e consagrado no
Theatro da Rua dos Condes ao Nascimen-
to da Serenissima Senhora D. Isabel,
Anno de 1801.*

A C T O R.

M Usas, Musas do Téjo, alçai ao Pólo
Versos dignos de Reis, da Patria dignos.
Desenruga-se o Fado, os Tempos volvem
Quaes a Vate Cuméa os vio na mente.
O Mundo se renova, o Caos triste,
Com que oppressa gemia a Natureza,
Em dias se desfaz de riso, e de ouro.
No manto côr de neve Astréa envolta,
As Eras de Saturno á Terra guia;
Desliza-se dos Ceos Estirpe nova,
Sorriso virginal, Penhor Divino
Apura, formosêa os ares nossos;
Em Zefyros mimosos se convertem

Os duros Aquilões; Luzeiro errante
 Surge, rutila da sinistra parte,
 E com faustos Satélites discorre
 Deste a aquelle Horizonte os Ceos de Lysia:
 Ingeute, magestoso, e qual outr' hora
 Dourou a Alma de Julio o Ceo de Roma, (1)
 Fantasmas desvanece, agouros varre.

Salve, casta, benéfica Lucina,
 Fautora do gentil, do amavel Fructo
 Que brota de sagrada, eterna Planta!
 Salve, Prole de Herões, Prole adoravel!
 Tu vens embrandecer com teus encantos
 A férrea Idade, o Seculo das Furias;
 Amor, paz, innocencia ao Mundo offreces
 Dos olhos infantis no doce lume.
 Luzindo, vicejando em mil virtudes,
 Irá teu coração; maior que os annos,
 De glorias eingirá tua existencia,
 Por ti conciliado o Ceo co' a Terra
 Veremos, e por ti verificar-se
 Quanto as Mentes Febéas tem sonhado.
 Nos Tempos de João, nos Tempos nossos
 Ha de o passo de Jove a Patria honrar-nos;
 Hão de os Netos de Luso, ao Deos tão gratos,
 Qual se vive no Ceo, viver no Mundo:
 Mistos os Numes, e os Herões veremos,
 E, se rastos houver do Crime antigo,
 Apagados serão por teus influxos.

De flores se matiza em honra tua

A leda Natureza: o térreo Seio
 Levanta o myrto ameno, a Páfia rosa,
 O Loureiro honrador, e o molle acanto.
 Nas várzeas para ti se está sorrindo,
 De aurea espiga toucado, o Mez de Ceres;
 Vai teus louvores murmurando o Téjo,
 E ao potente Oceano, ao Rei dos Mares
 Leva teu nome, o teu Natal, teus Fados
 Na voz, que adoga ao proferir o annúncio.

Ateão-se entre as alvas, brandas Nynfas
 Doces debates: entre si contendem.
 Qual primeiro abrirá nas vitreas lapas
 Teu Nome idolatrado, e qual primeiro
 Teu aureo Berço, teu virgineo Corpo
 Na téla imitará, com sábia agulha.

Tumultuando os Ceos trovão de bronze,
 Não murcha corações, não tolhe os hymnos
 Que o transporte, que o júbilo desata.
 O Numen da braveza, o Deos do sangue,
 Ouvindo que teu Ser já luz no Mundo,
 Do carro assolador saltando alegre,
 O elmo, a lança, o pavez arremessando,
 Ficará tão sereno, e tão macio,
 Como quando entregava, acezo em gostos,
 De Venus ao regaço a crespa fronte,
 E co' as armas folgando os Amorzinhos,
 Do carácter deposto escarnecião,
 Carácter surdo aos ais, aos prantos surdo,
 Que huns olhos, que hum sorriso amollecêrão.

Me-

Melindrosa, gentil, Real Menina,
 Cópia das Graças, dos Amores, cópia,
 Filha digna dos Pais, delicia delles,
 Cresce, brilha, prospéra, exulta, vive:
 Quaes são teus olhos os teus dias sejam,
 Claros, formosos, innocentes, puros.

Querida Prole, a conhecer começa
 A carinhosa Mãe, que magoaste
 Com agrio pezadume em longos dias;
 Melhora os risos teus nos risos della,
 És Semidéa, ficarás Deidade.

A C T R I Z.

Para o penhor mimoso,
 D'entre os sydereos lumaes,
 Olhai, benignos Entes,
 Olhai, propicios Numes,

A providencia vossa,
 Vosso favor merece
 Quem tanto, oh Divindades,
 Comvesco se parece.

Genio de luz composto
 Côte os cer leos ares,
 E dos Monarcas Lusos
 Orne os pomposos Lares.

Ao marchetado Berço,
Risonho, se aproxime,
E alli requinte as graças
De Espirito sublime.

Seus luminosos Fados
Zelando em cofre de ouro,
Lustre, enriqueça o Mundo
C'o singular Theouro;

Afague a doce Prole
Dos que são mais que humanos:
Della hum só dia occupe
O que não cabe em annos;

E, quando em tardas Eras
Voar d'entre os Mortaes,
O Ceo na posse della
Goze de hum Astro mais.

PRO-

(1) Esta imagem está usurpada por certa Poesia mais moderna.



PRÓLOGO

Para o Drama de Nuno Alvares Pereira, representado no Theatro da Rua dos Condes em 1801.

V Arão digno de Lysia, ou Roma, ou Grecia,
 (Quando Grecia existio, quando houve Rotha)
 Alta Planta de Reis, até dos Mesmos
 Que, só Mortaes na essencia, o Téjo adora;
 Pereira, aos seus, e a si pavez tremendo,
 A Dragos, a Leões Alcides novo,
 Vivo na Tradição, na Historia vivo;
 Aquelle, a cujo ferro, a cujo raio
 Da intriga, da traição cahirão Monstros,
 E rôtas no alicerce, e dertocadas
 As Torres da Ambição, do Orgulho as Torres;
 Aquelle, que, insofrido a jugo estranho,
 Foi base onde João manteve o Solio,
 Que aposta durações co' a Eternidade;
 Nuno, o maior talvez dos Lusos Martes,
 Que á pública Razão, que ao bem da Pátria
 Deo sangue, deo suor, deo pensamentos,
 Que, surdo á Natureza, em gloria absórto,
 No peito anniquilou privado affecto,
 E, de louros sombria a fronte excelsa,
 Fatigadas por Elle as tubas cento,
 Em sagrado Retiro ergueo da Terra

(Cá d'entre os Reis de pouco ao Rei de Tudo)
 A mente, digna só da immensa Idéa,
 Illusões expulsou, despio fantasmas,
 Achou verdade o Homem, sonho o Grande:
 Eis o que hoje na Scena, honrando-a, surge,
 Aos Lusos esplendor, sanidade, exemplo,
 Semente que expellio milhões de assombros
 Na Idade em que medrou, nas que a seguirão.

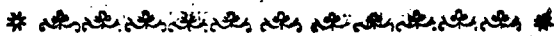
Mas não sómente, oh Patria, o claro Objecto
 Te domine a attenção, te chame os olhos:
 Se abala os corações Carácter grande,
 Infausta Condição quem não commove?

A Musa em que apparece o grão Pereira,
 Negramente fadada, urdio nas sombras
 Difficil tã, que palpava incerta;
 Do miserando Author (1) nos olhos tristes
 Eterna escuridão pousou mais cedo,
 Nos abyssos da Morte, a luz sumido,
 Fervendo em santo amor, que as Leis arreigão,
 Colhe entre espinhos de árida existencia
 Fructos de gloria com que brinde a Patria,
 Propicio nome, que lhe ameigue os Fados.

Que direito ao louvar! Que jus ao pranto!
 Chora seu fado, oh Lysia, honra seu nome.

ELO-

(1) Thomaz Antonio dos Santos, e Silva, meu compatriota, cujo talento, e desventura o assemelhaõ a Milton.



ELOGIO AO PUBLICO,

*Em nome de hum Actor do Theatro da Rua dos
Condes, no dia do seu Beneficio. Anno
de 1803.*

R Equintado artificio além da méta
Tentava da Illusão levar o imperio.
Graças mimosas, feminis encantos,
Espinhosos desdens, macio affago,
Prizão tão doce aos corações, o riso,
E o pranto, aos corações prizão mais doce:
Affectos que dulcíssimos se exhalão
Na voz, órgão de amor, feminea; branda,
Ha pouco, em som viril falsificados,
Hum agro não sei que deixavão n'álma;
De ternas sensações (já dor, já gosto)
Vasio o peito, suspirava encher-se;
O pensamento, o coração pedião
Misto aprazivel de verdade, e engano.

A sabia Natureza, a Mãe das Artes
Eis volve á Scena Lusa, e já com ella
Florece a Formosura, attrahe, sacia
Olhos sedentos, sôffregos ouvidos.
Zenóbia, Elisa, Cleofide acordão
De eterna escuridão, de férreo somno.
Dos Seculos o pezo ei-las sacódem,

E em níveas faces, em purpúreos labios,
 No talhe magestoso, em alma, em tudo,
 Vem reinar sobre a Scena, e são quaes forão:
 O attento Espectador palmêa, exulta,
 E a fonte das paixões borbolha, e corre
 Por flóreo, natural, gentil caminho.

Eú, oh d'alta Ulysséa illustre Povo,
 Eu, de ténues paixões frouxo arremedo
 Em hábito fallaz exercitando,
 Os quadros distingui moraes, e amenos,
 Onde alegre Illusão com risos mente.
 Meu passo, minha voz, vontade, affectos
 A' Natureza emfim se restituem:
 Qual me quiz, qual me quer, qual sou, pratico
 O que Arte escaça, o que mesquinhas Luzes
 A' mente escura, indócil me doarão.

Espectadores meus, que honrais meu dia,
 Risonha complacencia os erros doure
 Do inerte, humilde Actor, que a Patria implora.
 Sede o que fostes, e talvez, surgindo
 D'entre os nomes communs, será meu nome,
 Oh claros Cidadãos, prodigio vosso.



ELOGIO AO PUBLICO,

*Em nome de Leocadia Maria da Serra, nº
dia do seu Benefício, e recitado no Theá-
tro do Salitre em 1799.*

A C T O R.

P Or huma estrada só não se encaminha
O Genio lidador, votado á Fama:
As diversas paixões tem fins diversos,
São diversos os grãos, onde a Virtude,
Onde a Gloria aos Mortaes colloca os nomes.

Por entre o fogo, o pó, e o sangue, e a morte
Raios de ferro, ou bronze arrosta Aquelle:
Arde, freme, esbravêa, arqueja, espuma,
Em quanto, do Espectaculo atterrada,
Parece que recúa a Natureza.

Este em douta vigilia, e reclinado
Da planta de Minerva á sombra amiga,
Estuda os corações, estuda os tempos,
Sonda costumes, caractéres sonda,
E, corrigindo os maís, a si corrige.
Estoutro, desdenhando a baixa Terra,
Nos extasis Phebêos discorre os Astros;
Travão seus olhos do Futuro esquivo,
Da immensa Eternidade arranca os Fados:

Mor-

Mortal na condição, na voz he Nume.
 Renascem Rafeis, Fidias renascem;
 O mágico Pincel prodigios verte,
 E em milagrosas mãos a Pedra vive.

Tu, tambem, raro Dom, tu, Dom lustroso
 De exprimir as paixões, de erguer á vida
 Claros Heróes, que no Sepulcro dormem;
 Tu, ante quem o Avaro ímpetos sente
 De ir desaferrôlhar thesouro inutil,
 Malfetor coração detesta o crime,
 O que em sangue esparzio compensa em pranto,
 E, ou receie o ludibrio, ou ame a gloria,
 O Máo se torna bom, e o Bom, perfeito:
 Portentosa Illusão, que senhorêas,
 Que encantas Corações cõ' a voz, e o gesto,
 Tu na Posteridade aos que te exercem,
 Se és delles dignamente exercitada,
 Classe; e classe não infirma, grangêas.

Quanto ao Sexo mimoso apura as graças
 Est' Arte, a mais Irmã da Natureza!
 Congresso espectador! Vós o sentistes
 Quando Aquella, que he hoje objecto amavel
 De público Favor, pintou nos olhos,
 Nos labios, nas acções, nos ais, nos prantos
 O terror, e a piedade, Alma da Scena,
 O affecto conjugal, e a dor materna,
 Envôlta em longos véos da cor da Morte!
 Benignos Corações, allucinados

De eloquente, pathética apparencia,
 Julgastes ver surgir da morta Idade:
 A Esposa de Raúl, (1) e em mil suspiros
 Mandar o pensamento á Sombra amada.
 Soárão vivas, lagrimas corrêrão,
 Do transporte geral não dubia prova;
 E a tema Gratidão, sagrado affecto,
 Vem tributar-vos sentimentos puros
 Na doce voz da reviventç Elisa. (2)

(Para ella)

Chega, e vê que Espectáculo pomposo,
 De illustres Cidadãos vê que Assembléa
 Concorre a proteger-te, ouve que applauso
 Generoso te exalta, e vai fundando
 Em robusto alicerce a gloria tua.
 Os dois formosos dons = temor, e pejo, =
 Realces de teu Sexo, não supprimão
 Da bella Gratidão sensiveis mostras.
 Sólta a candida voz da singeleza,
 Que em silencio te escuta hum Povo egregio,
 Hum Povo, o mais feliz, e o mais amavel
 De quantos sobre a Máquina terrena
 Prodigios immortaes tem dado á Fama;
 Hum Povo submittido a Leis macias,
 Que a mão de hum Semideos dos Ecos traslada,
 O Povo de João, do Heróe, do Amigo,
 Do Pai commum, do Bemfeitor da Patria,
 Daquelle em que a Virtude he só grandeza,
 Daquelle, que de si por nós se esquece,
 Daquelle em cujos dias luminosos
 D'entre os fuis dos Seculos dormentes

Re-

Rebentão de Saturno os aureos dias.
Enche hum sacro dever, e a voz desprende.

A C T R I Z.

Excelsa Patria minha, Espectadores,
Que tanto, e tanto honrais co' a voz, e os olhos
Meus tímidos ensaios sobre a Scena;
Propicio Tribunal, em que he julgada
Débil Mulher, que pávida caminha
Por espinhosa, incógnita vereda,
Onde o Genio talvez, onde o Costume
Tambem se desacordão, se extravião,
Ou tudo vem do ensino, ou vem do exemplo:
Recentes para mim o exemplo, o ensino,
Fertilizar minha alma inda não podem,
Nem conferir-lhe o tom, nem dar-lhe o gesto
Com que hum animo em outro se converte.
Mas vejo reluzir brilhante agouro,
Que, affagado por vós, me aponta ao longe
Digna da Patria n'um Futuro honroso.

Da Gloria no Horizonte os olhos fito,
E á pública, efficaz Beneficencia
Meus dias consagrando, anhele o tempo
Em que os esforços meus, os meus desvélos
Crô: mais a Razão do que Indulgencia,
E eu clame, decantando alta victoria:
„ Porque he Gloria da Patria, estimo a Gloria:
PRO-

(1) Raül, ou Rodolfo de Vitre, Protagonista na Tragedia do Escravo, composição de Camilo Federici.

(2) A Esposa de Raül.



PRÓLOGO,

Um Argumento da Comedia intitulada = O Extremoso = recitado no Theatro da Rua dos Condes. Anno de 1800.

EXtremos, frenesis, queixumes, prantos:
 Da funesta paixão, desejo insano,
 Que, envôlto no prazer, saltêa o peito;
 Veneno abrazador, que os olhos bebem,
 Que, disfarçado em nectar, se insinúa
 No illuso coração, na mente absôrta;
 Sentimento, oppressor da Natureza,
 Da vã Filosofia em vão repulso,
 Innata commoção contradictoria,
 Fonte de crimes, de virtudes fonte,
 O Poder milagroso, inevitavel
 De hum sorriso, de hum ai: divino encanto,
 Cunho celeste, na Belleza impresso;
 Delicias, afflicção, fraqueza, e força,
 D'entre hum mesmo principio derivadas;
 Raiosas sensações, não menos Furias
 Do que Essas que no Averno estão rugindo;
 Chammás de tanto ardor como as que zunem
 No Tartáreo-Vulcão, de lava eterna;
 O Rei dos Males, o Rival da Morte,
 O Ciume, o teu Raio, Amor tyranno,
 Teu Raio, que a Razão derruba, estraga,

P O E S I A S

inda (Oh panno! Oh terror!) depois de extincto
ixa longo trovão soando n'alma:

o quadro mortal, de tristes cores,
s quadro proveitoso, interessante,
e ao Luso Espectador se expõem na Scena.

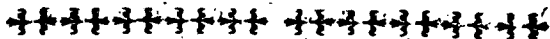
nignos Cidadãos, sensiveis Entes,
e das temas paixões sabeis o custo,
doce tyrannia encantadora
m que hums Olhos gentis dominão tudo;
tremosa Nação, tu, que idolatras
nue cópia do Ceo na Formosura,
te elevas quasi além da Natureza
dois affectos em que os mais se absorvem:
te tens no coração, que tens na idéa
ezos em laço de ouro Amor, e a Gloria,
te, sentindo o que o Mundo apenas sente,
oras no damno alheio o proprio damno,
is fraquezas de hum só, vês as de todos,
conheces que Amor he quasi hum Fado,
um Fado universal, que arrasta, e força
loucura, á desgraça, ao precipicio,
te he despótico Amor, e o Mundo escravo,
te este Imperio fatal não tem rebeldes,
te a soberba Razão succumbe ao jugo,
às vezes (oh cegueira!) o jugo adora:
tremosa Nação! No grande Objecto
nprega mudamente os olhos d'alma,
e tão digno de ti, quão variado
e radioso matiz: verás que esmalte,

Que-

Que preço, que attracção, que luz confere
 A' belleza exterior mortal belleza;
 Por entre desatinos da vontade,
 Tumultos da paixão, sem lei, sem freio,
 Por entre confusões, por entre sombras,
 Que do cego Amador o acordo enlutão,
 Verás como florece, illesa, intacta,
 A suave Innocencia, inda mais bella
 Se em lide porfiosa obteve a palma.

Virtude os meios ama, odêa extremos,
 Extremos são no Mundo ou erro, ou culpa:
 Do mesmo que abrilhanta a Humanidade
 Longe, longe, oh Mortaes, o injusto excesso.

Dramáticas acções tem só por alyo
 O proveito commum: sarar costumes
 Quando enfermos estão; com riso, ou choro,
 Com brandura, ou terror, fazer que brilhe,
 Que triunfe a Moral: daqui se colhe
 Lição proficua, prestadio exemplo.
 A Escola da verdade está na Scena,
 E tão pasmoso effeito ás vezes brota,
 Que a virtude se aprende até no vicio.



ELOGIO DRAMATICO.

*O Actor agradecido á Beneficencia Pública.
Recitado no Theatro do Salitre em 1798.*

INTERLOCUTORES:

Thalia, e o Actor.

Actor.

Filha de Jove, tutelar Deidade
 Dos Vates immortaes, dos Genios grandes,
 Que, sobre a Scena golpeando o vicio,
 Sementes da virtude arreigão n' alma,
 E as fezes das paixões lhe extrahem com arte:
 Oh Musa festival! Não menos grata,
 Não menos util á Moral, e á Vida,
 Maneando o pincel com que semêas
 A critica verdade, o sal, e o tiso,
 Não menos util, sim, não menos grata
 Que a magestosa irmã, desentranhando
 Da funda escuridão dos Tempos mortos
 Exemplos que do mal nos acautelem,
 Ou Modelos que ao bem nos encaminhem:
 Os terriveis affectos da Grandeza,
 Os crimes da Ambição, de Amor os crimes,
 As artes da Politica impostôra,
 O baque dos Imperios derrubados;

Os Régulos, Gatões, Horacios, Cedros,
 Rivais dos Numes, Victimias da Patria;
 A Innocencia acolá gemendo em ferros,
 Alli torcendo as Leis protervo Abuso;
 Ora o Justo por terra, ora exaltado,
 Ora ovante a Maldade, ora abatida;
 Já com brutas paixões a humana Especie
 Submersa no labéo, no horror, na infamia,
 Já Virtude alteando a Natureza,
 Em amplos Corações ardendo a Gloria,
 E, fertit de portentos, conseguindo
 Que, envôlta no Heroismo, agrade a Morte.

Assombros de Melpómene sagrada,
 Voltaires, Crebillons, Ministros della,
 Que a attenção subjugais, o gosto, a mente,
 Vós culto mereceis, vós sois eternos,
 C'os outros que immortaes vos precederão
 D'alta Memoria na fragosa estrada.

Mas tu, Plauto do Sena, (1) eximio Vate,
 Tu que, dos corações sondando o abysmo,
 Com vista imperturbavel em si mesmos
 Estudaste os Mortaes: Pintor insigne,
 Que, o prazer, e o proveito entrelaçando
 No engenhoso matiz das ledas cores,
 Quaes são, quaes forço debuxaste os homens,
 Das meâas condições fizeste o quadro,
 E ao quadro breve reduziste o Mundo!

F ii

Tu;

(1) Moliere.

Tu, que, não pago de instruir co' a penna,
 Co' as vozes sazoneste os fructos della,
 Tu és crédor também da Eternidade,
 Alumno de Thalia! E por teu nome
 Hoje espero impetrar da casta Deosa
 Favor, benevolencia, abrigo, influxo,
 Hoje que, deferindo ás preces minhas,
 Do sacro Monte as veigas desampára,
 Sahe d'entre o vario Circulo brilhante
 Das diviñas Irmãas, do Irmão divino,
 De Fébo, que revolve, entende os Fados,
 E no peito mortal se embebe ás vezes.

Oh Musa, que me attendes, que trocaste
 Pelas margens do Téjo as do Permesso,
 E no Clima gentil, que aromatizas,
 Vês luzir florecente amenidade,
 Vês tão risosinho o Ceo, tão verde a Terra,
 Sentes de mil Favónios os suspiros,
 A ciciosa Turba, que vaguêa,
 Pufindo os arés, namorando as flores,
 Quaes lá no cume excelso, Estancia tua?
 Digna-te de influir-me activas forças,
 Capazes de hombrear com meus desejos.
 De ti pende o regtar-me a voz, e o gesto,
 Para que nem transponha a Natureza
 Nas azas de fervor desatentado,
 Nem cobarde rasteje áquem da méta,
 Roto o véo da illusão. Meus olhos pintem,
 Mostrem meus labios a influencia tua,
 Agora que de esplendido Congresso

Magnanimo favor me especializa,
 Geral beneficencia a mim dimana.

Honre os suores meus, oh Divindade,
 A gloria de attrahir mais digno premio,
 A gloria de aprazer aos Illustrados
 Nest' arte de sentir paixões alheias,
 Quasi transmigração a essencia nova.

A's supplicas mortaes propicia annues!
 Feliz meu coração! Feliz meu rôgo!

Thalia.

Honrosa gratidão te inflamma o peito,
 Da Patria o doce amor te ferve n'alma,
 Sagrados, candidissimos objectos,
 Que da Terra, e dos Ceos merecem tanto!
 Prometto de inspirar-te em honra sua;
 Não temas fraquear, terás contigo
 Nos lances, nas acções de mais momento
 Não vesiveis os Manes instructores
 Daquelles que no Tâmis, no Sena
 Ao claro nome seu padrões alçarão,
 Ou revocando as generosas cinzas
 De finados Heróes, ou exprimindo
 Em carácter menor paixões mais brandas,
 Cingidos de tal arte á Natureza,
 Que a mente, pelos Seculos errante,
 Oh Grecia! Oh Grecia! Teus milagres via,
 E o mais em que se apraz a Humanidade.

Exerce, Actôr ditoso, exerce as forças,
 Que á Patria, de que és filhó, estás devendo,
 Confia na Assembléa espectadora,
 Na sublime Nação que affaga as Artes,
 Que, á Virtude, ao Saber, e ás Musas dáda,
 Também com mestra mão colheo meus louros.

Lá onde entrar não busão Tempo, e Morte
 Os Ferreiras, os Sás perennes brilhão;
 Elles no meu thesoure estão velando,
 E o Genio creador, que os fez eternos,
 Mil vezes das Estrellas deslizado,
 Em lustrosos effluvios se reparte.
 Por vós, oh Lusos Vates, que inda á Fama
 Dareis com que afadigue as linguas cento,
 E a Plaga occidental por vós espante
 As outras, do renome (1) alheio escaças.

Actor,

Oh mais q̄ fausto agouro! Oh Patria! Oh Numes!
 Oh Deosa protectôra! A teus influxos
 Sagrarei por altisonos Cantores
 De ethéreo resplendor croados hymnos.

Des-

(1) Não he Gallicismo: achá-se na Mal. Conq.
 e em outros Authores de boa nota.

Despedida de Antonio José de Paula aos Portu-
gueses, no seu Theatro. Anno de 1802.

Alta Virtude, Sentimento augusto,
Que, absorto, no esplendor, na dignidade,
Na grandeza, no ser, distancia, fórma
Das Estrellas, do Sol, do Mar, da Terra,
De quanto constitúe a Natureza,
Ergues de Ceos em Ceos ao Rei dos Entes!
Nuvem de aromas, que perfuma os hymnos,
Quando além do Universo, além do Espaço
Se embebe a voz mortal no Seio eterno:
Divina Gratidão, que até rompêste
Por entre immenso horror, de Libya os ermos,
Que deste nos Leões exemplo aos Homens,
Que do novo Espectaculo assombraste
O vasto Circo da orgulhosa Roma,
Tornando carniceira, horrivel Fera
Ante o seu Bemfeitor macia, e branda!
Divina Gratidão, tu és, tu foste,
E orgão de meu dever serás co' a Patria.
Meus labios com teus sons aromatiza,
Dá-me a tua energia, impulso, alteza,
Converte-me em ti mesma, ou sê meu Nome.
Egregios, venturosos Habitantes
Do opulento, affamado, antigo Emporio,
Da que aos patrios Annais ampla Cidade

Nos

Nos Fastos deo materia, e nome a Lysia,
 Filhos de excelsa Mãi, da torreada,
 Magestosa Rival d'alta Ulysséa,
 Sensíveis, attendei-me, ouvi, benignos,
 Verdade, e gratidão, que são d'alma.

Nos Campos desiguaes onde Thalia,
 E a carrancuda Irmãa, com riso, e pranto
 Mulherão corações, o vicio puntem,
 Ousei com rosto imberbe, e planta incerta
 Dos Barons, (1) dos le Kains seguir a estrada
 De fragoso terreno, e fim remoto.
 No estudo, no suor, no ardor, no gosto
 Meus dias envolvi, sonhei doitallos
 De hum brilhante Futuro: honrar, e honrar-me.
 Tentou Ave rasteira os vôos de Agua,
 Já no Clima natal, já n'outros Climas;
 Cem vezes adejei, tremi cem vezes
 Ante os cumes da Gloria, a mim vedados:
 Queria o coração, não pôde o genio.

Co' a mente recuando ao grão principio
 Do mérito que luz na Scena heroica,
 Do mérito que luz na média Scena,
 Vi que, émulos, iguaes, o Actor, e o Vate
 Devião florecer nas artes suas;
 Que ao Genio imitador, na voz, no gesto,
 Nos ais, no pranto; no terror cumpria
 Reforçar a Illusão, que em igneo metro

De

(1) Célebres Actores Francezes.

De assombrosas paixões presenta o quadro.
Ou mostra em tom meão communs affectos.

Eis aos olhos mentaes me offrece Athenas
A terrivel Tragedia, alçando o braço,
No semblante o furor, n'alma o remorso,
Entre luctos, punhaes, traições, venenos.
Além vejo Menandro, alli Terencio,
Plauto alli, motejando humanos vicios,
Correndo a grandes fins por tenues meios;
Olho os Mestres da Scena, os Orgãos della,
Que fazem da Illusão brotar proveitos,
Quaes nunca, ou mui d'espaco os dá Verdade;

Venerando Espectáculo da Idéa,
Graves objectos, que atterrais audacias,
Serenos, todavia, ousos arrostar-vos.
A Patria me protege, influe, excita,
A meu tremente adejo alenta os vôos,
Acólhe-me o fervor, me avulta o nada.

Illustres Cidadãos, Congresso amavel,
A' sombra de Ulysséa, á sombra vossa,
Meus fados abriguei, meu ser, meu nome.
Carácter grande, espirito sublime
Honra as margens ao Téjo, ao Doiro as margens;
Aqui confere o Genio, e lá confere
Beneficencia, amor, esteio ás artes.

Nadando o Coração n'um mar de affectos,
Ao mais sentimental que sahe d'entre elles;

'A' magoada Saudade as vózes pede ;
 Que de violenta ausencia o custo exprimação . . .
 Mas porque exerço a voz , se da amargura
 A suprema eloquencia está nos olhos ?
 Vai zelada em meu peito a vossa idéa ,
 Zelada contra os Tempos , contra os Fados :
 Da minha gratidão perenne , intensa
 Serão mais hum triunfo a Morte , e o Lethes.

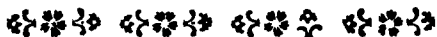
E tu , que , attento ás Leis , á Patria , á Gloria ,
 De Astrea imparcial Cultor , e Alumno ,
 O público Repouso estás velando ;
 Tu , alto pelos teus , por ti mais alto ,
 Que affagas , que mantens , que fertilizas ,
 Magnanimo , illustrado , as Artes bellas :
 Prospéra , em honra tua , em honra d'ellas.
 Dure , brilhe teu nome em quanto o Douro
 Levár nas fartas ondas turbulentas
 (1) Mais guerra que tributo ao Rei dos Mares.

A

Pare

(1) Che guerra porte , e non tributo al mare.

Tass. Gerusal. Liberat. Cant. 9. Stanz. 46.



A CONCORDIA

ENTRE AMOR, E A FORTUNA,

DRAMA PARA MUSICA

EM HUM SÓ ACTO,

*Dedicado aos faustos Annos da Illustrissima
Senhora D Anna Joaquina Cardoso Ac-
cioli, natural da Bahia.*

*S'asconda Amor nella mia cetra, e dia
Sal concertati d'Amor la Musa mia.*

Metast. Epital.

ACTORES:

*Amor.**Venus.**A Fortuna.**Coro dos Amores, e das Graças.**Genios alados, que acompanhão a Fortuna.*

A Scena se figura em hum Bosque aprazivel.

ACT:



A C T O U N I C O ,

S C E N A I .

*Amor, e os Amores.**Coro.*

Oh Seculos formosos,
 De candidos costumes,
 Em vós Mortaes, e Numes
 O júbilo igualou.

Amor.

Que encanto, que alegria,
 Graça, esplendor, pureza
 Na infante Natureza,
 Em todo o Ser, brilhou!

Então do tenro Mundo
 A' superficie amena
 Descendo a Paz serena,
 A Terra em Ceo tomou.

Coro.

Oh Seculos formosos, &c.

Amor.

O Sol , então recente
 Lá na recente Esfera,
 De assídua Primavera
 Té brenhas esmaltou.

As ondas preguiçosas
 A espaços desmanchando,
 O Mar fagueiro, e brando
 N'arêa então brincou.

Coro.

Oh Séculos, &c

Amor.

A hum tempo alli se virão
 O fructo, e flor pependentes;
 Em limpidas correntes
 O néctar murmurou.

Em vós, oh almôz dias,
 Amor era hum thesouro,
 Em vós, oh dias de ouro,
 Tudo sentio, e amou.

Coro.

Oh Séculos, &c.

Amor.

Oh que saudade eterna :
 Turvára ao Mundo a face ,
 Se o Fado a Amor negasse
 O bem que lhe outorgou !

Dos Dois ao rôgo , ao mando ,
 Do somno em que jazia
 Surgio celeste Dia ,
 E a Naturezá ornou.

Coro.

Oh Séculos , &c.

Amor.

Hum dia em que mais leda
 A rara nuvem cõra ,
 E vem trajando a Aurõra
 Galas que nunca usou :

Hum dia em que tão bella ,
 Ou mais do que Acidalia ,
 Nascendo a meiga Analia ,
 O Imperio meu firmou .

Coro.

Oh Séculos , &c.

Amor.

Amor.

Alados Socios meus, fervente origem
 Do jubilo supremo
 Que as delicias do Olympo a Jove apura,
 Numes do Coração, Reis do Universo,
 Amores, Elle em nós hoje prospéra;
 Hoje da Fonte d'immortaes luzeiros
 De novo emana hum Dia,
 Que exalte, que remoce a Natureza.
 Salve, Natal de Anália,
 Salve, Luz, com que Aurora
 Mais que de tantas mil se ensoberbece!
 Quando apontou vaidosa a vez primeira
 Na de purpura, e de ouro
 Tenue, bordada nuvem,
 Que aljôfares entorna,
 Não tinha o brilho, a cor de que se adorna.
 Eis os Campos de Amor, eis os meus Campos,
 Aureo terreno amigo;
 Por quem Paphos engeito, engeito Idalia,
 Auteo terreno amigo,
 Onde mais que mortal parece o gosto,
 Onde embalsama os ares,
 Onde serena os risos,
 Dá viço, dá matiz, dá mimo ás flores
 A salutar, fragrante
 Rêspiração de Anália.
 Anália, meu thesouro, e vosso encanto,
 Merece a Amor, aos Ceos, aos Fados tanto,



POESIAS

A. R. I. A.

Verdes Bosques, viçosas Campinas,
 Dos Amores suave morada,
 Onde Analia mimosa,
 Engraçada,
 Qual a rosa
 Louçã germinou.

Recamai-vos de tenras boninas,
 Com que brinque Favónio ligeiro,
 Que este Dia, dos seus o primeiro,
 Dos Prazeres nas azas voltou.

S C E N A II.

*Os Amores, e a Fortuna, que desce rápida-
 mente em hum Globo, ladeada de Genios.*

Amor.

P. Orém aos olhos meus que objecto assoma!
 E's tu, Deosa fallaz, és tu, Fortuna,
 De fantásticos bens depositaria,
 Tantas vezes, ou sempre a Amor contraria?

Fortuna.

Sou eu, Menino audaz, sou eu, que ufana
 No dia mais crédor ás graças minhas,
 Entre os mil Genios que meu Globo enfeitou,
 Venho sobre estes Campos delectosos

R.



Ratificar-lhe as ditas,
 Ditas, que em honra á minha doce Alumna,
 Em honra á bella Anahá,
 Soltas das leis do Tempo, aqui florescem.
 Pasmás, insano Amor, de que a Fortuna,
 Cujas glorias motejas,
 Mais brilhantes, mais sólidas que as tuas,
 Baixe ao feliz terreno,
 Onde raro permittê da Natureza,
 Mortal quasi divina
 Em dobro com meus dons, com meus affagos,
 Triunfa, resplandece?
 Mais que a ti me pertence honrar seu dia,
 Desdiz muito da minha a essencia tua,
 He de outro grão meu Nume,
 O respeito, o prazer, bastões, e os sceptros
 São dádivas, são mimos
 Desta mão bemfazeja,
 Desta mão, que á de Jove apenas cede.
 Com ella o Mundo antigo, o novo Mundo,
 (Que, productor de Anahá,
 Sobresahe ao primeiro)
 Com ella quanto existe abranço, illustro.
 E tu de vãos deleites,
 Ou mortaes dissabores
 Frivolo author, e venenda origem,
 De qué os mesmos favores
 Ao que os possui affligem,
 Tu, que darás farpões atraçoados
 A's molles almas, de que és Deus, apontas,
 Assim com vóz preterva, assim me affrontas?



POESIAS

ARIA

Queres, Menino insano,

Oppôr-te ás leis do Fado!

De meu poder sagrado

Teu Numé he vão rival.

Senhoreava os Entes

Tua influencia outr' hora,

Mas o meu sceptro agora

He sceptro Universal.

Amor.

Debálde, varia Deosa, te glorias

Co' as dádivas que choves sobre o Mundo,

Frágeis, caducos bens, que o Vulgo anabela,

Do vício vezes mil, e raras vezes

Da virtude instrumentos.

Anália encantadora,

Alma brilhante no favor não cega

DeSSa mão, que noméas beneficora,

Thesouros de candura, e de belleza,

Seus lúcidos costumes.

Tem doce origem na Moral dos Numes.

Pensas acaso que teus dons serião

Capazes de ajear não puro affecto

No Consorte préclaro,

A quem protege Amor, Minorya escuda?

Esse, que em laços de ouro unido a Bella,

O néctar gosta nos encantos della?

Muito se deve a mim, tudo a seus olhos.

Da

Da gloria que rematã os meus triunfos
 Agentes milagrosos.
 Atreve-se a Fortuna a ter-me em pouso?
 Entre as Classes divinas,
 Presumes que teu grão me sobreleva?
 Eu sou pura nascente,
 Manancial perenne.
 Dalta harmonia, Universal, e eterna;
 Sem mim ao Mar, à Terra, até aos Deoses
 Pezo insoffivel a existencia fôra;
 Por mim na Immensidade, errantes, fixos,
 Milhões scintillão de assombrosos Mundos;
 Por mim no seio das equóreas lapas
 Ardem, cobição, reproduzem, crescem
 Os mudds Nadadores.
 Eu sou que ás varias, entamadas Plantas
 Dou alma, dou fragrancia, flores, fructos;
 Sou eu que aos bravos Tigres,
 Aos jubados Leões converto as iras
 Em rugido amoroso.
 Por mim, tu, Rôla, artulas,
 Geme a tenra, innocente, ingenua Pomba;
 Por mim subsiste, annexo à Formosura,
 Principio inexhaurivel de ternura.

A R I A.

Por Amor conseguem vida
 Homens, peixes, aves, flores;
 Do Ceo cabe aos Moradores
 Rir da Morte,
 Mas por sorte
 Tambem meus escravos são

Té Anália branda, e bella,
 Que os encanta, que os desvela,
 Já pendeo da minha mão.

Fortuna

Tu, que ostentas de Rei da Natureza,
 Que sacrilego arrogas
 Té no arbitrio de Jove imperio summo,
 E crês que a teus virtutes
 Cede o raio, o prego da Omnipotencia,
 Rende graças ao dia
 Em que Anália mimosa
 Dispóz o orgulho meu para a brandura.
 Se não fóra este indulto,
 Se o momento dourado este não fóra
 Em que serena abrindo
 Os olhos divinaes á luz primeira,
 Em vez de brando choro,
 Soltou sorriso brando,
 E ser dos Astros vinda
 Mostrou na face linda,
 Fizera

Amor.
 Que fizeras, que atreptaras,
 Caprichosa Deidade,
 Contra mais que celeste immuniidade?

Formula.
 Toda a tua altivez por mim repulsa,
 Opprobrio teu seria.
 Em quadro viras de affrontosas cores,
 Teus males, teus perjúrios,
 Pranto, e sangue por ti fervendo em rios;
 A Suspeita rugosa
 Perdida entre illusões, entre fantasmas,
 Sombras palpando, e crendo;
 Viras queixosas, pallidas Saudades,
 Já fixos sobre a terra os turvos funes,
 Já váamente alongados
 Para climas ditosos, onde os gostos,
 Os bens do coração lhe some a Ausencia;
 Viras sobre vulcão de flamma eterna,
 Respirando traições, venenos, fúrias,
 De viboras mordidos,
 E viboras mordendo,
 Os Ciumes, a peste, a morte d'alma;
 Viras... mas este dia he sacro a todos,
 Nelle até entre nós concordia reine.
 N'outro, aos Ceos menos grato,
 Menos grato á Ventura, á Natureza,
 Confessarás, dobrando
 Ao pezo da verdade insania activa,

Que o reforço, a columna,
A base do Universo he a Fortuna.

Os bens, se alguns crias
Com tua influencia,
Iguaes são na essencia,
Iguaes no prazer.

Os dons que derramo
Com plácido rosto,
Differem no gosto,
Differem no ser.

Amor.

Da lívida suspeita, e vil perjúrio,
Da traição, da inconstancia, e da saudade,
Do pranto, e do queixume,
Do rabido Cjume,
Inferno de apurados Amadores,
Fallás, oh Deosa injusta,
Como se fossem meus crueis Ministros,
Crueis Sequazes meus! Não consideras
Que o bando horrivel de tão negros males,
Que de Jupiter mesmo azeda instantes,
Prole não he de Amor, sim dos Amantes?
Damnôs sem conto, que aos Mortaes fulminas,
Onde estão, fraudulosa? Onde se occultão
De raio vingador, que Anália vibra
Dos olhos fulgurantes,
Os Companheiros teus, iniqua turba?

Onde enfunado Orgulho?
 Veladôra Ambição? Mirrada Inveja?
 Onde inerte Preguiça,
 Que as almas adormenta.
 Desses que amimas, desses que te aderto?
 Ah! Se não fôra deste Dia ameno
 A gloria, o fasto, o resplendor, e a gala,
 Que ethereo lustro iguala,
 Talvez, voluvel Deosa,
 Talvez tuas pizadas não seguisse
 Beneficencia, Gloria,
 O Júbilo, a Brandura,
 Mais, mais sócios de Amor que da Ventura.

A. R. T. A.

Quando a Virtude
 Ventura he preza,
 Toma a Belleza
 Mais singular:

Que por si mesma
 Não he Ventura
 Arte segura
 Para enlevar.

Mas ah! Benigna Mãe, tu, que em teu gremio,
 De florés, e delicias enfeitado,
 Comigo a linda infancia acalentaste
 De Anália melindrosa,
 Descuidas-te em seu dia

Dia das Graças, dia dos Amores,
 Deseidas-te de ornar com teus sorrisos,
 Com tua voz divina
 O solemne fervor, que todo inflamma!
 Eia, apressa-te, oh Mãe: com vivo adejo
 Dirige aqui, dirige
 Das Pombas amorosas
 O niveo Par gentil, que enfileio rosas.

S C E N A U L T I M A:

*Desce Venus em hum Carro tirado por Pombas,
 entre as Graças, os Rios, os Encantos, &c.*

Venus. A

C Ocego, filho meu, não foi descuido
 Minha longa tardança,
 Antes cuidado que de Anália bella
 Me deve o genial, brilhante dia:
 Era digno de mim, de Jove, e della
 Findar tenaz porfia,
 Antiga opposição, fatal discórdia
 Entre Amor, e a Fortuna.
 Attrahidos vontade, e pensamento
 A tão prestante objecto,
 Na concha mãtrizada os Ceos demandando,
 Entro de Jove os Paços,
 E ante a Face immortal, com brandas preces
 Extraio á Mão suprema
 Alto decreto, que a Fortuna obriga

A

A ser-te sócia, oh filho, a ser-te amiga,
 Em sacrificio terno
 A'quella por quem és maior, mais Nume
 Que por tantas, e tantas
 Com que o Tâmise, o Tejo, o Tibre, o Sena
 Susurrão de ufânia:
 Oh que Séculos vale a Amor seu dia!
 Approve, apraz aos Fados
 Que de Anália se esquivem Tempo, e Morte;
 Em seus dotes absorta,
 Razão me inspira que espontânea Venus
 O cinto vencedor a Anália ceda,
 E altar, e incenso, e culto.
 Vamos, Fortuna, Amor, Encantos, Graças,
 Da nova Deosa aos Lares,
 De aureas Virtudes Templo,
 Cantar seus dons, seu nome: eu dou o exemplo

Coro.

Aécide melodia
 Vôe, enfeitice os ares,
 E os magestosos Lares
 Soem prazer, e amor.

Venus.

Tu sempre a elle unida, (1)
 Junto de Anália bella,
 Goza nos olhos della
 O Olympico fulgor.

Amor.

(1) A' Fortuna, apontando para Amor.

Amor.

Anália, que, sorrindo,
De corações se apossa,
He mais que imagem nossa
Na graça, no esplendor.

Fórmula

Nada possui a Terra
Que a tanto bem se iguale:
Os meus thesouros vale
Seu minimo favor.

Coro.

Acorde melodia, &c.

* ~~~~~ *

SALICIO A ELMANO.

EPISTOLA.

Sobre erguidas montanhas, que rodêa
Da foz do Tejo a caudalosa enchente,
Longe dos olhos das travessas Lidias,
Co' a mente do Filósofo indagando,
A sabia Natureza, que risonha
Em meigos quadros dividida observo;
Conservando em minha alma o Vate Elmano,
Sin-

Sinto correr veloz a pobre vida,
 Pobre sem ti, sem ti, que o leme volves
 De incógnitas idéas, que escaparão
 Ao Cantor de Venusa, ao Mantuano,
 Ao Vate Sulmonense. A Aurora assema,
 E em folgazas coréas se avizinhão
 Nynfas do monte a descantar nos valles
 Quanto em sonhos a mente lhes fingira.

Eu, nutrindo no peito invejas brandas
 Do tempo em que vivêra amante, e amado,
 Desejava inda ter fagueiras Marcias
 Para enviar-lhe as frases da tornura,
 Frases mimosas, sem adorno, ou arte,
 Prole fiel da simples Natureza.
 Quando assim me entretenho, oh caso horrivel!
 (Inda ao lembrar-me delle, ah caro Elmano,
 Pulso nos olhos lagrimas de amigo,
 Lagrimas ternas, que estancar não posso).
 Lúgubre voz, que as Furias arrancarão,
 Filha do Averno, me espedaça o peito,
 Revôa junto a mim com azas negras,
 E diz-me, soluçando: Elmano he morto!

Súbito o coração me escala o peito,
 Tremo tres vezes, sem saber se vivo.
 Não pesquisando a causa, eu gemo eu choro,
 E rôgo aos Ceos frenético, e sem tino
 Elmano, Elmano meu, que me hão roubado.

De luto se reveste a fantasia:

Escuto logo os ais, ouço os lamentos
 Das castas Musas, tristes, desganhadas,
 Entomo ao louro Deus, que te prantea.
 Vejo os Amores, de encolhidas pennas,
 Suspirarem por ti, depondo as setras,
 Sem nada se lhes dar que Lidias, Marcias
 Zombem do seu poder, faço mil mortes;
 E impunes deisto pavorosos crimes,
 Que para te chorar só achão tempo.

Vagário-me na mente estas idéas,
 E aos mil suspiros seus hião voando,
 Cercados de amargura, os meus suspiros.

Eis que o Ceo benefitor por mais espaço
 Não quiz soltar a rédea aos meus tormentos,
 Eis da grata verdade a voz sonora
 Envia em meu soccorro, e de improviso
 Pôz termo ás afflições, que me finavão.

Agora, Elmano, o mesmo Ceo piedoso
 Te conserve qual és; e delle espero
 Vejas apar de ti, como appeteces,
 Bom, são, e salvo, o teu fiel Salicio.

EPISTOLA,

RESPOSTA DA ANTECEDENTE,

Ao Illustrissimo Senhor Sebastião Botelho, da
 Casa dos Excellentissimos Condes de S. Miguel.

*Certum est in silvis, inter spelæa ferarum
 Malle patè; tenerisque meos insidere umbra
 Arboribus: crescent illæ, crescetis, amores.*

Virg. Ecl. III.

SE lúgubre existência amargurada,
 Merece acaso de existência o nome,
 Se as lágrimas, se os ais, se a dor são vida
 Se não he a alegria essencia della,
 Consola-te, Salicio: existe Elmano.

Mas se em torno ao sepulcro os Manes gemem,
 Se, rôto o véo que a Natureza envolve,
 Inda em nós, como d'antes arreigado,
 O sentimento he Rei, e he Rei tyranno,
 Se nos Montes da immensa Eternidade
 Memorias, sensações, martyrios durão
 Levados deste Globo insano, e triste.
 Se cada pensamento he lá verdugo,

Qual

Qual se não pago Amante he sobre a Terra;
 Se em miseros como eu, que em vão sonhassem
 N'um só momento resarcir mil dias,
 Se em miseros como eu, que tenham visto
 Feroz ingratição falsar-lhe os gostos,
 Inda lá deste horror a imagem reina,
 E entre os risos do Ceo negreção Fúrias,
 Que, ~~mas~~, ~~em~~ mais bramindo, ardendo, astanhem
 Os ciúmes, a peste, a morte d'alma;
 Se tanto de infelices Amadores
 Póde o ferrenho, inexoravel Fado,
 Suspirar, como amigo: Elmano he morto.

Não fui crua ficção de antigos Zoilos
 Que de mim desparzió funéreo annuncio.
 Quem meus ais escutou, quem vio meus males,
 E o duro, inevitavel seu progresso,
 (Sendo hum só delles, o menor de tantos
 Para os fios vitaes idonéo golpe)
 Crier não devêra que no ancioso Amante
 Em morte infausto amor se convertesse,
 E mais quando suspeitas luctuosas
 Até da ausencia minha se ajudavão?

Só tu, Febêo Cantor, só tu, e Úlina
 Ao Mundo o coração me tinheis prezo!
 Ella foi-me cruel, tu me deixaste,
 Eu sem ella, eu sem ti não era Elmano,
 Era hum Fantasma, que gemia errante
 Pelos ermos vastissimos da Morte,
 Entre as Aves da Noite, entre os Ciprestes:

Ellas que o ponto extremo em ais agourão,
Elles, que, amigos das caladas citizas,
A's-urnas dão piedosa, e triste sombra.

Sim, desappareci, voei; Sallcio,
D'ante os lumes do Sol, fechei meus dias
Na dor, na solidão, na escuridade.

Quiz, quiz punir os temerarios olhos
Da desditosa audacia, antes insania,
De verem, de attentarem cobicçosos
Celestes perfeições, ah! cujo néctar
Depois no coração se fez veneno!

Meus olhos castiguei, inda os castigo
Com total privação de quanto he gosto;

De peçonha amorosa, em que fluctúa,
Nelles o coração se está vingando;

Para se despiem cruel consigo,

A menor distracção não soffre aos olhos;

Suave distracção (de que podera

Tambem participar) não lhes consente

Que, errando aqui, e alli por entre Grâças,

Como a abelha sagaz por entre as flores,

Em rosas, em jasmims, em neve, em ouro,

Nos melindrosos, virgins feitiços

Vão colheado o que a Terra em Ceo transformá,

E com magra illusão talvez presunção

De objectos mil, e mil no mais formoso,

No mais cabante de gozar quem amão.

Só funebres imagens carrancudas,

Só pranto em fio o coração permite

Aos de seu damno artifices incutos.

Não

Não, mais hão de arrostar, para alegre se,
 Não mais hão de arrostar senão Salicio,
 Se inda, olhallo huma vez os Ceos, me darem,
 Ao menos huma vez... huma! E, que se sabe?
 Póde ser ousadia, esta esperança:
 Tanto, ah! tanto, a existencia em mim vacilla!

Tu, feliz, porque Amor, e a Formosura,
 Com tyrannicas leis, de ferro pozos
 Alvedrio, e Razão te não suffocou,
 Tu, que pões a altivez da Liberdade,
 Junto ao poder fatal, que as atropella,
 Que, de alvas, meigas Nynfas, ladeado,
 Lá nesses campos, onde o Tejo esche,
 As vagas de cristal por margens de ouro,
 Cantas de amor, sem que de amor suspites:
 Qual diz a fabulosa Antiquidade,
 Que viu no fogo a Salamandra illesa,
 Ou qual, sem se abraçar, sem consumir-se,
 O assombroso amianto, em si mantinha
 Ardor, que os lenhos corpulentos come!

Ai! Se desses gentis, louços objectos
 Só, jubilos, extrahes, caricias, flores,
 Teme que as flores viboras occultem,
 E que sejas mordido onde agitado,
 Dos risos da alegria Amor se enfeita,
 E invisivel prisão nos forja, e lança:
 He doce, he branda Amor em seu principio,
 Amor em seu progresso he agrio, he duro,
 Olhos da cor dos Ceos, se, o dia, ou a noite,

E olhos da cor dos Ceos, se os veste a noite,
 Virgineos labios, exhalando aromas,
 Descendo a niveo colo anneis dourados,
 Com que os Amores, e os Favonios brincão;
 Lindas mãos, lindo selo, e tudo lindo,
 Nectáreos mimos de fagueiras Nises,
 Penhas amolgação, mármore detretem;
 E para mil troféos ganhar n'um ponto
 A Belleza (ai de mim!) não, não carecé
 De quantas forças tem: qualquer sorriso,
 Hum descuido, hū silêncio, hū gesto, hum nada,
 São para os corações incendio, laços,
 E ás vezes precipício, e morte ás vezes.

Acautela-te, oh Vate. Amor não dorme:
 A Noite em guerra o vê, e o Dia em guerra;
 E o campo da batalha he todo o Mundo.

Hum meio ha só, talvez, que os golpes frustre,
 Vibrados pela mão do Deos das settas
 A's almas, que a Razão forrou de exemplos,
 Tão como o exemplo meu, que a ti, que a todos,
 Padeção co' a ternura, ou não padeção,
 Deve (amigo farol) guiar nas ondas
 Do Pego tormentoso, Amor chamado,
 Até que vão surgir no Desengano,
 Posto esquivo aos baixéis, nublado aos Nautas;
 De frequente escarcéo lassos, e rôtos.

Hum meio existe, pois, e quão saudavel!
 Contra a geral paixão, paixão suprema:

He, da Amizade no benigno seio
 Apurar a existencia, os gostos della;
 Não só viver em si, viver em outrem;
 Ter duas possessões, dois soffrimentos
 Já no bem, já no mal, e em turvejando (1)
 A hora de pavor, que os Reis não poupa,
 Ter jus de proferir com voz sumida
 Ao amigo fiel, metade nossa;
 „ Fico existindo na existencia tua.

Dest' arte, e sem delirio, e sem remorso,
 Vivas sedes de amar, de ser amado
 No espirito se abrandão, se contentão;
 Dest' arte puro affecto, alegre, e manso
 Substitue a paixão, que vezes tantas,
 Fonte de vícios, a constancia arrasta,
 Enxovalha a moral, apaga o siso,
 E entra n'um mar de pranto, ou n'um de sangue.

O Ceo te deparou, feliz Salicio,
 Esse bem social, tão raro agora:
 Tens no amavel Dirceo (2) tens hum thesouro
 D'alta amizade, cordial, fervente,
 Daquelle que luzio nos aureos Tempos,
 E de que es tão credor na ferrea Idade.
 Com elle, com seu nome a lyra exerce;

(1) He verbo creado por mim, mas parece-me expressivo.

(2) O Senhor Joaquim Antonio Jeunot, official maior do Desembargo do Paço.

O louver da Virtude he lei nos Vates;
Por mais esse caminho aos Astros sobe.

Pinta o digno Consorte, a digna Esposa,
Os dois em que Hymenêo sempre he ternura;
Sendo, ou discordia, ou dissabor em tantos;
Nesses doces affectos innocentes,
Esquiva a Amor, teu coração se enleve.

Mas que serena, luminosa idéa
Do escuro da afflicção me surge n'alma!
Idéa só não he a que luz! Que assombro!
Que imagem! Que visão! Eis a meus olhos,
Eis a meus olhos, em purpúreo globo,
Apar de Genios cem, risonhos, bellos,
Bella, e risonha, de rubis os labios,
A fronte de açucenas guarnecida,
De neve a face, que varião rosas,
Na dextra empanha divinal Donzella
Palma viçosa, do triunfo emblema!
Olhos, no eterno Sol purificados,
Inclina sobre a Terra, e c'um suspiro
(Suspiro que he prazer) perfuma os ares.

Ergue, ah! Ergue, Salicio, ao sacro Objecto
Vista maravilhada: elle te acena,
Elle chama por ti, por ti suspira,
E as delicias do Ceb deixou por ver-te.
He Marcina, he Marcina, a gloria tua,
Timbre de Amor, e da Virtude esmero;
He Marcina, he Marcina, aquella, aquella

Cujas graças mortaes, e externas graças
 Seculos hão custado á Natureza;
 He ella, cujo espirito brilhante,
 Thesouro, que do Ceo cahio na Terra,
 Têis momentos dourou, dourou teus fados;
 Ella, que humana foi, mas só na morte,
 Divina em tudo o mais. Oh tu, que outr' ora
 De quantos era ternura o peito inflammão
 Eras o mais ditoso! Attende, escuta
 Que frase encantadora a teus ouvidos
 Vem das macias virações no adejô:
 „ Esse glôbo infeliz não tem Marcinas;
 „ O extremo das paixões morreo comigo:
 „ Memórias minhas teus amores sejam. „

Assim com vozes que distilão néctar
 Te falla a Semidéa, e volve aos Numes
 Entre os Filhos da Luz... talvez foi sonho
 A santa Apparição! Talvez minha alma,
 Affeita á sua idéa, a dar-lhe cultos,
 Talvez a fantasia extasiada
 Aos olhos corporaes fingio Marcinas?
 Porém, fosse illusão, verdade fosse,
 Eu, victima de ingratas, eu, Salicio,
 De paixão cega desgraçado exemplo,
 Repito o que julguei que a tua Amada
 Da rósea boca te enviava ao peito:
 „ Neste glôbo infeliz não ha Marcinas;
 „ O extremo das paixões morreo com ella:
 „ Memórias suas teus amores sejam.

EPISTOLA

Ao Illustrissimo Senbor Sebastião Botelho.

*Cormina passamus
Donare, & pretium dicere muneris.*

Horat. Lib. 4. Od. 8.

AO grão Vate Sálicio o Vate Elmano,
Como elle devedor á Natureza,
Mas não como elle devedor ao Fado,
Cá-dos lares tristissimos que habita,
E onde quasi evapora em ais o alento,
Se he que a pôde enviar, saude envia.

Acolhe, doce amigo, ás Musas dado,
Acolhe ingénuos sons de afflictá Musa,
Que entre flores outr' hora, entre delicias,
Entre os sonhos de Amor, verdade ás vezes,
Cópia do Ceo, no candido regaço
De alvas, fagueiras, perigosas Lílias,
Passou dias de gloria, instantes de ouro,
Do Téjo transparente á margem bella
Cantando a vida, como o Cysne a morte:

Contigo fallo, que do Pindo houveste
O solemane Idioma, o tom dos Numes,

A voz, que longe vai, que longe sobe,
 Que sôa além do Mundo, além dos Tempos;
 Fallo contigo, a ti, que tens na mente
 O thesouro brilhante, inexaurível,
 O igneo fóco de altívolas idéas,
 Em que Jove reluz, qual he no Olympo;
 Fallo contigo, a ti, que tens na mente
 Poder de eternizar, e eternizar-te.

Estranho não será nos teus ouvidos,
 Aos milagres da Lyra, e do Estro affeitos,
 Que, ufano do que foi, blasona hum Vate,
 Já, elato como tu, nos dons de Fébo.

Contra a nobre altivez, que em mim resurge,
 Uive o Zoilo mordaz, injurias ladre;
 De rôjo pela terra a vil serpente,
 D'aguia, que arrosta o Sol, deteste os vôos;
 Sejam no Tribunal do Vulgo inerte
 Sombra o fulger, o enthusiasmo insania;
 Veja olhados dalli qual oçio inutil
 Seus mil suóres o Immortal de Esmyrna;
 A cega Opinião, que reina em tudo,
 Ponha embora a nivel Marões, e Bavios,
 Que eu, tu, e algans (quão raros!) já vingando
 Cumes, e cumes de entrepostas serras,
 Trilhâmos fadigosa estrada immensa
 Que vai da Natureza á Eternidade.

Dignamente de nós fallar podemos,
 Não se ata o dezar nosso ao nosso alarde:

Quem

Quem de celestes dotes se gloria
 Honra menos a si do que honra os Numes.
 E se a Turba sem nome, avessa aos Vates,
 Este firmado orgulho em mim condena,
 Bem da minha altivez meus ais a vingão,
 Bem desconrado está nos meus desastres.
 E nos tormentos meus a gloria minha,
 Tormentos que me agouirão tenue resto
 Ao que he mais duracao do que existencia.

Entre os damnos de Amor, e os da Ventura
 Quasi lenho agitada em altas ondas,
 E entre negros tufões, que oppostos bramão,
 D'um lado, sobre nãvem coa do Averno,
 Olho a Deosa do mal, do horror, do pranto,
 Vejo o que tu não vês, nem ver mereces,
 (E nem eu mereci) vejo a Desgraca,
 De ameaco no rosto, a mão no raio,
 A meu peito assestando o tiro, a morte,
 Mas sem de audaz vigor despir meu peito.

De Ulna ingratiões eis d'outro lado
 Contra mim, como Furias, atrematem.
 Aqui cerradas trevas me apavorão,
 Esmorece o valor, naufraga o siso,
 Sossobra o coração: para a minha alma
 Nas Precellas de Amor não ha Santelmo.

Preza a tantos martyrios a Indigencia,
 Os apura, os irrita, os desespera:
 He ella, caro amigo, he mais que Febo
 Quem

Quem me arranca do espirito enlutado
 O metro carpidor em que a deploro,
 Qual nas margens do Tibre ao Venusino.

Tuas virtudes, teu carácter grande
 Na Patria, que honras, a experiencia aclama;
 Mas tenho a meu favor para invocar-te
 Jus mais alto: "és feliz, sou desditoso.



E P I S T O L A

A A N A L I A.

D E pois que derramaste em meus delirios
 O orvalho da piedade, Anália minha,
 Chamou-me a densa Noite aos tristes lares,
 Tristes sem ti, meu bem, feios, e escuros;
 Dignos porém de Jove, e Ceos de Elmano,
 Se abrilhantados por teus olhos fossem,
 Se o doce pezo de teu pé sentissem!

Toda em ti recolhendo a fantasia,
 Achando Amor, e a vida em ti sómente,
 E o Mundo, a Natureza, o Fado, a Gloria;
 Sonhos julgando o mais, o mais fantasmas,
 Cevei meu coração na tua imagem,
 Na idéa de teus mimos, de teus labios,
 Dos

Dos lábios que desatão dentre as rosas
Em áureas fontes as delicias d'alma!

Engolfada a paixão n'um mar de encantos,
Ao solitario leito o corpo entregue,
Fatigo o pensamento, e cerro os olhos.

Eis que o fallaz Morsão, cem vezes brando,
Mil vezes, (ai de mim!) duro aos Amantes,
Do teu fido Amador te expõe defronte
Ravosa, fulminante, inexoravel,
Da boca, em vez de néctar, fel soltando,
Co'as Furias, e co'a Morte a abrir meus Fados,
A revolver o horror que tinham dentro,
A ennegrecer meus dias, a ostentar-me
N'um desprezo cruel males sem conto,
O Inferno todo n'um a Deos terrivel.

Tremco-me o coração, qual treme a folha,
Que os rápidos tufões bramando agitação;
Arripio-me, e suo, e choro, e clamo:
„Ai! Cumprirão-se, Analia, os meus destinos!
Foges de mim, de Amor; nem fé, nem votos,
Nem lagrimas, nem ais teu peito abrandão,
Esse, que outr' ora ao minimo queixurne
Em meigas sensações se amollecia!
Analia, doce ardor de meus sentidos,
Dos olhos do Infeliz, que tanto amavas,
Não valem para ti, não valem prantos.

Ceos! O que era! O que sou! Fui Rei, fui Nuno
Quan-

Quando, trais Nubes que eu, teus olhos davão
 A' minha alma outro ser, quando, embebidos
 Nos vãos que soltou meu pensamento,
 A luz tolhavam de amorosas sombras,
 Ou, bálamo de Amor, cahio teu pranto
 Sobre meu coração, e a doce chaga.
 Foi refrigerio salutar, divino.

Oh mudança fatal! Mudança horrenda!
 Negro Gume, produção do Averno,
 Tu, de serpes creado, envolto em chammas.
 Do sempiterno horror surgindo á Terra,
 Mil fúrias, mil delírios me entranhaste;
 Dentro em mim fibra, e fibra atassalhando,
 Tua essencia me deste: eu sou tu mesmo.

Trouxesses-me, cruel, a insania, o fogo,
 A dor, o ultimo golpe, e não trouxesses
 Ao misero Amador contigo o crime;
 Não me ensopasse teu veneno a lingua,
 Não fervessem na voz blasfemias tuas,
 O mimio, a candidez não profanasses
 Daquella por quem vivo, e por quem morto,
 Daquella que ultrajei, porém que acoto;
 Daquella em cujas bras, quando as soffo,
 De hum Deus, que pune, se me antolha o raio,
 Daquella... o coração co' a dor não pôde,
 Não pôde co' remorso, e nas angustias,
 E nas palpitações dilatar o golpe,
 O golpe que só tem na morte a cura;
 Se ha morte para os tristes, se o Destino

Não

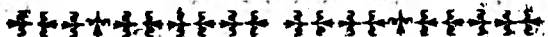
Não dá (porque os tormentos lhe eternize)
Existencia de ferro aos Desgraçados.

Ai, Anália, ai meu bem, meu Ceo, meu tudo,
Inda que de meu mal terião feras
Compaixão, que não tens, e os meus suspiros
Marfésia rocha tornarião branda,
Nunca, nunca de mim te compadeças,
Insensível contempla, ouve insensível
Minha extrema afflicção, meus ais extremos;
Vê-me tintos de morte a face, os olhos,
Sente-me a voz perder-se entre soluços,
Ir-me fugindo a luz por sombra immensa,
A luz vital, e a chamma endeusada,
Estro incansavel, que, fervendo, erguia
Ao Ceo minha ternura, ao Ceo teu nome,
E tantas vezes já foi grato enleio,
Iman suave, que attrahio teu gosto,
Que a tua alma enlaçou... não, minha amada,
O misérrimo estado em que has de olhar-me
Huma lagrima só te não mereça.
Nenhum castigo expia atrozes crimes,
Sou réo, sou réo de Amor, e Amor me pune.
Adoro, beijo a mão que me fulmina,
Cedo a meus Fados, a teus olhos cedo,
Que teus olhos, Anália, são meus Fados:
Delles vivia Elmano, e delles morre.

Mas quando os membros meus já forem cinzas
Na estancia do Pavor, co' pé mimoso
Piza a funérea campa, e diz: „ amei-te,
„ Amas-

„Amaste-me, infeliz: matou-te amar-me.
 Este o só galardão que Elmano implora,
 Este o só galardão, que entre os horrores
 Da eterna escuridade, entre os fantasmas
 Do abysmo tenebroso ha de suprir-me
 O Ceo, teus olhos ... morro ... a Deos, querida.

Não pude proseguir, e hum grito, hum grito,
 Todo amor, todo teu, me vòa, e rompe
 Do horrivel pezadello o férreo laço.
 Sòmem-se as Lárvas da illusão medonha,
 Em minha alma outra vez a imagem tua
 De sorrisos, de amores brilha ornada,
 De constancia, de fé. Respiro, exclamo:
 „Analia o disse, o jura, Analia he minha;
 A promessa de Jove he como a sua:
 Oh Ceos! Vós não mentis, nem mente Analia.



EPISTOLA

*Ao Illustrissimo Senhor Vicente José Ferreira
Cardoso da Costa, Desembargador da
Relação do Porto.*

O Vate Coridon, tão caro a Febo,
O Vate Ceridon cantava outr'ora, (1)
Que a metro sonoro altas idéas
Ante os aureos tremos não se reduzem;
Que, opulenta de si, que em seus thesouros,
Thesouros divinaes, embellezada,
Digna Prole dos Ceos, a Musa engeita
Forrados camarins de Syrias telas;
Que d'elles não subio nas rubas cento
O illustre Malfadado, o Luso eterno,
Que alli novo esplendor á Natureza,
Maravilhas ao Globo alli não dera
O, que n'alma lhe ardeo, Furor sagrado,
Nem da Gloria na estancia hum grão sublime
Ao rígido Invaſor dos Indios mares.

Mas ah Vincenio! Se os haveres, o ouro,
Puxando-nos á Terra, origem sua,
O adejo á Fantasia, ao Genio prendem,
Obstaculo mais duro he a Indigencia.

(1) Garção.

Cue vezes sentiria esta verdade,
 Entre cadêas, innocente, e oppresso,
 Longe da bella Esposa, e tenros filhos,
 O atilado Cantor, por quem das trévas,
 Das ruinas, do pó surgindo a Lyra,
 Trouxe nas cordas de ouro o som Romano! (1)
 Exemplo inda maior meus ais arranca.

Se o transcendente Espirito, que accezo,
 Que, absorto em turbilhões de ethérea flamma,
 Deo tanto a Lysia, e lhe deveo tão pouco;
 Se Camões, o Immortal, não fosse aquelle
 Que aos Seus em vão carpio, se achasse o Triste
 Risos na Sorte, gratidão na Patria;
 Se não curvasse a mente ao ferreo pezo
 De mil tribulações, de mil desastres;
 Se infestos, se cruéis, se carrancudos
 O Misero, quaes vio, não vira os Fados,
 Além da Humanidade o véo alçara.
 Precedendo, e seguindo assombro a assombro,
 Em Numen convertido o Pensamento,
 Feliz, qual fôra, se, infeliz, foi tanto!
 Da Gloria no horisonte os olhos fitos,
 Ufano, sobranceiro á desventura,
 A' baixeza, ao desar com que nas almas
 A servil Dependencia engenhos mirra,
 Meneando o pincel, que portentoso
 No véo da Eternidade imprime os quadros,
 Dá carácter, dá luz, dá vida a tudo,
 Ligara a perfeição co' a fantasia.

Mais-

(1) O mesmo Garção

Mais feroz Adamastor, mais espantoso
 Excedêra o trovão na voz murcha,
 Os membros gigantes occuparão
 Maior espaço do Ar, maior da Terra;
 Inda mais dilatára a boca enorme,
 Retorcêra inda mais os negros olhos,
 Das procellas horrisonas toldado.

Nas columnas de neve encantos novos,
 E no raro sandal tu, Cypria Deosa,
 A's amorosas sedes esquivaras,
 Sem tolher divarções ao pensamento.
 Mais patética Ignez, Ignez mais bella,
 Entre os penhores seus, entre os filhinhos,
 Ou cópia della, ou cópia dos Amores,
 O despiédado Affonso embrandecêra.

Sim, Vincenio, a Penuria, morte do Estado,
 Se alguns deixou viver, medrar na Fama,
 Genios mil, Genios mil tem submergido
 No Pego avaro que as memorias sorve,
 He peste, he corrupção fortuna immental
 Della provêm dureza, orgulho, insania,
 Que aos olhos do Mortal Mortaes avilta,
 E outros vícios provêm; mas a ventura
 Moderada, tranquilla, he dona do terno,
 Util ao Sabio, necessaria a todos.
 Não pôde a condicção luzir sem ella,
 Sem ella Heróes talvez se antolhão monstros;
 Sem ella a flor do Espirito entmurchece,
 E roja o pensamento, azado a orôos.

Ah! Meus males pinteí, pintando áquelles
 Que urde a acerba Indigencia entre os Humanos;
 Mas novos para ti não são meus males:
 Já tens mais d' huma vez amaciado
 Os agros, espinhosos dissabores
 Que dura Mão fatal cravou nest'alma;
 Já tens mais d' huma vez salvado Elmano
 Do abysmo em que o lançou Destino adverso,
 E de outro, inda mais feio, inda mais triste,
 (A mortal extincção, o esquecimento)
 Em verso, que não morre, o preservaste, (1)
 Quando na locução, no tom dos Deoses,
 De thesouros da voz senhor como Elles,
 A Castro, insigne em letras, em virtudes,
 Mandaste os fructos que orvalhou meu pranto.

E's magnanimo ainda, és o que foste,
 Eu sou inda o que fui, sou desgraçado;
 E, além de ser em ti carácter firme,
 He já beneficencia em ti costume!
 Musa opprèssa, infeliz se acolheva ella:
 Quem seus ais enfreou seus ais enfreê.

 EPIS-

(1) Allude-se a huma epistola, que o objecto
 desta dirige ao Excellèntissimo Príncipe Castro,
 enviando-lhe versos, que o Author compozera na
 prisão.

EPISTOLA

Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de S. Lourenço, D. João de Noronha.
Anno de 1801.

Semper honos, namque ius, laudisque manebunt.
Virgil. Aeneid. Lib. 1.

S Abio Varão, que na rugosa idade,
No inverno da existencia, quando em tantos
Hé gelo o coração, e hé gelo a idéa,
Conservas o véter do Sentimento,
O viço da Razão! Cultor de Pallas,
Dá Virtude Cultor, que a tens no peito
Qual a teve no seio o Capitolio,
Antes que o luxo d'Asia o corrompesse,
E quando da charrua Heróes sahião!
Oh tu, que revolveste, e que revolves
Venerandos Annaes de Grecia, e Roma,
Onde, instinto a Virtude, instinto a Gloria,
Como feitos commans olhou peccentos,
Tu, que entras o Licêo, que no Areópago
Sócrates vês, e Sócrates te sentes;
Delle a Filosofia, os dons possues,
E, outr'ora perseguido, outr'ora oppresso,
Tom. III. I Def.

Delle (excepto a sicuta) houveste os males;
 Illustre, generoso, honrado, e grande.
 Sem carecer de Avós, quaes mil carecem,
 Sendo insignes os teus, quaes mil não forão:
 Meus versos hoje a ti seu vôo alteão,
 Vão hoje versos meus contigo honrar-se,
 Aura celeste respirar contigo,
 No asylo da Sciencia, da Piedade,
 No asylo que teus dias abrilhantão,
 Que a Moral tua purifica, e doura.

Longe hum Mundo apestado, hũ Mundo inferno,
 Onde ardem Furias, e triunfa o Crime,
 Onde negra Politica enroscada
 Determina injurias, desenha horrores,
 Gosta scenas da Morte, ao longe abertas,
 Quer sorver sangue humano em taças de ouro,
 Quer cinza os Campos, as Cidades cinza,
 Quer, Numel assolador, dar leis ao Nada,
 E em puzurra descança, e dorme, e folga,
 Sonhando a execução de empresas brutas.

Graças, Deos, bemfazejo! Inda na Terra
 Existem Lares que demande a Musa,
 Virgem mitosa, candida, innocente,
 Que teme ao raio, que ao trovão desmaia,
 Que ao vicio sóra, e que só préza o louro,
 Quando he crôa do Engenho, e não da Furia.

Graças, Deos, providente! Inda na Terra
 Vive a Sabedoria! Inda teus Olhos,

Teus olhos, de que ao Sol emana o lume,
 Com paterno Sorriso em Lázes pios
 Se empregão, se detem, e os crêtas patte
 Da tua Habitação, dos teus Elysios,
 Se podera illudir-se a Vista immensa!

Noronha bemfeitor! Pintei a Estância
 Da Razão, da Virtude, a Estancia tua.
 Que horas douradas, que formosos dias
 Nella dos labios teus pendi, qual pende
 De face encantadora aceso amante,
 Lá na quadra viçosa em que o delirio
 Das galas da ventura se atavia!
 Mas que fructo diverso em ti se colhe!
 Colhe-se o fructo da Moral sagrada,
 D'alta Religião, de aurea Sciencia,
 De sãos princípios, que debalde invertte
 Tropel infecto de paixões damnosas!

O preceito no exemplo confirmavas,
 Noronha, homem comigo, homem com todos,
 E, ouvindo-te, hum ser novo em mim sentia.

Ah! Não tachês, Senhor, ah! Não crimines
 De ingrato, de esquecido o triste Vate,
 Que foi por teu favor, por teus auspicios
 Ao túmulo dos vivos atrancado,
 Onde tórva Calumnia o ferrolhara,
 Estygia Sombra, que persegue os Genios!
 Qual tu és bemfeitor, tal eu sou grato.
 Em quadro paterna a imagem tua

Sempre me adorna, me esclarece a mente.
 Semideos para mim N'alma te invoco;
 Dos Infelices Pai! Tua constancia
 Nas Procellas da vida he meu Santelmo, (1)
 Constancia, que luzio na desventura,
 Qual o Planeta magestoso, augusto
 Com flammæ de ouro dardejando as Sombras.

Se a beber novo brilho, idéas novas
 Nas azas da Sandade a ti não vôo,
 He que férreo dever, grilhão sagrado
 No pobre, rôscô alvergue me acantôo.
 Lucro mesquinho de vigílias duras,
 Patrimonio dos Vates, (e não sempre)
 Sustem meus dias, que parecem noites,
 E esteio aos dias são de Irmãa, que tema
 Curte comigo tormentosos Fados.

Em quanto o Genio cahe, cedendo aos males,
 Nos aureos coches, que importarão crimes,
 Campêão vão Autômatos pompôsos,
 Soltos do pó, que o berço lhes manchára;
 Nelles gloria, virtude, amor he ouro,
 Nelles o anel reluz, a alma negreja,
 Nelles a Natureza envergonhada,
 Ao seio da Fortuna os atremessa,
 De carinhosa Mãi lhes nega o nome,
 E só na morte os haverá por filhos.

Ah! Meu grande projecto era cantar-te,
 E a Sorte me desmancha o plano honroso,

Eis te peno, Senhor; eis te enterneco:
 Releva-me o costume; usada ao pranto,
 Minha Musa infeliz cantando arqueja,
 E se em honra de alguém lhe alegre as vozes,
 Só aos dignos do canto o canto envio.
 Que ás lisonjas servis não sei torcer-me
 Provo, esmaltando com teu nome o verso;
 Pouco eu não fôra, se não fosses muito,
 O que digo de ti de ti procede;
 Do Nada torreões não ergo ás nuvens,
 Em Seculo de infamias sou Romano:
 Neguem-no os Zoilos meus, se a luz se nega

Tu, Romano inda mais, maior nos Fados,
 Nos méritos maiores! Sereno acolhe
 De ternas gratidões votiva offrenda:
 He ténue, mas fiel; vulgar, mas pura;
 E altamente canta-te a quem foi dado?
 Caba teu louvor de Smyrna ao Vate:
 Só nelle ha verso que te iguale a fama.

EFIS

(1) Esta lisonja foi feita em cumprimento de uma
 promessa.

ERISTOLA

Ao Senhor Joaquim Severino Ferrás de Campos

Ut vidi! Ut perii! Ut me malis abstractis erroribus
Virg. Elog. Alphesib.

Teus versos li, reli, canoro Alcino;
 Graças, e graças me acordação nelles
 Do lethargo em que tinha a mente aborrido
 Em que sempre sonhei falsas verdades herido
 Não te assombres, amigo, assim se exprime
 Pela voz da experiencia os Desenganos
 Os Sonhos do Infeliz não são quimeras,
 Negros filhos do Mal, ao Pai semelhantes;
 Colhem d'alma o terror, as sombras colhem,
 De nós mesmos, em nós (digo nos tristes,
 Nos miseros como eu) surgem, resurgem.
 Já, quaes manchados Tigres famulentos,
 Ferrão nos corações o dente, as garras,
 Já de pezada, e lóbrega Procella
 Vestem medonha cor, que as Furias trajão;
 De Mar subitamente acapelado
 Com rigido tuffão revolvem serras;
 Arde, retumba o Ceo, rotó de raios,
 Da Esperança a baixel em vão maré;

Terrivel repello' lhe rasga o' panno;
 Repentino' escarceo' lhe rouba o' leme;
 Arfando aos astros vai; vai aos abyssos,
 Nas ondas em montões negreja a Morte;
 O Piloto Razão, sem luz, sem rumo,
 Sóla inutil-clamor, emfim desmata,
 E o lenho, entregue a si, dá nos rochedos
 Do enorme, do vbraz, do horrivel Pogo.

Que he isto, Alcino meu, senão a imagem
 De agros martyrios to' a existencia' envoltos
 Prezos (parte integrante) aos Desgraçados
 Males, ou vele, ou durma, encontro n'alma;
 Os olhos corporaes, e os olhos della
 De tormento, de horror vem mil objectos,
 Objectos sempre iguaes, os mesmos sempre,
 Ou se a sustancia, e forma alguns varião,
 Tomão forma peor, peor sustancia.

Tu, vix Filosofia, embora aviltas
 Os Crentes nas visões do pensamento
 Turvo clarão de raciocínios tristes
 Por entre sombras nos conduz, e a mente
 Rastejando a verdade, a desencanta;
 Nem doloroso Espirito se illude
 Se o que dormindo crêo, crê despertando.
 Até no Afortunado a vida he sonho,
 (Sonho, que não tem fim se verifica)
 E ancioso pezadelo em mim, que a choro,
 Em mim, que provo o fel da Desventura
 Desde que levantei, que abri, carpindo,

Os olhos infantis á luz primeira,
 Em mim, que fui, que sou de Amor o escravo,
 A victima serei, e o desengano
 Da suprema paixão, por ti cantada
 Em versos immortaes, como o Principio
 Ethéreo, Creador, de que emanarão.

Nelles, oh Vate, reçumando o nectar,
 Por mão das Musas para ti filtrado,
 N'alma se me entornou, fez-me serena
 No oppresso coração do pranto a fonte.
 Eis, ganhando o sabor ao metro ameno,
 Sobem lagrimas doces d'entre amargas.
 Natureza, Razão, Filosofia,
 Amor, o infesto Amor, o algoz de Elmano;
 Thesouros do Prazer se me antolharão
 Nos quadros, que esparzió Pincel divino.

Milagres da Harmonia! Eu vos adoro,
 Milagres da Harmonia; ah! Vós. podestes
 Mais em minha alma que experiencia, e Eades:
 Trouxestes-me outro ser, outras idéas,
 Até outro Universo, outros Destinos
 Em aureas illusões a fantasia!
 Sim, pareceo-me em vós a Natureza
 Bella como sahio das mãos de Jove.

Cuidei que Amor suave, Amor piedoso
 Reçompensava hum ai com mil favores,
 (Se hum ai no coração principio tinha)
 Cuidei que em laço de ouro, em laço eterno

Os Entes á Ventura Amor ligava,
 Cuidei que era de hum Deus penhor, e prova.

Não de Ulna desdens, sorrisos della
 Na face angelical suppuz que via,
 Suppuz que em seu gentil, seu niveo colo,
 Nos olhos divinaes o ardor cevando,
 Cevando o coração na rósea boca,
 Em mysterios de Amor despindo a essencia,
 Me era dado elevar-me ao grão de Nuae,
 As delicias do Ceo gozar na Terra.
 Então vociferei, como encantado.
 Existir sem amar! Que horror! Q: Inferno!
 Não: viva-se de amor, de amor se morra,

Mas dentro em pavorosa, antiga selva,
 De teixos, de ciprestes assombrada,
 Que das nuvens os véos, que os véos da noite,
 Rebombando o trovão, rugindo o vento,
 Tomarão mais escura, e mais horrenda,
 Se afflicto, solitario Viandante,
 Para aqui, para alli vagando incerto,
 D'entre aquelle pavor sombrio, immenso
 Vê romper hum clarão, que nasce, e morre:
 A momentânea luz que lhe aproveita?
 Co: a feia solidão recae nas trévas,
 E as trévas o relampago reforça.

Soñoroso Cantor, prezado amigo,
 Eu sou do Caminhante a copia triste,
 Teus versos o fulgor, que alguns momentos

Aclarou na minha alma antigas sombras.
 Ella não mais, não dor cahio de novo;
 E a imagem d'alegria á minha idéa
 O abysmo da afflicção tomou mais denso.

De hum lado as Graças, d'outro lado as Fúrias,
 Attractivos daqui, dalli tormentos,
 Surge Ulina outra vez, qual he, qual era,
 Deusa, e querida, Divindade, e Monstro.
 Para mim, para mim tropel de horrores,
 (De horrores, cujo apuro és tu, Ciúme)
 Lhe abre o caminho, lhe dirige o passo:
 A férrea Ingratidão precede a todos,
 E contra o peito ebúrneo lhe respira
 Atros vapores, que engolio no Averno.

Celestes Perfeições, morreis com elles,
 Rosas de Amor, a Ingratidão vos murcha;
 Com ella não brilhais, lumes formosos,
 Magos sorrisos, não brilhais com ella:
 Sois mancha, não sois gloria á Natureza,
 Sois do Mundo o veneno, a peste, a morte.

Alcino, eu desespero; Alcino, eu morro.
 Tu, que aos delirios meus a origem sabes,
 Que os meus extremos viste, e o premio d'elles,
 E que fructo colhi; que fructo acérbo,
 Vê se Amor, se a Razão merecem culto,
 Vê, quaes são: ella fraca! Elle tyranno!
 A que tanto esplendor toma em teus versos

De Espanação de Jove atrege o nome,
 E aos pés de ímpio Senhor cahe, vil Escrava!
 Ah! Se negra paixão, que enluta os dias
 Ao Vate carpidor, ao cego Amante,
 No peito do Infelz se angustára!
 Se revivesse emfim o ardor sagrado
 Onde funesto ardor só de ancias vive,
 Como se este tobe, no meu subira
 Nas azas da Harmonia ufana, e leda,
 Afoito demandando Eternidade.

De ti, Cysne de Amor, Cysne do Tejo,
 Que imaginarios bens no canto adornas,
 Por mais, e mais que estude os sons mimosos,
 Ave das sombras, costumada ao pranto,
 Gorgeio encantador colher não pôde.

Amor sabes cantar, em se chorallo:
 Innata propensão dominar os Entes;
 A Natureza em mim, e em ti murmura
 „Elmano chore Amor, Alcino o canta,
 Da Sorte; caro amigo, marde sigamos,
 Nosso temperamento de nosso Fado:
 Fado, contudo, oh Jove, a ti sugeito.

E P I S T O L A,

VINCENTIO A ELMAÑO.

E Stremado Cantor, que a Laeia Musa
 Nas Brasilicas praias renascida, (1)
 Ao patrio, Luso clima transplantando,
 Qual outr' ora cantou o Venusino
 Em honra dos Augustos, dos Mecenas,
 Ao som da tua Lyra ergueste aos astros
 O grande nome do immortal Coutinho,
 Novo Fautor da Lusitana Gloria;
 A ti, sublime Elmano, que em teus hombros,
 Para tamanha empreza destinados,
 Tomaste affeito o nobre, o vasto pezo
 De transmittir seu nome á Eternidade,
 Pezo, que a Lysis toda carregava;
 A ti von grato dirigir louvores
 Pela parte, que a mim tambem tocava
 Da empreza que tu só desempenhaste.

De Lysis filho sou, da Gloria sua
 Huma porção tambem deve ser minha.
 Oh! E ao Genio, que a Patria alçar procura
 Ao rico Solio, que algum dia obteve,
 Quando ao velho ajuntava hum novo Mundo,
 Por mares nunca dantes navegados,
 Não era eu devedor de grande parte

Da divida commum aos Filhos todos?
 Mais do que elles devia, e devo ainda;
 (Nem he grandeza d'alma o confessallo,
 Quando todos talvez o reconhecem)
 Porém dividas minhas, e só minhas
 Não são as que honrão de Coutinho o nome;
 Nem podião jamais eternizallo;
 Não fallo destas, não; d'outras maiores,
 Que são communs a mim, e aos Lusos todos,
 He que tu, grande Elmano, de teus cofres,
 Das riquezas d'Apollo recheados,
 Pela Nação pagaste, se não tudo,
 Mais do que outro nenhum pagar podia.

Louvaste Heróe crédor a mil louvores:
 Quem mais digno de ser por ti louvado?
 Quem pôde fazer mais a bem dos outros
 Do que sacrificar escassos dias,
 Que mesquinha reparte a Natureza,
 Inteiros todos ao geral proveito?
 De si próprio esquecido, noite, e dia
 Nos cômodos alheios meditando,
 Dos prazeres perder, e do repouso,
 A doce fruição, que as almas prende?
 Não ser nada a Consorte, nada os Filhos,
 Brandas prizões, que a Natureza forja,
 Quando os outros deveres secundarios,
 Que são do Cidadão, mas não do Homem,
 Inteiro o dia, inteira a noite pedem!
 Nevoso Inverno, Estio afoqueado

Ser tudo o mesmo quando o Officio chama,
 Quem pôde fazer mais? Nem o Herbe mesmo,
 Que assim, Elmão, docemente cantas.

Mas que não deves a quem pães extremos
 De bemfeitora mão recebe, Elmão,
 Eterna gratidão, renome eterno,
 Que a Jove iguale o Bemfeitor dos Homens,
 Eis a paga, que devem decretar-lhe
 Sensíveis Corações agradecidos:
 Tanto Lysia devia ao bom Cottinho,
 E tu por Lysia tanto lhe pagaste.

Ah! Tão grata contigo a Patria seja
 Quanto merece, Elmão, a tua offenda.
 O padrão, que devia levantar-lhe
 Por seu zelo incansavel, nos teus versos
 Tu soubeste elevar a quem reforça
 Nos dois Mundos, que o Luso Sceptro abrange,
 Audaz Navegação, util Commercio,
 Exercícios, que a mesma Natureza
 Parece ter a Lysia destinado,
 Quando fez com que ao longo as costas suas
 Fossem todas banhadas do Oceano,
 E por immensos mares separando
 Seus Vassallos fieis, e seus Domínios,
 Hum só meio lhe ensina, hum só arte
 De os poder ajuntar sobre amplos Vasos,
 Que vão, que vem d'um Polo a outro Polo,
 A ponte fabricando, que ha de unillos,

A este, que lá mesmo nas Provincias,
 Que mais remotas são do Lusó Imperio,
 Ensina ao Lavrador a agricultura,
 E faz que alegre os fructos colha em dobro,
 Seus trabalhos mil vezes minorando:
 A este, que as Colonias enriquece
 Para mais consumitem do sobejo
 De nossas produções, da industria nossa,
 Politico sagaz, que vê ligadas
 Sempre a nivel a producção, e o gasto,
 Que, sabendo lançar ao longe a vista,
 Das Gerações por vir domina a Sorte,
 Pelo exacto compasso calculando
 O que hão de produzir seus institutos,
 O que lhe hão de custar, e decidindo,
 Não por fracas ventagens momentaneas,
 Mas por outras, que vem só Genios raros:
 A este, a quem Justiça inflamma sempre,
 Que o merito procura onde elle existe,
 Que não sabe enganar, que traz no rosto
 Patente o coração, e os sentimentos;
 A este, que comsigo satisfeito,
 Nunca tolhe o louvor aos mais devido,
 Que do Principe o Nome, o Nome augusto
 Cada vez mais amavel fazer busca;
 Que o respeito, que ao Throno os Povos devem,
 No que diz, no que faz ensina sempre,
 A este, grande Elmano, levantaste
 Rico padrão, que Lysia lhe devia!

Ah! Tomo a repetição, seja a Patrã
 Comtigo quanto deve agradecida!

A minha gratidão te destinava,
 Por que mais não podia, nos meus versos
 Inteira confissão, prego solemne
 Da divida geral de Lusitania:
 Porém benigno Apollo, conhecendo
 Os ardentes desejos da minh'alma,
 Dos divinaes thesouros de seus cofres
 Riquezas vejo dar-me, de ti dignas,
 Que offrecer-te podesse, e sem receio:
 Dois manuscriptos são de letra tua,
 Ambos filhos do Genio, que te inflamma,
 Vê-se n'um trasladado de Lucano
 O Bosque de Marselha antigo, e negro,
 Que talvez nunca foi tão pavoroso
 Como o he renascendo nos teus versos:
 N'outro se pinta, com mais vivas cores
 Do que Tasso pintou, a infausta Sorte
 De Eduardo, e Gildipe, succumbindo
 Do barbaro Inimigo aos golpes duros:
 Os dois ternos Amantes desditosos,
 Hum com outro abraçados, fenecendo!
 Ah! Seu trance final tão bem descripto
 Em teus versos está, que hão de teus versos
 Pranto sempre extrahir d'olhos que os lerem.

Estes dois manuscriptos, que eu chorava
 Como perdidos já, conforme sabes...
 Perdidos! ... Como havião de perder-se,
 Sem

Sem que as Músas houvessem de guardallos?
 Sim, Elmano, em seus cofres, qual thesouro
 Atégora os tiverão; foi Apollo
 Quem mos restituio; por elle entregues
 Me forão, quando via que, empenhado
 Em ser grato contigo, não podéra
 Offrecer-te senão incultos versos.

Eia, pois, hum thesouro te remetto
 Nos versos, que te mando, e que o teu nome
 Eterno hão de fazer, como a Coutinho
 Os outros versos teus eterno fazem:
 Ninguém premio maior té deo, Elmano.
 Essa chamma divina, que te abraza,
 Que mandará teu nome á Eternidade,
 Além dos teus, que versos vivifica?
 Se não rétu nos mais, que versos podem,
 Não sendo os teus, fazer teu nome eterno?

Graças a Apollo, que a dourada lyra
 Te deo, para com ella eternizares
 As virtudes, e o nome de Coutinho!
 Graças a Apollo, que me deo riquezas,
 Para fazer-te hum alto donativo,
 Capaz tambem de eternizar teu nome!

~~Tomo III da Obra de Elmano de Almeida~~

(1) José Francisco Cardoso, Author do Canto
 de Tripoli, vertido por Bocage.



E L E G I A

Na morte do Illustrissimo Anselmo José da
Cruz Sobral

Parva petunt Manes.

Ovid. Fast. Lib. 2.

Numen do pranto, Numen da tristeza,
Tu, que tinges de escuro a fantasia,
Que oppões a Eternidade á Natureza!

Por meus versos espargo a côr sombria,
A côr dos corações, dos pensamentos,
No ponto acerbo, que nos sóme o dia.

Ais solitarios, miseros lamentos
As trévas firão do Silencio antigo,
Que reina entre o pavor dos Monumentos;

De honrosas, caras Cinzas ao jazigo
Co' a luz, que a todos patentêa o Nada,
Me guia, oh Desengano: eu vou contigo.

De hum a outro Universo ah! Eis! a estrada,
Por milhões, e milhões dos frágeis Entes.
Desde a infancia dos Seculos trilhada;

Eis!

Eis o terreno de fatias sementes,
 Donde sobe amargoso, e negro fruto,
 Eis a meta infatível dos Viventes.

Triste marmore alli, polido, ou bulto,
 Recatã estrago, horror: na feia Estancia
 A Grandeza he misoria, o Fasto he luto.

Difrenças da Humanidade, e da Arrogancia
 O teu nivel, oh Moste, alli supprime;
 Cessa entre os Graos quimérica distancia.

De Virtude somente o Dom sublimã
 Do Herõe, do Justo alli doura a memoria,
 Como opaca memoria enluta o Crime.

Abysmos da Existencia transitoria,
 No immenso, no voraz, no horrivel seio
 Co' a vida não serveis a humana Gloria.

Esteio em Cotações, na Fama esteio
 Logra, domando o Tempo, a Inveja, o Fado,
 Grao Ser, que volve aos Astros donde veio.

Despojo de Sobral, Despojo amado,
 Em quanto a Gratidão luzir na Teuzq,
 Serás de ingenuas lagrimas honrado.

Debalde avaro Tumulo te encerra
 Debalde a Lei mais dura, em ti cumprida,
 De teus saudosos lares te desterra.

No extremo a Deos, na eterna despedida
 Ganhaste ao Tempo seu feroz direito,
 Perdeste o Mundo, e renhvaste a vida.

Da Essencia, da Materia o nó desfeito
 Deixou teu nome intacto, eximio, puro
 Brilhar nas sombras do funéreo leito.

A mesta Mãez, de manto escuro,
 A sósinha, miserrima Orfandade,
 Medrosas do Presente, e do Futuro,

A ti, ao Bemfeitor da Humanidade,
 Nos castos Domicilios consagrário
 Prantos ferventes, cordial saudade:

Teus feitos immortaes, que a Patria ornário,
 Que em perénnal delicia hum Deos premê a,
 De terna Gratidão na voz soário,

Do Globo inficionado oh Mente alhá,
 Oh Alma, tão diversa, e tão lustrosa
 Dos Entes na longissima cadêa!

Tão bella como o Olympo que te gosa,
 Tão pura quanto o soffre a Natureza,
 Mil vezes fraca, insana, ou criminosa!

Dos Homens commettendo a summa empreza,
 Util viveste ao Mundo, e só fundaste
 Em teu grande caracter a grandeza;

Exer-

Exerceste a Virtude, os Ceos honraste,
 E, sôfrega anhelando os Atrios de ouro;
 Nas azas da Esperança aos Ceos voaste.

Negra filha da Noite, Ave de agouro
 A pontar-te não foi co' a voz funesta
 O rasto vil de pósthumo desdouro;

Moral gangrena, que a Opulencia empesta,
 Jámais te corrompeo, jámais; qual foras
 Nas Eras de ouro, reluzias nesta.

Virtudes efficazes, bemfeitoras
 Enchêrão sempre teus vitaes espaços,
 Illesas das Idades tragadoras;

Quando, ferrenhos, túmidos, escaços,
 Apenas Homens são, e impõe de Numes
 Baixos Lucullos, despreziveis Crassos,

Que, da curva Indigencia entre os queixumes,
 Se enlevão, com apáthica surdeza,
 Da Ventura infiel nos fátuos lumes.

Espirito feliz, que da baixeza
 Do térreo Globo te elevaste ao Clima,
 Donde crês tenue ponto a Redondeza:

Se attentas nos Humanos, lá de cima,
 Chorosos Corações, que a dor ancêa,
 Com teu reflexo fortalece, anima;

Daquelle, com que Amor anda te enlha,
 Daquelle, a que a Tembra anda te prende,
 A' Gloria tua o pensamento alha.

Na lúgubre Consorte a idea recende
 Do Olympico prazer, na Prole amada
 A rigida constancia ao termo estende.

Entorna da estellifera Moçada
 Néctar piedoso, que a afflicção lhe adoece,
 E n'uma, e n'outra face amargurada
 Só jubilo Celeste o pranto engrosse.



EPIGRAMMA.

GRatis pespega o Verdugo
 No pescoco ou laço, ou corte;
 O Espadachim mata gratis,
 O Medico vende a morte.

EPIGRAMMA,
TIRADO DE MARCIAL.

SE me lembro, Elia, tiveste
De bellos dentes a posse:
N'uma tosse dois se forão,
Forão-te dois n'outra tosse.

Segura noites, e dias
Pódes tussir a faltar,
Pódes, que tosse terceira
Já não tem que te levar.

EPIGRAMMA.

NO Mundo ha gloria suprema.
(Roncava Euclidico Author.)
„ Qual he? (Diz Taful da gema)
„ Qual he! (torna o Cismador)
Le resolver hum problema.

EPIGRAMMA

TRADUZIDO.

MOrdeo huma serpe Aurelia.
Que pensais que resultou?

Que

Que Aurelia morreo? Historia:
A serpente he que estoirou.

EPIGRAMMA

A HUMA CARA MUI GRANDE.

EXaminasse hum planeta
Com telescópio de cá:
Ver-se-hia a cara de Olena
Sem telescópio de lá.

EPIGRAMMA.

LA^Aura divertio-se muito
N'uma função menos má.

B
Qual foi o divertimento?

A
Não ter o Marido lá.

EPIGRAMMA.

TRouxe-se a pobre doente
Hum récipe singular.
Morreo do récipe? Não;
Só da tenção de o tomar.

EPIGRAMMA.

IN fide Parochi attesto.
 (Escrevia inchado Cura)
 Que soffreo Lopo Forçura
 Da morte o golpe fonesto.

Tal clareza não se achou
 Des óbitos no registo,
 Mas attesto-o por ter visto
 A receita que tomou.

EPIGRAMMA.

HUm Procurador de causas
 Tinha na dextra de Harpia
 Nojenta, incuravel chaga,
 Que até ossos lhe roia.

Exclama hum Taful ao vello:
 „ Que pena de Taliso
 Quem com a mão roeo tanto
 Ficou roido na mão.

EPIGRAMMA.

COm tão má gambia andas tanto,
 Tanto daqui para alli!

Procurador, não me enganas:
Tu procuras para ti.

EPIGRAMMA.

Empobrecce todo o Bairro
Fabio com penna, e cordão:
Foi quatos mezes Letrado,
Quinze dias Escrivão.

EPIGRAMMA.

Hum Escrivão fez hum roubo.
Diz-lhe o Juiz: „ que razão
Teve para fazer isto? „
Responde: „ ser Escrivão.

EPIGRAMMA.

Certo enfermo, homem sisudo,
Deixou por condescendencia
Chamar hum Doutor, que tinha
Entre os mais a preferencia.

Manda-lhe o fôfo Esculapio
Que bote a lingua de fóra,
E envie dez garatujas
A' botica sem demora.

„ Com isto, (diz ao doente).
 A sepultura lhe tapo.
 Replica o pobre a tremer:
 „ Aposto que não escapo.

EPIGRAMMA.

A Rrimado ás duas portas
 Pingue Boticario estava,
 E brandamente acenou
 A hum Doutor, que passava.

Mal que chega o bom Galeno
 Diz o outro como se jucundo:
 „ Unamo-nos, meu Doutor,
 E demos cabo do Mundo.

EPIGRAMMA.

Disse hum Avicena ao ver
 Certo doente: „ he confusa
 Esta molestia: por tanto
 A malina se reduza.

Eis a mão facinorosa
 Lavra potente receita,
 Que anónima enfermidade
 Torna em malina perfeita.

Co' a prompta metamorphose
 O infesto Doutor se alegra,
 E diz, sorrindo-se: „ agora
 Se matar, mate com regra.

EPIGRAMMA.

H Um Filósofo enfermou.
 Não tinha mal de perigo,
 Mas soffreo a Medicina,
 Por agrádar a hum amigo.

Consentio que receitasse
 Hippocrático Impostor,
 E logo para hum cfiado
 Disse, brando, e sem tremore

„ Não deixes lá na Botica
 Esse amargo fructo do erro;
 Inda tem mais serventia:
 Suppre os escritos de enterro.

EPIGRAMMA.

Q Uiz inda fresca Viuva
 Casar, mas tinha esquecido
 No alfarrabio dos enterros
 Pôr o enterro do Marido.

Leve este papel ao Cura,
 (Lhe aconselha hum maganão)
 Era excellente receita
 Das que importão n'um milhão.

„ Padre, (diz ella, entregando
 O papel que se lhe deo)
 „ O meu homem tomou isto ...
 Toma o Cura: então morreo.

EPIGRAMMA.

Disse a Morte ao ver entrar
 Milhões de almas nos abysmos:
 „ Bravo! Bravo! Que colheita!
 Muito devo aos aforismos!

EPIGRAMMA.

DOs óbitos o volume
 Consta que hum Cura perdeu,
 E contou este desastre
 A íntimo amigo seu.

De supprir o triste livro
 Não pôde occorrer-lhe idéa.
 „ Ai! (diz o amigo) isso he facil:
 Compre huma Farmacopéa.

EPIGRAMMA.

Compôz para leve andaço
 Hum Doutor, Doutor fatal,
 Famosa receita, onde era
 A menor dose mortal.

Índo depois á Botica,
 Desta sorte o dono o investe:
 „ Receite a todos o mesmo,
 Meu Doutor, e temos peste.

EPIGRAMMA.

Hum Doutor, accommettido
 Das chufas de hum Boticario,
 (Que não sei porque motivo
 Se lhe quiz mostrar contrario)

Disse-lhe: inda que nós ambos
 Somos dos humanos magoa,
 Mais do que eu faço com tinta
 Faz sua mercê com agoa.

EPIGRAMMA.

Hum chapado, hum retumbante
 Corifeo da Medicina
 Certa Menina adorava,
 E adoecco-lhe a Menina.

Eis para cutillo o chamfo, :
 Pela alta fama que tem.
 Geme o Doutor, e responde :
 „ Não vou, que lhe quem beñ.

EPIGRAMMA.

LE-se n'uma sepultura
 De antiguidade Affonsina :
 „ Aqui jaz quem não jazera,
 Se jazesse a Medicina.

EPIGRAMMA.

A Morte perdendo a foice,
 Crêo sua força desfeita :
 Disse-lhe hum Medico insigne :
 „ Aqui tens esta receita.

EPIGRAMMA.

Disse hum dia o Fado á Morte
 Que chuchasse hum tal Doutor,
 Que punha em cada receita
 Ao menos hum estupor.

„ Não ouse (responde a Parça)
 A teu mando obedecer,
 Se com Medioos se mente,
 Té póde a Morte morrer.

EPIGRAMMA.

A Qui jaz hum homem rico
 Nesta rica sepultura :
 Escapava da molestia ,
 Se não morresse da cura.

EPIGRAMMA.

H Um Velho cahio na cama.
 Tinha hum filho Esculapino ,
 Que para adivinhações
 Campava de ter bom tino.

O pulso paterno ápalpa ,
 E receitar depois vai.
 Diz-lhe o velho , suspirando :
 „ Repara que sou teu pai.

EPIGRAMMA.

C Hiron foi Medico insigne ,
 Segundo nos livros acho ;
 Potém cavallo o descrevem
 Da cintura para baixo.

Doutor, em nada o semelhas;
 Elle foi besta nos pés,
 Nas ancas, mãos, e costado:
 Tu só na cabeça o és.

EPIGRAMMA.

HUm Medico, antiga peste
 Do triste Genero humano,
 De costumado a enganar-se
 Pôde acertar por engano.

Fez huma receita idónea,
 A pezar do formulario;
 Mas o que ao Medico escapa;
 Lá vai ter ao Boticario.

EPIGRAMMA.

POdre Victima de Venus,
 Metáfora da existencia,
 Fiou-se de hum Boticario,
 Homem de sã consciencia.

Tinha o pustuloso enfermo
 Huma gambiã retorcida,
 Que para a parte de fóra
 Como que enzojava a vida.

Tenaz' emplasto lhe estende
 A Farmacopólia mão,
 Com que de nome á botica,
 Dando cabo do algão.

„ Deixê' estar, (diz o Mestração)
 Que isto logo, logo abranda.
 Que succedeo? Pôr-lhe a penna
 Tere para a outra bñda.

EPIGRAMMA,

TIRADO DE OWEN.

P. O que he mais leve do q' o ar? R. O fumo;
 P. O q' he mais leve do q' o fumo? R. O vento.
 P. E q' o vento? R. A Mulher. P. Q' a Mulher?
 R. Nada.

EPIGRAMMA.

Bôjudo Farmacopóla,
 De cangalhas no nariz,
 Lia hum papel dos que a Genta
 Prégão em vasabarris.

O papel era receita
 Isto bem se deixa ver
 Eis o algóz dos paladars
 A molestia quiz saber,

Soube-a, pouco mais, ou menos
 E exclama hum tanto impaciente;
 „ O Medico allucinou-se,
 Com isto sara o Doente.

EPIGRAMMA.

HUm homem rico, outro pobre
 Grave molestia prostrou.
 Qual delles morreo? O rico,
 Que mais remedios tomou.

EPIGRAMMA.

Para curar febres podres
 Hum Doutor se foi chamar,
 Que, feitas as ceremonias,
 Começou a receitar.

A cada pennada sua
 O enfermo arrancava hum tal;
 „ Não se assuste, (diz Galeno)
 Que inda desta senão vai.

„ Ah Senhor! e Toma o cuidado,
 Como quem seu Filho espera;
 Da molestia não me assusto,
 Assusto-me da receita.

POESIAS

EPIGRAMMA.

HUm Geómetra zombou
Ao ver que Amante infeliz
Por linda Moça expirou;
Mas ao Sabio o que o matou?
Não dar co' valor d'um xiz.

EPIGRAMMA.

HOmem de genio impaciente,
Tendo huma dor infernal,
Pedia para matar-se
Hum veneno, ou hum punhal.

„ Não ha (lhe disse hum visinho,
Velho, que pensava bem).
Não ha punhal, nem veneno;
Mas o Medico ahi vem.

EPIGRAMMA.

Sempre he teima de viver
A que tem Celio caduco!
Não sei que molestia possa
Chuchar-lhe da vida o succo.

Tinha huma chaga no bofe;
 O bofe sem chaga está;
 Hum aneurisma no peito:
 Vestigios delle não ha.

De lhe cerrarem tres fontes
 Nenhum damno resultou.
 Isto ainda não he nada:
 Té d'uma Junta escapou.

EPIGRAMMA.

HUma destas que adoecem
 Porque hum mosquito as mordeo,
 Disse para hum seu criado:
 „ Chamem-me o Doutor Sandeo.

Eis o Hippócrates, que abonão
 Honrosos cabellos brancos,
 E eis subitamente a Dama
 Aos soluços, e aos arrancos.

Donde lhe veio este excesso
 Na Hippocrática presença?
 De estar doente de veras:
 E era o Medico a doença.

EPIGRAMMA.

COnsta que hum Medico fôra
 Inventor da Guilhotina.
 Deo bem rapidez á morte!
 Mostrou saber Medicina.

EPIGRAMMA.

Morte! (Clamava hum doente)
 Este misero soccorre,,
 Surge a Parca de repente,
 E diz de longe: ,, recorre
 Ao teu Medico assistente.

EPIGRAMMA.

AMorte foi sensual
 Quando ainda era menina:
 Co' Peccado original
 Teve cópula carnal,
 E pario a Medicina.

EPIGRAMMA.

H Um Medico, resentido
De certo seu offensor,
Ante hum amigo exclamava,
Todo abrazado em furor:

„ Para punir este indigno,
Este vil, tomára hum raio: „
Acóde o outro: „ ha hum meio
Muito mais facil: curai-o.

EPIGRAMMA.

P Oz-se Medico eminente
Em voz alta a recitar.
„ Récipe. (diz) ... de repente
Grita da cama o doente:
„ Basta, que mais he matas.

EPIGRAMMA.

F Abio, o meu dilecto amigo,
(Dizia Alfeu consternado)
Dos Medicos mais insignes
Está já desamparado.

„ Oh ! (Sahe dalli hum Sugeito,
De circumspecta presença)
„ Feliz, se o desamparassem
No principio da doença!

EPIGRAMMA.

A.

Que vem do Chéfe dos Matas
Sustenta o Doutor Maleitas,
E com mil papeis o prova.

B.

Com que papeis ?

A.

Com receitas.

EPIGRAMMA.

Tinha huma dor muito aguda
Hum Homem. Veio hum Doutor,
E disse : „ com tres regrinhas
O livro já dessa dor.

Corre a lançar mão da penna,
Eis diz o Enfermo a tremar :
„ Ai ! Nada, senhor Doutor,
Antes penar que morrer.

EPIGRAMMA.

HUm Medico receitou.
 Subito o récipe veio,
 Do qual no bucho da Enfermo
 Logo embutiu copo, e meio.

„ A Deos até á manhã,
 (Diz o fôfo Professor)
 Responde o Doente : „ a Deos
 Para sempre, meu Doutor.

EPIGRAMMA.

INda novel Demandista.
 Hum Letrado consultou,
 Que, depois de cem perguntas,
 Tal resposta lhe tornou;

„ Em Cujácios, em Menóghios,
 Em Pegas, e Ordenação,
 Em Reinícolas, e Estranhos
 Tem catredas de razão.

„ Sim, sim, por toda essa estante
 Tem razão, razão de mais.

„ Ah Senhor! (o Homem replica)
 Tê-la-hei nos Tribunais?

EPIGRAMMA.

Certo Averróes quiz não prelo
 Ver seus aforismos juntos.
 Pôz-lhes o Editor singelo :
 „ Arte de fazer Defuntos.

EPIGRAMMA.

Disse, em ar de novidade,
 Lelio, que a rugosa Elvira
 Sofrêra longa molestia,
 De que a bem custo surgira.

„ Creio: o seu Medico he bom.
 (Proferio grave Pessoa).
 Acode hum Taful: „ e eu sento
 „ Que a molestia he que foi boa.

EPIGRAMMA.

Ante mim não vales nada:
 (Disse a Morte á Medicina)
 Eu de tudo quanto existe
 Sou a fatal assassina.

„ Ui! (a Mãe dos aforismos
 Responde á Parca amarella)
 „ Olha a tola ! Eu sou o mesmo ,
 Mas com mais methodo que ella .

EPIGRAMMA.

A Morte era huma idiota
 Antes de aforismos ter,
 Mas depois que ha Medicina,
 Já sabe ler, e esorever.

EPIGRAMMA.

A Morte hum dia enjoou-se
 D'um nome que se abomina,
 Quiz o azedume adoçar-lhe,
 E crismou-se em Medicina.

EPIGRAMMA.

Vai curar o Douçor Campa
 Sua futura Consorte.

Já se não diz quando casto
 Recheita á hora da morte.

EPIGRAMMA

Lavrou chibante receita
 Hum Doutor com todo o esmero
 Era para certa Meça,
 Que ficou sãa como hum pêro.

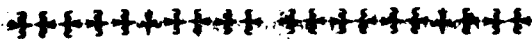
„ Tão cedo! He milagre = (assenta
 A Mãi, que de gosto chora =)
 „ Minha Mãi, não he milagre:
 Deitei o remedio fóra.

EPIGRAMMA.

Rechonchudo Franciscano
 Desenrolava hum Sermão,
 E defronte por acaso
 Lhe ficara hum Beberão.

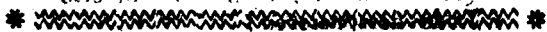
Tratava dos Bens celestes,
 Proferindo: „ Ouvintes meus,
 „ Que ditas, qbe immensa gloria
 Para os Justos guarda hum Deos!

„ Falsos, momentâneos gostos
 Ha neste Mundo mesquinho;
 Mas nos Ceos ha bens sem conto...
 Pergunta o bebedo: „ e vinho?



MADRIGAL.

Z Efyros, que brincas co'as tranças bellas
 Da minha doce Anália,
 Voai ás flores da viçosa Idália,
 Bem que na graça, e côr são menos que ellas:
 Não he por vós, Favonios, que a frescura
 Trazeis ao níveo seio,
 E á face melindrosa, em que delto:
 He só porque recio
 Que de astuto Rival, de audaz ternura
 Comvosco se disfarce algum suspiro.



IMPROVISOS.

A minha Lilia morreo.

A Sim como as flores vivem
 A minha Lilia viveo;
 Assim como as flores morrem,
 A minha Lilia morreo.

Assomando o negro dia,
 Ave sinistra gemo;
 Cumpro-se o funesto agouro
 A minha Lilia morreo.

Desfatece, oh Natureza,
 Accelera o fado teu;
 Esta voz resigle no Nada
 A minha Lilia, &c.

Fadou-me o caso medonho
 Vate que nos Astros leo;
 Os Vates são como os Numes!
 A minha Lilia, &c.

Que he do Sol! Q' he do Universo!
 Tudo desapareceo;
 Foi-se toda a Natureza:
 A minha Lilia, &c.

A minha ventura, e Lilia
 N'um só laço Amor predeo:
 Morreo a minha ventura,
 A minha Lilia, &c.

Em parte da minha essencia
 Minha essencia pereceo;
 Não vivo senão metade:
 A minha Lilia, &c.

Oh quanto ganhava o Mundo!

Oh quanto o Mundo perdeu!

Doce lucro, e triste perda!

A minha Lilia, &c.

Para exultar o Universo

A minha Lilia nasceo;

Para os Numes exultarem

A minha Lilia, &c.

Meu coração desgraçado,

Desgraçado porque és meu,

Evapora-te em suspiros:

A minha Lilia, &c.

As Estrellas se apagarão,

A Natureza tremeo,

Os Promontorios gemêrão,

A minha Lilia, &c.

Disse, ao ver sereno effluvio,

Que o puro Olympo correo:

„ Aquella he a alma de Lilia,

A minha Lilia, &c.

Instantes affortunados.

Sou dos que não querem vida,
 Sou dos mais desesperados:
 Valei-me, instantes da Morte,
Instantes affortunados.

São muito mais que momentos
 Os momentos desgraçados,
 São muito menos que instantes:
Instantes affortunados.

D'entre os Ceos com alvas plumas
 Lá nos Seculos dourados,
 Sobre a terra, Athor, trouxeste
Instantes, &c.

Estes instantes volverão
 Aos puros, Elisios prados:
 Já nem a innocência gosa
Instantes, &c.

Sinto de sorte a tristeza
 Meus desejos costumados,
 Que nem cobiço, nem sonho
Instantes, &c.

Hum coração como o meu.

Milharés de maravilhas
Tem Jove em tudo o que he seu,
Mas não tem nesse thesouro
Hum coração como o meu

Dêste, Amor, á minha Amada
Hum semblante como o teu:
Amor, porque lhe não dêste
Hum coração como o meu?



IMITAÇÃO ANACREONTICA.

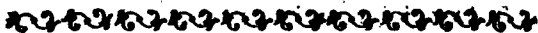
EM torno de aurea colmea
Amor adejava hum dia,
E, a mãozinha introduzindo,
Humidos favos colhia.

Abelha, mais forte que eu,
Porque de Amor não tem medo;
Eis do guloso Menino
Castiga o furto n'um dedo.

Chupando o rentro dedinho,
Entra Cupido a chorar,
E ao collo da Mãe voando,
Do insecto se vai queixar.

Venus carinhosa, e bella
Diz, amimando-o no peito:
„ Desculpa o que te fizerão,
Recordando o que tens feito.

O ténue ferrão da abelha
Dóe menos que teus farpões:
O que ella te fez no dedo
Fazes tu nos corações.



*Se amor vive além da Morte,
 Constancia eterna hei de ter ;
 Se amor dura só na vida,
 Hei de amar-te até morrer.*

G L O S A.

F Ui onde o sábio Fatino ;
 Vate , pelos annos curvo ,
 Rompe o véo tapado , e turvo ;
 Que envolve as leis do Destino
 Entro a gruta , a fronte inclino ,
 E exclamo em vivo transporte :
 „ Oh tu , que fallas co' a Sorte ,
 Eia , dize ao mais constante ,
 Ao mais abrazado Amante
Se autor vive al m da Morte.

Anália , Deosa na face ,
 Deosa até no coração ,
 Temeo que a minha paixão
 Como as outras desmaiasse.
 Para que o meu bem deixasse
 De vacillar , de gemer ,
 Abalancei-me a dizer :
 „ Despe , amada , hum vão temor ;
 Que por milagre de Amor
Constancia eterna hei de , ur.

Talvez foi voto indiscreto...
 Prosegua; eis, meneando
 O grão Velho venerando
 Tres vezes seu grave aspecto:
 „ Que não ousa hum louco affecto!
 (Me diz com voz desabrida)
 Alma insana, alma atrevida,
 Ha quem confie, ha quem jure
 Que amor entre cinzas dure,
Se amor dura só na vida!

„ Doido Amante allucinado,
 Como ha de a paixão, como ha de
 Ir alterar a igualdade,
 Que aos Entes impôz o Fado?
 Não ha permanente estado,
 O Nada provêm do Ser:
 Torna, vai-te desdizer,
 E faze o teu voto assim:
 „ Mais poder não cabe em mim,
 „ *Hei de amar-te até morrer.*



*Defender os patrios Lares,
 Dar a vida pelo Rei,
 He d'os Lusos valerosos
 Carácter, Costume, e Lei*

G L O R I A.

Fernando avilta o braço,
 De eternos Avós herdado,
 Fernando, a delicias dado,
 Perde gloria, e coração.
 Eis o primelto João
 Surge fausto entre os azares;
 Dissipa tórpes desares,
 E vai co' a tremenda espada,
 Co' a Gloria resuscitada
Defender os patrios Lares.

Correm Tempos, e o Destino
 De Lysia outra vez se altera:
 No berço Bellona fera
 Bafeja Real Menino.
 Cresce, e infausto desatino
 O move contra Mulei: (1)
 Ai! Segue-o submissa Grei,
 Lusos mãos pendões desferem,
 E até na injustiça querem
Dar a vida pelo Rei.

Cahe o Moço miserando
 Sobre as barbaras arêas;
 Rebenta o sangue das veas,
 Inda victoria anhelando.
 Férreo Jugo, intruso Mando
 Nos turva os Annaes lustrosos:
 Série de tempos nublosos,
 Que a Roma cadêas lança, (2)
 (Bem como os da Gloria) herança
 He dos Lusos valerosos.

Rompe enfim de Lysia o somno,
 Alto impulso repentino,
 E o Renovo Bragantino
 Reluz no remido Throno.
 Oh Lusos! Celeste abeno
 Verificai, merecei;
 Duro assalto removei:
 Jus vos dão para a victoria.
 Hum Deos, a Razão, a Historia,
 Character, Costume, e Lei.

(1) Mulei Moluco, Rei de Marrócos.

(2) Invasão dos Povos do Norte na Italia.

O PASSARINHO PREZO,

FABULA ORIGINAL.

NA gaiola empoleirado,
 Hum mimoso Passarinho
 Trinava brandos queixumes
 Com saudades do seu ninho.

Nasci para ser escravo,
 (Carpa o Cantor plumoso)
 Ninguém ha, ninguém no Mundo
 Que seja tão desditoso.

Que he do tempo que eu passava,
 Ora descantando amores,
 Ora brincando nos ares,
 Ora pousado entre florestas

Mal haja a minha imprudencia,
 Mal haja o visco traidor;
 Hum raio, hum raio te abraze,
 Fraudulento Caçador.

Em que pequei? Por ventura
 Fiz-te a seara algum mal?
 Encetei, mordi teus fructos,
 Como o daninho pardal?

Agres-

Agrestes, incultas plantas
 Produção meu sustento,
 Inutil aos que se prezão
 Do alto dom do entendimento...

Do entendimento! Ah malignos!
 Vós, possuindo a razão,
 Tendes de vícios sem conto
 Recheado o coração.

Ah! Se a vossa liberdade
 Zelosamente guardais,
 Como sois usurpadores
 Da liberdade dos mais?

O que em vós he hum thesouro
 Nos outros perde o valor?
 Destroe-se o jus do opprimido
 Pela força do oppressor?

Não tem por-base a justiça,
 Funda-se em nossa fraqueza
 A Lei que a vós nos submete,
 Tyrannos da Natureza.

Em offensa das Deidades,
 Em nosso damno abusais
 Da primazia, que tendes
 Entre os outros animais.

Mas ah triste! Ah maldadão!
 Para que me queixoi entvão?
 Que espero, se contra a força
 De nada serve a razão?

Aqui parou descançado
 O volátil: o arpido;
 Eis que ve chegar da caça
 O seu barbaro Senhor.

Trazia encostado ao hombro
 O arcabuz fatal, e horrendo,
 E alguns passaros no cinto,
 Huns mortos, outros morrendo;

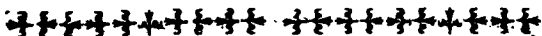
Das penetrantes feridas
 Ainda o sangue pingava,
 E do cruento verdugo
 As curtas vestes manchava.

O prezo, vendo a tragedia,
 Coitadinho, estremeceo,
 E de susto, e de piedade
 Quasi os sentidos perdeo.

Mas, apenas do -sossobro
 Repentino a si tornou,
 C'os olhos nos seus finados,
 Estas palavras soltou:

Entendi que dos vivantes;
 Eu era o mais infeliz;
 Que outros sem peor destino
 Aquelle exemplo me diz.

Da minha sorte já gora
 Queixas não torno a fazer:
 Antes gaiola que hum tiro,
 Antes penar que morrer.



PROGNE, TEREIO, E FILOMELA,

Metamorfose extrahida das de Ovidio, Liv. 6.

B Arbaros Esquadrões, que o Mar trouxera,
 As muralhas de Athenas atterravão.
 Terêo, da Thracia Rei, com presto auxilio
 A' Cidade acudio, e os pôz em fuga,
 Colhendo na victoria egregio nome.

O grato Pandion (1) ao grão Monarca,
 Nas forças, na opulencia abalizado,
 E alta Progenie do immortal Gradivo,
 Deo, como em recompensa, huma das filhas,
 O unio com Progne em vinculo amoroso.

Ao Ritó, a Festa nupcial não forão
 Presidente Hymenêo, Prónuba Iuno;
 Nenhuma das tres Graças veio ao Tóro.
 As horrorosas Furias o erigirão,
 Em torno delle as horrorosas Furias
 Nas dextas negrejantes empunharão
 Tóchas, roubadas a funérea pompa.
 Sobre o doce! do Thálamo sinistro
 Pousou na infausta noite Ave agoureira;
 Muda assistio ao conjugal mysterio:

An-

(1) Rei d'Athenas.

Ante ella Esposos forão , Pais ante ella:
 Co' a vergõtea dos Reis a Thracia folga,
 Mil incensos aos Ceos, mil graças manda,
 E a festejo annual consagra o dia,
 Em que ao feroz Terêo foi Progne dada,
 Em que o fructo de Amor, Itys mimoso
 Veio dar gloria aos Pais, e ao longo Estado:
 Tanto o Mortal ignora o que lhe he util!

Cinco vezes o Sol já volteára
 Os Ceos, de Primavera em Primavera,
 Quando Progne, 'affagando o duro Esposo,
 „ Se hum fayor te mereço, ou me conduz
 „ A abraçar minha Irmãa, (lhe diz) ou corre,
 „ Corre a busca. Ao Sogro encanecido
 „ Jura restituilla em curto espaço.
 „ Huma impagavel dádiva, hum thesouro
 „ Na Irmãa te deverei. „ Terêo se aprompta,
 Arma os curvos baixeis, e a vela, os remos
 Pelo Porto Cectópio se introduzem.

Já surge, e do Pirêo (1) já desce ás praias.
 Ledo o recebe o Sogro, as mãos apertão,
 Travão conversação com triste agouro.
 O Thracio a referir emfim começa
 Os desejos, as supplicas da Esposa,
 E a affirmar o promptissimo regresso.
 Ante elles Filomela eis apparece,
 Rica em trage, riquissima em belleza;

Ce-

(1) Porto d'Athenas.

Como ouvimos dizer que nas florestas
As Dryades, as Náíades passêão,
Figurando-lhe a idéa o mesmo adorno.
Terêo, á face da estremada Virgem,
Fica absôrto, encantado, atde em silencio;
Qual flamma, que, nos campos atcada,
A relva, as folhas, as searas cóme.
Da Bella os olhos este ardor merecem;
Mas férvido appetite impetuoso
Pula no peito do anciado Amante,
E a tôrpe viciosa natureza
Do seu Clima brutal, propenso a Venus.
Cego anhelando á candida Donzella,
Impulsos tem de corromper-lhe as Servas,
E a Mãi segunda, que a nutríra ao seio.
Não só deseja obter por dons sublimes
A origem da paixão que o desespera,
Mas estragar por ella o mesmo Imperio,
Ou antes arrancalla, e defendêlla
Em pertinaz conflicto, em brava guerra:
Nada vê que não ouse, ou que não tente
Seu criminoso amor desenfreado.
No accezo coração não cabe a chamma,
A demora fatal soffrer não pôde.

Da saudosa Consorte eis o Pervetso
As preces, as instancias exaggéra,
E nos desejos della os seus disfarça:
Energia, e facundia Amor lhe empresta.
Quando além do que he justo eleva o rôgo,
De Progne com o ardor o côra; o doura;

Té lagrimas co' as súplicas mistura;
 Como que fossem lagrimas da Esposa.
 Oh Deoses! Quanto he cega a mente humana!
 A maldade em Terêo se crê virtude:
 No crime, na traição louvor grangêa.

Onde, ah! Onde, innocente Filomela,
 Queres ir c'um Tyranno! Ei-la amorosa
 Aperta o triste Pai nos lindos braços;
 O bema de ver a Irmãa com ancia pede,
 Pela Irmãa contra si de orar não cêssa.
 Com famulentos olhos a devora
 O sôffrego Terêo, pasmado nella,
 E, tocando-lhe, a instra a que affervore,
 A que duplique as súplicas urgentes.
 Os braços com que cinge o patrio collo,
 Os beijos que na mão paterna imprime,
 Tudo aviva os estimulos, o fego,
 O tácito furor, que o vai ralando.
 Quantas vezes a Filha ao Pai se abraça,
 Tantas de o Pai não ser ao Thracio pêza!
 Mais tôrpe fôra então, mais ímpio fôra.
 Ambos o velho Rei com rogos vencem;
 Ella folga, ella exulta, e dá mil graças
 A' paternal bondade: a si, e a Progne
 O que lhes he fatal propicio julga.

Sómente hum curto gyro ao Sol já resta;
 Os ferventes Cavallos espumosos
 Batem soberbos no declive Olympo:
 Aprestão-se as Réaes, as lautas mezas,

Aureo licor borbulha em aureas taças:
 Depois o grato somno aos olhos vóa.
 Mas, longe dos encantos que o transportão;
 Não dorme, não repousa o fero Amante:
 Arde, e pinta na idéa a face, os olhos,
 Pinta os gestos, as mãos, o mais que olhára,
 E finge, como o quer, o que não víra:
 Ao prazer afferrado o pensamento,
 Lhe atíça a flamma, lhe desvia o somno.

Luzio a Aurorá, e Pandien, chorando,
 Ao Genro, cuja mão saudoso aperta,
 O querido Penhor commette, e roga
 Que o guarde, que o vigie. „ Amadas filhas;
 „ Vós assim o quereis, (diz soluçando)
 „ E tu, também, Terêo. Pois causa justa
 „ Vos obriga, eu me rendo. Eis a minha alma,
 „ Eis a filha te dou. Por mim, por ella,
 „ Pela fé, por ti mesmo, e pelos Numes
 „ Te imploro a amimes com amor paterno,
 „ E que este doce alivio de meus annos,
 „ (Annos cançados já) me restituas,
 „ Cedo, ah! Cedo. Não tardes, não me enganes,
 „ Que longa me será qualquer demora.
 „ Tu, também, se tens dó de hum Pai magoado,
 „ Vem logo, oh filha minha, oh meu thesouro:
 „ Bem basta tua Irmãa viver tão longe. „
 Assim fallando, o misero a beijava,
 E as lagrimas na face lhe cahião.

Depois que a dextra mão por segurança
 Hum

Hum ao outro pedio, deo hum ao outro,
 O Ancião consternado á Prôle, ao Genro
 Para o Neto mimoso, e Filha ausente
 Dá mil ternas saudades, mil suspiros.
 Apenas balbucía entre soluços
 O lagrimoso a Deos, presagio triste,
 Carrancudo terror lhe sóbe á mente.

Em pintado baixel eis Filomela,
 Eis o remo a compasso as ondas volve;
 O Mar ferve na prôa, e foge a Terra.
 „ Vencemos, (diz o Barbaro) vencemos;
 „ Meus desejos, meus gostos vão comigo.
 E exulta, e pôde apenas moderar-se,
 Reter a execução de atroz intento.
 Nunca os olhos distrahe do objecto amado,
 Bem como a carniceira Ave de Jove,
 Que tem bico revoltos, e curvas garras,
 Fraca lebre depõe no aéreo ninho:
 Conhece que fugir não pôde a preza,
 Seguro o Roubador contempla o roubo.

Já do equóreo caminho os Vasos leves
 Vencêrão a extensão, já, fatigados,
 No patrio fundo as ancoras arroção.
 O audaz, Threicio Rei a antiga selva,
 A deserto Palacio tenebroso
 Guir-de Pandion a triste Filha.
 Alli, pallida, trémula, chorosa,
 Pela Irmãa perguntando inutilmente,
 Em remoto aposento o Monstro a cerra.

Frenético lhe expõe o amor nefando,
 E com força brutal, com feroz insania
 Mancha, corrompe a virginal pureza
 Da Misera, que em vão mil vezes clama
 Pelo Pai, pela Irmã, por vós, oh Numes.

Ella ainda depois está tremendo,
 Qual cordeira mansissima, que ao lobo
 Foi por bravo rapto arrebatada,
 E nem com tudo então se crê segura;
 Ou qual candida pomba, que, escapando
 D'entre as unhas mortaes do spor cruento,
 Tintas no proprio sangue as alvas pennas,
 Se arripia de horror, e ainda se teme
 Do rápido Inimigo. Emfim, tomando
 A ter alento, e voz a profanada,
 Lastimosa Princeza, estraga, arranca
 Os formosos cabellos desgrenhados;
 Fere o peito gentil, desfaz-se em pranto,
 E, alçadas para os Ceos as mãos de neve,
 „ Oh bárbaro! Oh traidor! Oh Tigre! (exclama)
 „ Nem súplicas de hum Pai curvado, e triste:
 „ Nem a fraterna fé que me devias,
 „ Nem da inerte Innocencia o puro estado,
 „ Nem as leis conjugaes te commovêrão!
 „ Todas tens quebrantado: os teus futores
 „ Manchão duas Irmãs com tôrpe affronta:.,
 „ (Pena tão dura não mereço, oh Numes!)
 „ Para não te escapar nenhum delicto,
 „ Ah? Que fazes, cruel, que não me arranca
 „ Huma vida infamada, abominosa?

„ E oxalá que a tivesses arrastado
 „ Antes do horrivel, execrando incesto !
 „ Ao Lethes minha Sombra fôra illesa.
 „ Porém se os Deuses tem poder, tem olhos ;
 „ Se tudo enfim não pereceo comigo,
 „ Castigado serás, serei vingada :
 „ Sacudido o pudor, direi teu crime.
 „ Se entre Povos me achar, sabellô-hão Povos ;
 „ Se entre bosques por ti ficar sumida,
 „ Os meus males farei saber aos bosques ;
 „ Farei saber ás pedras os meus males,
 „ E hei de apiedar com elles bosques, pedras ;
 „ Este firme protesto os Ceos me escutem,
 „ E hũ Deos, se acaso hũ Deos no Ceo reside: (1)

Com estes ameaços o Tyranno
 Sente no coração ferver-lhe a raiva,
 Mas não menor que a raiva he nelle o medo ;
 E de huma, e de outra causa estimulado,
 Da lustrosa bainha o ferro despe,
 E ás tranças da Infeliz a mão lançando,
 Em duros nós lhe enlêa os tentos bitaços.

Inclina Filomela o níveo collo,
 Da espada, que vê nua, espera a morte ;
 Mas o Duro, o Feroz, por mais que á Triste
 Lute, resista, invoque o patrio nome,
 Com rígida torquez lhe afferra a lingua,

A

(1) Linguagem propria da desesperação, e vertida litteralmente.

A lingua que fallar em vão procura,
 Lha extrahê da boca, e rápido lha corta.
 A purpúrea raiz lhe nada em sangue,
 Cahe o restó no chão, murmura, e treme,
 Qual da escamosa serpe mutilada
 A cauda palpitante, e moribunda,
 Que ao corpo em que viveo pertende unir-se.

Completa a negra acção, se diz que o Menstro
 Inda mais de huma vez (horror não crível!)
 Cobiçoso, repetio prazer infame.
 Depois de tão cruéis, tão feios crimes,
 Atreva-se o Malvado a ver a Esposa
 Progne entre sustos pela Irimã pergunta:
 Elle exhala do peito hum ai fingido,
 Diz que he morta, e com lagrimas o abona.
 Das Regias vestiduras se despoja,
 Traja a sentida Progne escuras vestes,
 Erige hum vão sepulcro, e sagra nella
 Inuteis oblações a falsos Manes,
 Carpindo a Irimã, que assim carpir não deve.
 Já tem corrido Apollo as doze Estancias
 Depois do caso enorme, Ah! Filopielia
 Que fará? Guarda latente impede a fuga,
 Rijos muros de mármore a rodêo,
 Seu mal narrar não pôde a muda boca.
 Tens, oh Necessidade, agudo engenho,
 A's grandes afflicções Industria acode.

Subtil, castida: tã urdindo a furto; signal
 Entre avos fios põe: purpúreas letras;
 Indicios da ferina atrevidade;
 E do sagaz lavor ao fim chegando,
 O confia em segredo a meiga-Escrava,
 Lhe roga por accões o leve a: Progne: abusa
 Ella o conduz, e o que conduz não sabe.

Eis a Rainha desenvolve a corda,
 E lê, e entende a, miseranda historia;
 E cala-se (cala-se he quasi incrível!)
 A dor lhe tolhe a voz; termos que expressem
 A sua indignação, não tem, não achas;
 Nem se occupa em chorar, e confusa, aborrida,
 Mil horrendas tençõesolve na mente,
 E embebece a sua imagem da vingança.

Era o Tempo famoso, oh Deos de Thebas,
 Em que as Sibilas Moças festejão;
 Aos ritos Bacchantes prendo a Noite;
 No Rhodope de noite a voz aguda mud' egira
 Dos éreos instrumentos; e alisando
 Evde nãteria Rainha os Paços deixa.
 Do Deos nas ceremonias já se instrúe,
 Já toma as armãs fúrias, e o pingo
 A cabeça de q'ampãos, e suspende
 Pelles, e ovinas do sinistro lado
 Ritual hãstea deve ao honbri mentos.

Seguida das terriveis Companheiras,
 Progne terrível pelas setas corre,

E nos furores que a paixão lhe excita
 Vai simulando, oh Baccho, os teus furores.
 Chega á dura prisão de Filomela,
 Drama, grita, „ Evohé! „, E arromba as portas
 Arranca a triste Irmã do horror que a cecia,
 Nas Bacchicas insignias a disfarça;
 Recata-lhe as feições co' as folhas de hera,
 E a conduz assombrada aos Regios matos.

Vendo que toca o pavimento infando,
 Filomela infeliz treme, descóra.
 Metidas em recôndito aposento,
 Progne lhe despe as sacras vestiduras,
 Progne d'afflicta Irmã descobre as faces,
 As faces lacrimosas, e inda bellas;
 Temo abraço lhe dá, mas pôr-lhe os olhos
 Não ousa a desgraçada, e se horroriza
 De haver sido (a pesar de o ser sem culpa)
 Complice, origem da fraterna offensa.
 O macerado rosto unido á terra,
 Jurar tentando, e referir-se aos Numes,
 Não podendo co' a voz, co' as mãos exprime
 Que a violencia lhe fez tão vil opprobrio.

Arde Progne, conter não sabe as iras;
 Da malfadada Irmã condemna o pranto.
 „ Lagrimas (diz) não servem, serve o ferro,
 „ Ou cousas mais cruéis que o ferro: a tudo,
 „ Por barbaro que seja, estou disposta.
 „ Ou trágarei co' a chamma os Regios Lares
 Suffocando no ardor das igneas ondas.

„ O Artifice infernal da injuria nossa, !
 „ Ou os olhos, a lingua, o mais, que teve
 „ Parte na tôrpe acção, n'acção maldita,
 „ Co' ferro hei de arrancar, ou por cem golpes
 „ A vida roubatei ao impio Monstro.
 „ São grandes, são terriveis quantos modos
 „ De vingança ideei, porém vacillo
 „ Na escolha do peor. „ Em quanto Progne
 Falla assim, para a Mãi vem caminhando
 Itys, o tento Príncipe formoso.

A' Rainha, ao sentillo, ao vallo, eccorre
 Nova maneira de vingança infamia,
 E, vibrando-lhe os olhos assanhados,
 „ Ah! Como ao Pai na fórma he semelhante! „
 Disse, e não disse mais. Projecta, escolhe
 Acto espantoso, e ferve em ira muda.

Comtudo, ao tempo em que o Menino amavel
 A saúda com júbilo amoroso,
 E os bracinhos gentis lhe altêa ao collo;
 Quando o vê misturar beijos suaves
 Com doces mimos, com pueris branduras,
 Hum tanto se commove a Mãi raivosa,
 E os olhos, sem querer, se lhe humedecem.
 Porém do coração, que bate, e arqueja,
 Já se desliza o mavioso affecto.
 De novo á triste Irmãa volvendo os olhos,
 E ora nella attentando, ora no filho,
 „ Porque falla, e me attrahe com mil caricias
 „ Hum (diz Progne) e jaz muda, e chora a outra!

„ Es-

„ Este, oh. Ceos! Livrementes a Mãi nomea;
 „ E aquella nomear a Irmã não pôde!
 „ Qlha, vê com que Esposo estás ligada,
 „ Filha de Pandion! Tu degeneras!
 „ Com Terço a piedade he crime horrendo.

Não continúa, e subito, á maneira,
 D'um Tigre da Gangética espessura,
 Que por bosques opacos arrastada
 Da veloz Corça leva a tenra cria;
 Progne as mãos atremessa ao delicado,
 Ao candido filhinho, e vai com elle,
 E com a Irmã ceitra-se em uma estancia.

Alli ao Infeliz, que já conhece
 Os negros Fados seus, que as mãos levanta,
 Que treme, que prantêa, e que se abraça
 Ao seu querido Algôz „ Mãi! Mãi! „ clamando,
 Alli ao Infeliz no peito embebe
 A vingativa Progne agudo ferro:

Nem torce o rosto, nem repete o golpe;
 Que hum só golpe lhe rompe o debil fio.

Filomela o degolla, e dilacera
 Os membros em que ha inda hum resto d'alma!
 Já parte dell'es pua em éneos vasos,
 Parte range em subtil, duro instrumento:
 Vai pelo chão correndo o sangue em rios.

Das cruentas porções a fera Esposa
 Prepara detestaveis iguarias

Ao Marido inflex; que tudo ligava.
 Hum sacrificio finge ao patrio modo,
 No qual hum só Nazão ter deve ingresso,
 Servos, e Corceiros assim remove.

Assoma já Terêo no Throno herdado,
 E em alta, festiva, purpúrea meza
 Come parte de si, devora o filho:
 Tanta cegueira lhe ennegrece a mente!
 ,, Itys aqui trazoi (diz elle): eis Progne
 Dissimular não pôde o gosto infando,
 E, resolvendo enfim manifestar-se,
 ,, Tens dentros (dhe responde) o que desejas,
 Elle olha em torno a si, pergunta: ,, aonde? ,,
 E de novo procura, e chama o filho.
 Mas nista Eolomela, em sangue envôlta,
 Olhos accezos, desgrenhada a trança,
 Entra, e do filho á mádida cabeça
 As faces paternas subito arreja:

Não teve em tempo algum, tanto desejo
 De fallar, de poder com lagras vozes,
 Patentear seu júbilo ao Tyranno.
 Elle sólta hum clamor, que atôa as salas,
 Demôta a fatalidade; invoca as Fúrias,
 E ora tenta expulsar com arçia horrenda
 As tragadas, infuestas aguarias,
 Ora lagrimas vertte, e de seu filho
 Sepulcro miseravel se nomê a.
 Enfim de Pandion perseguida Prole,
 Brandindo o ferro nua som máo tremente:

O corpo das Cecrôpidas (1) parece
 Que em azas se equilibra, e não he sonho,
 Em azas se equilibra, e muda a forma.
 Huma rápidamente aos bosques vôa,
 Outra, igual na presteza, aos tectos sobe,
 E do assassinio as máculas não perde:
 Ainda do rubro sangue desparzido
 Evidentes sinaes lhe estão no peito.

Terêo, fóra de si, e arrebatado
 Pela dor, pelas furias da Vingança,
 Ave adeja tambem, que na cabeça
 Traz erguido penacho, e tem por armas
 Longo bico mordaz: seu nome he pópa,

O Successo fatal, sabido apenas,
 Despenhou Pandion na sepultura.

(1) Descendentes de Cécrope, primeiro Rei de Athenas.

A METAMORFOSE DE IO,

Extrahida do Liv. 1. das de Ovidio.

NOs fundos Lares Inaco escondido,
 Altêa com seu pranto as águas suas;
 Io, a Filha gentil perdida chora:
 Não sabe se está viva, ou se entre os Manes,
 Mas porque não a encontra em parte alguma,
 Em nenhuma do Globo a julga o Triste,
 E o peor se lhe entolha ao pensamento.

Volver do patrio rio a vira Jova
 „ Virgem digna de Jupiter, guardada
 „ Para felicitar (lhe disse o Nume)
 „ No Thálamo suave hum Ente humano!
 „ Procura as sombras dos fechados bosques,
 (E aos bosques lhe apontou) „ a calma aberta,
 „ Dos Ceos está no cume o Sol fervendo.
 „ Se temes ir sósinha aonde ha Féras,
 „ De hum Deos acompanhada irás segura,
 „ Não de hum Deos inferior, porém daquelle
 „ Que o Sceptro universal na mão sustenta,
 „ E o raio irresistivel arremessa.
 „ Não, não fujas de mim. (que ella fugia)

Já de Lerna as pastagens, e os frondosos

Ar.

Arvoredos, Lirceos Io passára :
 Eis em nevoas o Deos sumindo a Terra,
 Lhe prende os passos, e o pudor lhe usurpa:

Juno os olhos em tanto aos campos volve,
 E estranha em claro dia haver tal nevoa,
 Nevoa tão densa como os véos nocturnos,
 Que das agoas não sabe, nem sabe das terras. (1)
 Olha em torno de si, não vê o Esposo,
 E suspeitosa, pelo haver colhido
 Já vezes cento em amorosos furtos,
 Não o achando nos Ceos, „ ou eu me engano,
 „ Ou lá me aggravo „ (diz) e, deslizada
 Da ethérea Habitação, parou na Terra,
 Onde o sombrio horror desfez n'um ponto

Mas o Consorte presentio-lhe a vinda,
 E em candida Novilha por cautela
 De Inaco a Prole transformado havia;
 Que depois de Novilha inda he formosa:

Saturnia, a seu pezar, lhe dá louvores,
 Pergunta de quem he, donde viera,
 Pergunta a que manada enfim pertence,
 (De estar longe do caso indicios dando)
 Que a Terra a produzio; responde Jove,
 Para não ser o Authór mais inquirido;
 Nisto Saturnia em dádiva lha pede.

O Amante que fará? Cruel, se entrega
 Os seus Amores, se os não dá, suspeito;

O que Pejo aconselha, Amor s'impugna;
 Vencido pelo Amor, seria o Pejo;
 Porém se a sua Irmã, se a sua Esposa,
 Negar huma Novilha, hum dem tão leve,
 Póde talvez não parecer Novilha.

Já na posse da Adúltera, não despe
 A Deosa todavia o seu roceio;
 Teme a Jove, e do agravo está mordida.
 Argos, o filho de Arestor lhe occorre,
 E quer que lha vigie, e delle a fia.

De Argos cinge a cabeça hum cento de olhos,
 Olhos que dois a dois, o somno alternão:
 Desvelados os mais, na preza cuidão.
 Em quaesquer posições attento a guarda,
 Volta-lhe as costas, e tem lo á vista;
 Permite-lhe pascer em quanto he dia,
 Em trasmontando o Sol, vai ferrolhalla,
 E hum laço injusto lhe tomêa o cello.

Folhas agrestes, amargosa relva
 Morde, rumina a triste, em vez de leite
 Dão-lhe, nem sempre, de erva o chão farrado;
 Matão-lhe as sedes em corrente impura.
 Súplicas braços estender quizera
 Para o seu Guardador; mas que he dos braços?
 Intenta dar hum ai, solta hum mugido:
 Treme do som, da sua voz se espanta.

Hum dia ás margens vai, onde brincava,

A's margens paternas; vêd' a' água as pontas;
 E, medrosa de si; foge do rio:
 Inaco ignora; as Náides não sabem:
 Quão pertencente he o fado, gentil Novilha:
 Ei-la os segue; ás Irmãs q' ao Pai; que a admirão;
 Não só deixa que a toquem, mas se offrece.
 O Velho erva-lhe colhe que, chega aos braços)
 Ella lhe tange as mãos, quasi mádo-lhe beija;
 Terno pranto-lhe como, re-se' p'odra q' a
 Soccorre' a desditosa invocaria q' a ob' ob' ob'
 Seu nome, os fados seus articulára;
 Mas, com letras enfim supprindo' vozés,
 Servindo' sendo pé, ma' a' se exprime o fado
 O triste anúncio da' maldada' forma. of' n' a' d'
 „ Oh Pai desventurado! (Inaco exclama,
 Abraçando a cerviz, pegado ás pontas
 D'alva Bezerra, da chorosa filha)
 „ Oh Pai desventurado! (Elle se p'ete)
 E's tu, filha infeliz, q' p'ocurada illa ob' ob'
 Tantas vezes por mim se com tantas partes)
 Antes que' vel-te passiss' q' me a' t'ro'vira p'ave'
 Menor seris'ento' m'indus amargurab' sup' ob'
 Ah maldada! Respondeo não os sabo' q' ob'
 Altos suspiros sós do peito arrancas,
 Mugit á minha vez q' quanto podes; q' ob'
 Não prevendo' teus fados q' he' ou' hora
 O tóro n'op'ial te a'percebia:
 Duas bem ledas esperanças d'ive' reflect' ob'
 Primeira o Genro foi, segunda os Netos
 Esposo, e Filhos nas manadas brutas;
 Que-

Querido meu penhor, terás agora.
 Nem posso tanto mal findar co' a vida;
 Empece-me o ser Deus: afferrolhada,
 Defesa para mim da Morte as portas,
 Se estende a minha dor á Eternidade.

O ocioso Pastor, que lhe ouve as mágoas,
 Ao lardentavel Pai remove a Filha,
 E vai apacentalla em outros sítios pastos;
 Sentado, de alto monte a vê; e á todo

Que ella sinta, porém, tão duros males
 Não póde o Rei dos Deos soffrer mais tempo?
 Chamando o Filho, que de Maia bouvera,
 Lhe ordena, lhe commette a morte de Argos.

Mercurio logo aos pés segura as azas;
 Toma a vara somnifera do Galéo;
 E, ataviado assim, demanda a Terra.
 Galéo allí depõe, depõe talares,
 Sómente a Caduceo na mão conserva;
 Leva-o como Pastor, que seu rebanho
 Co' toque do cajado aos pastos guia,
 E de capora flauta os sons diffunde.

Da nova, doce musica tentado,
 Argos ao Numen diz: „ Quem quem que sejas,
 Comigo aqui, Pastor, sentarse podes
 Sitio melhor não ha para o rebanho,
 Nem para o Guardador, assim na sombra,
 Como em a fertilidade. „ O Deus se assenta,

E em razões varias, que profere, e escuta,
 Vai-se-lhe o dia. Adormecer intenta
 Com a avent' os cem lumes veladores,
 Porém repugna o Monstro aos molles somnos,
 E bem que os acolheo parte dos olhos,
 Parte delles vigia. Emfim, porque era
 Da flauta a invenção recente ainda,
 A Mercúrio o Pastor pergunta como,
 Por quem fôra inventada. A isto o Nume
 Diz então: „ Nas Arcáicas montanhas
 Teve nome entre as Nympas Notacrinas,
 Foi entre as Hamadriadas o assombro
 A Náyade Syris, Syris, a esquivã.
 Aos Sátyros Nirsutos se furtava,
 E aos mais Deoses campestres que a seguio;
 Honrava nos costumes, no exercício,
 E na flor virginal a Orrygia Deosa.
 Em trage venatorio era Diana:
 A semelhança os olhos enganára,
 Se arcos diversos não tivessem ambas,
 Syris hum de marfim, Latônia hum de ouro,
 E assim mesmo enganava. Ella, deixando
 O sombrio Lycão, de Pan foi vista,
 De Pan, croado do pinheiro agudo, (2)
 E o Deos falfou-lhe assim... narrar faltava
 O que lhe disse o Deos, que accezas preces
 A Nynfa repulsára, e que fugira,
 Perseguida por elle até as margens
 Do sereno Lader; que alli parando,
 Pelo estorvo das ondas, depreçara
 A's cerúleas Irmãs que a transformassem;

Faltava referir, que em vez da Amada,
 Credo que já nas mãos a tinha preza,
 Pan sómente abraçou palustres canas;
 Que em quanto suspirava, os ares nellas
 Fizerão tenue som, quasi queojume,
 Que n'arte nova, que na voz suave
 Enlevando-se todo, o Deos dissera:
 " Taes colloquios sequer terer contigo.
 Que ás canas desiguaes, com cara unidas,
 Dera seu nome a Nynfa. Hia Cylénio
 Proseguir, eis que vê do somno oppressos
 Os olhos todos. Subito emmudece
 Roca os co' a vara, e lhe carrega o somno.
 Rápido logo alcanço o ferro curvo
 No vacillante collo o golpe ácerca:
 Cahê a cabeça; espadanando o sangue,
 O sangüé em borbotões macúla o monte.

Argos, jazes, emfim; de todo extincta
 A claridade está de tantos lumes:
 Sombra eterna te occupa os olhos cento.
 Saturnia, lhos extrahê, na cauda os prende
 D'Ave sua, (3) e com elles a abrijhanta.

Mas fremê a Deosa, não retarda as iras;
 Da Argolica Rival aos olhos, e alma
 Expõe a vexadôra, hortenda Erinny.
 Seus crueis aguilhões lhe enterra a Furia,
 Por todo o Mundo a Piófuga persegue.

Nilo, ao trabalho immenso, á espavorida

Carreirã universal: ty só restavas.

Tanto que imprime o pé nas margens tuas,
Sobre os joelhos cabe, e aos Céos erguendo
O que erguer só lhe he dado, os olhos tristes;
Com prantos, e mugidos luctuosos
Parece que se está queixando a Jove,
E que dos males seus o fim lhe implora.

Elle, o collo abraçando á sacra Esposa,
Roga-lhe que remate a pena acerba.
„ Perde o temor, (lhe diz) crê que incentivo
Io não mais será de teus desgostos: „
E o protesto formal co' a Estyge abona.

Apenas se embrandece ao rôgo a Deosa,
Torna á mimosa Nynfa o gesto antigo,
Torna a ser de repente o que era d'antes.
Fogem do corpo as sedas, vão-se as pontas;
O orbe, a fórmula ocular se lhe restringem,
Abbrevia-se a boca, os braços volvem,
Volvem-lhe as mãos tâbem, também as unhas; (4)
Já sómente em dois pés está sustida,
Da Novilha não tem senão a alvura.
Receando mugir, fallar não ousa,
E a desusada voz ensaia a medo.

Celeberrima Deosa, agora a honrão
Aras, e incensos dos Egypcios Povos.

NOTAS

(1) As nevoas que a Deosa não via sahir das lagoas, são as que costumavam resultar do impeto, com que o Penéo, rio da Thessalia, rebentava, esvochando do monte Pindo. *Ovid. Metam. Liv. II. c. 1. v. 111.*

(2) Este verso menos litteralmente pôde ser assim:

Pañ, que da Pinho agudo, a fronte enrama.

(3) He o pavão.

(4) Este he quasi o unico verso que não verti litteralmente. Ovidio, segundo o seu gosto de circumstanciar minudamente as cousas, (o que ás vezes passa a defeito neste grande Poeta) diz que o casto dos pés da novilha se desfez em cinco unhas, e isto que em Latim não era humilde, em Portuguez até seria insupportavel, &c.

→ ← → → → ← → → → ← → → → ← → → → ← → → →

CINYRAS, E MYRRHA,

Metamorphose, extrahida das de Ovidio, Liv. 10.

Do Crime os quadros a Virtude apurão,
Esmalta-se a Moral no horror ao Crime.

O. Traductor.

Cinyras, hum dos Reis da equórea Chypre,
Podrá numerar-se entre os ditosos,
Se Próle não tivesse. Eu determino
Cantar cousas terríveis: longe, ó Filhas,
Longe, ó Pais: e se acaso as mentes vossas
Ficarem de meus versos atrahidas,
Não julgueis verdadeiro o que me ouvirdes;
Oú, crendo o caso atroz, crêde o castigo:
Se permite, comtudo, a Natureza
Que tão negros horrores a enxovalhem.

Feliz a Ismária (1) Gente, o Mundo nosso,
Que jaz distante do brutal, do indigno
Paiz onde nasceo paixão nefanda!

Embora seja fertil, seja rica:
De mil perfumes a Pansica terra,
Tenha alta fama em arvóres; em flores,
Dê cõsto redolente, e grato aroma,

Nella cheiroso incenso os troncos ssem;
 Que a myrrha que produz a faz odiosa:
 Não vale o que ha custado a nova planta.

Nega o Filho de Venus que em teu peito
 Seus lustrosos farpões cravasse, ó Myrrha,
 Vinga seu facho da supposta infamia.
 Com o estygio tição, e inchadas cobras
 Vibrou lethal vapor sobre a tua alma
 Hum das tres Irmãs. Ao Pai ter odio
 Se he gravissimo crime, he crime horrendo
 Amallo como tu. Por ti suspirão,
 Ardem por ti mil Principes famosos;
 Mil brilhantes mancebos do Oriente
 Contendem pela gloria de gozar-te:
 Hum de tantos Heróes escolhe, ó Myrrha,
 Mas não seja o que tens no pensamento.

Em criminoso amor ella se inflamma,
 A criminoso amor ella repugna,
 E diz consigo: „ onde me leva a mente!
 Que espero, que imagino! Eternos Deoses!
 Santa Religião! Santos deveres!
 Direitos paternaes! Tolhei-me o crime,
 Refreai meu furor, minha maldade;
 Se comtudo he maldade o que em mim sinto.
 Tão doce propensão porque a reprovão!
 Os livres animaes amão sem culpa,
 Sem culpa gozão, e a união do sangue
 Mais suave união lhes, não prohibe.
 Felices animaes, feliz destino!

Creou penosas leis o Orgulho humano,
 Negando o que permite a Natureza.
 He constante porém, que existem Povos,
 Que ha Gentes entre os quaes a Mãe ao Filho, (2)
 A Filha se une ao Pai, e as leis do sangue
 Com duplicado amor se arreigão a alma.
 Oh! Misera de mim! Porque não tive
 A dita de nascer naquelles Climas?
 Minha Patria he meu mal... que idéas nutro!
 Vedadas, importunas Esperanças,
 Ah! Idé-vos: o Pai de amor he digno,
 Mas sómente dá amor que aos Pais se deve.
 Se filha de Cinyras eu não fosse,
 Podésa de outro modo amar Cinyras;
 He meu como o Céu quer, não como eu quero,
 Aparta-nos fatal proximidade:
 Se não fóra o que sou, feliz seria.

A remoto Paiz correr desejo,
 Fugindo á Patria por fugir ao crime;
 Mas o nocivo Amor detem meus passos;
 Quer que veja Cinyras, que lhe falle,
 Que o beije, se aspirar a mais não posso...
 É mais, oh inspie, a cobigarte atreves!
 Não vês que nomes, que razões confundes!
 Rival da Mãe serás! Almas do Filho!
 Mãe do Irmão! Não reccás, não te atterra
 As negras Fúrias, de víperas grenha,
 Que os olhos dos Perversos horrorizão,
 Que ás Almas corrompidas se arremessão,
 Brandindo o faccho de sulfúrea chamma!

Pura no corpo, e no animo sã; pura; não profanos,
 Não profanos, oh teta, não profanes
 Da Natureza o vinculo sagrado,
 Suppõe que affecto igual no Pai fervia,
 Suppõe que era contigo o que és com elle:
 Alta Virtudé lhe opprimira o gosto,
 Sacrosanto dever a amor obstara...
 Mas se o que sente a Filha o Pai sentiste,
 Que importára o dever? Catou-se, e em tanto
 Cinyras, a quem traz irresoluto
 A turba dos excelsos Pertensores,
 Para emfim decidir consulta a Filha;
 Hum a hum lhos nomêa; e della inquire
 Qual delles mais lhe apraz; que esposo elege,
 Em silencio; no Pai fitando os olhos,
 Atde a triste, e lhe luzim face o pranto.
 De virgíneos temor trê isto effeito
 O illudido Cinyras; que não chore
 A' Filha pede, as lagrimas lhe enxuga,
 E une a ternas palavras ternos beijos: obriga
 Myrrha folga com elles, e é obrigada
 Do Pai que lhe insta, que outra vez pergunta
 Qual dos amantes quer; hum (lhe diz ella)
 Hum quoto igual a ti. Louva Cinyras, e assim
 A resposta sagaz, que não penetra
 Tão plos sentimentos nunte; oh Filha, jura
 Cede essa virtude. } (o Rei lhe torna)
 A' palavra virtudes abaixa os olhos
 A misera, por ver que a desmurece.
 Era alta noite: os corpos, e os cuidados
 Em

Em suave priso liára o somno;
 Mas a Cinyrea Virgem desvelada,
 Da indómita paixão curtia as fúrias,
 Louca, tóra de si. Já desespera,
 Já quer tentar abominosa empreza:
 Pejo, remorso, amor lhe lutto n'alma;
 Não sabe o que fará. Qual tronço ingente
 Em que abriu fenda o rustico instrumento,
 Agora rende a hum lado, agora ao outro,
 Por toda a parte ameaçando a queda:
 Assim de impulsos varios combatido,
 Vacillá o coração da acceza Virgem;
 Anda de sentimento em sentimento,
 É asylo contra Amor só vê na Morte,
 A Morte enfim lhe agrada, e quer, e ordena
 Perder n'um laço urgente a vida acerba.
 Em alta, longa trave o cinto prende,
 E diz com surda voz: „ a Deos, Cinyras,
 Do meu tragico fim percebe a causa. „
 Nisto accomoda o laço ao niveo collo.
 Mas o murmúreo das sentidas vozes
 Vai aos ouvidos da fiel Matrona,
 Que aos peitos a creou, que a sorve, e guarda
 Repousando no próximo aposento.
 Surge, corre, abre as portas, vê pendente
 O instrumento da morte, e solta hum grito;
 Magôa o peito, as faces, e, lançando
 As mãos ao duro laço, o tira, o rompe,
 Em pranto se desfaz, abraça a triste,
 Da desesperação, lhe inquire a causa.



quem he o amante? A industria minha
 com que teu Pai nunca o suspeite,,
 súbito furor lhe sahe dos braços
 sobre a Donzella, e sobre o leito
 os apertando, eis diz: „ ah! Foge,
 deixa-me, cruel, poupa-me o pejo,
 ou me, ou cessa de indagar meus males:
 intentas saber he crime horrendo. „
 a pobre Matriça, ouvindo-a, treme;
 aos, co' a idade, e co' temor convulsas;
 aos, aos pés lhe cahe, e ora com mimos,
 com ameaços quer vencêlla.
 ta-lhe, se enfim lhe não descobre
 o vel segredo, hir accusalla,
 declarar ao Pai tudo o que vira;
 ta-lhe tambem que, se a contenta,
 ajudar-lhe os tácitos amores.
 a cabeça a misera Donzella,
 lagrimas lhe inunda o seio anhoço;
 vezes quer fallar, fallar não pôde,
 lacrimoso aspecto envergonhado
 co' as lindas mãos, até que exclama:
 feliz minha Mãi com tal Consorte! „
 não disse, e gemeo. Súbito á Velha
 o frígido tremor penetra os membros,
 as carnes, os cabellos arripia.
 entende o terrífico mysterio,
 quer com mil conselhos ver se applaca
 a testavel chamma incestuosa.
 nenhum lhe aproveita a Virgem sabe,

Sabe que morrerá, se o fim não logra
 Dos activos, freneticos desejos.

* Vive : (lhe torna a frágil Conselheira)
 Em breve gozarás de teu... não ousa
 Dizer Pai, e com sacro juramento
 Sellou no mesmo instante in pia promessa.

As Festas annuaes da flava Ceres
 Então as Mães piedosas celebravão;
 Com roupas côr de neve então cobertas,
 Davão louras primicias das searas
 A' Deosa tutelar, urdião crôas
 Das proveitosas messes, e se abstinhão
 Do tacto varonil por nove noites:
 De Amor lhe era o prazer então defoso.

Do Páphio Rei a Esposa ás mais se aggrega
 E com ellas exerce o Rito augusto,
 No tóro conjugal só jaz Cinyras:
 Eis a Velha subtil vei ter com elle,
 Que perturbado está de Cyprio réctar,
 E de huma illustre Virgem lhe declara
 Verdadeira paixão com falso nome.
 Louva-lhe as faces, louva-lhe os cabellos,
 Louva-lhe os olhos, tudo o mais lhe louva,
 Delle exigindo consentir que expire
 O virginal pudor na escuridade.
 Os annos da Donzella o Rei pergunta;
 „ He (lhe torna a sãgaz) igual a Myrrha. „
 Ordenão-lhe que súbito a conduza;

Volve ao seu aposento a Seductôra,
 E á Virgem diz: „alegra-te, Princeza,
 Vencemos. „ Não sentio a malfadada
 Gosto completo, o coração preságo
 Não sei que lhe annuncia; inda assim folga:
 Tanto em discordia traz os pensamentos!

Era o tempo em que reina alto silencio;
 Na immensa Estêra o gélido Bootes
 Entre os frios Triões volvia o carro.
 A Donzella infeliz caminha ao crime:
 Envolvem densos véos a eburnea Lua,
 Negro, tétreo vapor enluta os astros,
 Dos claros lumes seus carece a Noite.
 Icaro, tu primeiro o rosto escondes,
 E Erigone piedosa, a prole tua,
 Do filial amor sagrado exemplo.
 Tres vezes a miserama tropeça:
 Como que o Céu lhe diz que retroceda;
 Tres vezes solta ao ar agouro infausto
 No lúgubres clamor funéreo môcho:
 Ella, contudo, não suspende o passo;
 A muda escusidão minora o pejo.
 Leva a sinistra mão na mão rugosa
 Da tôrpe, abominavel Conductôra,
 E vai co' a dextra tenteando as trevas.

Da estancia paternal já chega á porta;
 Abrem-lha já, já entra: os pes. fraquêão,
 Foge a côr, foge o sangue, e cahe o alento:
 Quanto da atrocidade está mais perto,

Tan-

Tanto mais se horroriza , e se arrepende ;
 E deseja voltar desconhecida .
 A infame Confidente a vai puxando ;
 Do Rei com ella ao thálamo se encosta ,
 E diz-lhe : „ o que eu conduzo he teu , recebe-o . ”

Eis no thálamo o Pai recebe a Prole ,
 E , sentindo-a tremer , quer dissipar-lhe
 Com mil caricias o virgíneo medo .
 Pela idade , talvez , lhe chama Filha ,
 E ella chama-lhe Pai . (ao negro crime
 Nem taes nomes faltarão)
 Dentre os braços
 Do incestuoso Amante enfim se aparta
 Myrrha , levando em si da culpa o fructo .
 Coube á noite seguinte o mesmo opprobrio ,
 E outras mais deste horror manchadas fórao .

Finalmente Cinyras , cobiçoso
 De ver o objecto que entre sombras goza ,
 Com repentina luz , que tinha occulta ,
 Encara , e reconhece o crime , e a Filha .
 O excesso da paixão lhe embarga as vozes ;
 Colerico se arroja ao duro ferro .
 Foge Myrrha , e da morte a noite a salva ,
 Foge Myrrha infeliz , discorre os campos ,
 Sahe da Arabia Palmífera , e Panchéa .

Nove Luas vagar sem tino a viário ,
 Té que no chão Sabão parou cançada .
 Já do Fructo recôndito , e molesto

Apenas sustentar podia o pezo.
 Sem saber o que faça, o que deseje,
 Temendo a morte, aborrecendo a vida,
 Dest' arte implora o Ceo: „ Numes Oh Numes!
 Se ante vós aproveita ao Delinquente
 Confessar seus delictos, eu confesso
 Que o meu crime he crédor d'alto castigo,
 E á pena que mereço eu me conformo.
 Mas porque nem vivendo affronte os vivos,
 Oh Deoses, nem morrendo affronte os mortos,
 Mudando a minha essencia, a minha fórma,
 A morte me negai, negai-me a vida „

Taes preces algum Deos lhe ouviu propicio:
 Eis, abrindo-se a Terra, os pés lhe sorve,
 E em subita raiz ao chão se afferrão,
 Alicerce tenaz do tronco altivo.
 Os ossos ganhão forças mais que humanas,
 Em succos vegetaes se torna o sangue,
 Os braços, que ergue ao Ceo, mudão-se em ramos,
 Os dedos em raminhos se convertem,
 E a lisa pelle em desigual cortiça.
 Crescendo a planta, já lhe cinge o peito,
 Já vai cobrindo o collo: esta demora
 Não soffreo a Infeliz, curvou-se hum tanto,
 E o semblante gentil sumio no tronco.

Bem que despisse a antiga intelligencia,
 Chora comtudo, e d'arvore sensivel
 Tépidas gotas inda estão manando.

Pura no corpo, e no animo sã; pura;
 Não profanos, oh tege, não profanes
 Da Natureza o vinculo sagrado,
 Suppõe que affecto igual no Pai fervia,
 Suppõe que era contiguo o que és com elle:
 Alta Virtudé lhe opprimira o gosto,
 Sacrosanto dever a amor obstara...
 Mas se o que achete a Filha o Pai sentiste,
 Que importára o dever? Catou-se, e em tanto
 Cinyras, a quem traz irresoluto:
 A turba dos excelsos Pertencentes,
 Para emfim decidir consulta a Filha;
 Hum a hum lhos nomêa; e della inquire
 Qual delles mais lhe apraz, que esposo elege,
 Em silencio; no Pai fixando os olhos,
 Atde a triste, e lhe luzim face o pranto.
 De virgíneos temor creê isto effeito
 O illudido Cinyras; que não chore
 A' Filha pede, as lagrimas lhe enxuga,
 E une a ternas palavras termos beijos;
 Myrrha folga com elles, e é obrigada
 Do Pai que lhe insta, que outra vez pergunta
 Qual dos amantes quer hum; (lhe diz ella)
 Hum quero igual a ti. Louva Cinyras, eis nã
 A resposta sagaz, que não penetra
 Tão plos sentimentos huíte; oh Filha,
 Conserve essa virtude. (o Rei lhe torna)
 A' palavra virtudes abaixa os olhos
 A misera, por ver que a desmerece.
 Era alta noite: os corpos, e os cuidados
 Em

Em suave prisão liára o somno;
 Mas a Cinyrea Virgem desvelada,
 Da indómitta paixão curtia as fúrias,
 Louca, fóra de si. Já desespera,
 Já quer tentar abominosa empresa:
 Pejo, remorso, amor lhe lutão n'alma;
 Não sabe o que fará. Qual tronço ingente
 Em que abriu fenda o rustico instrumento,
 Agora fende a hum lado, agora ao outro,
 Por toda a parte ameaçando a queda:
 Assim de impulsos varios combatido,
 Vacilla o coração da acceza Virgem;
 Anda de sentimento em sentimento,
 E sylo contra Amor só vê na Morte.
 A Morte enfim lhe agrada, e quer, e ordena
 Perder n'um laço urgente a vida acerba.
 Em alta, longa trave o cinto prende,
 E diz com surda voz: „ a Deos, Cinyras,
 Do meu trágico fim percebe a causa. „
 Nisto accomoda o laço ao niveo collo.
 Mas o murmureo das sentidas vozes
 Vai aos ouvidos da fiel Matrona,
 Que aos peitos a creou, que a sorve, e guarda,
 Repousando no próximo aposento.

Surge, corre, abre as portas, vê pendente
 O instrumento da morte, e solta hum grito;
 Magôa o peito, as faces, e, lançando
 As mãos ao duro laço, o tira, o rompe,
 Em pranto se desfaz, abraça a triste,
 Da desesperação, lhe inquire a causa.

E bebendo-as a Terra as faz serpentes:
 Desde então de serpentes Libya abunda.

Logo, agitado por discordes ventos,
 Para aqui, para alli, qual gyra a nuvem,
 Descobre o Moço errante ao longe as terras,
 E sobre o vasto Globo anda voando.

As Urras boreaes vio já tres vezes,
 E já tres vezes vio do Cancro os braços;
 Mil ao Occaso fei, mil ao Nascente,
 Pela aérea violencia despedido.

Emfim, próximo á noite, e respeando
 Persêo fiar-se della, o vôo abâte:
 Na Hespéria Região, Reinos de Atlante:
 O Heróe pede ao Monarca hum breve asylo,
 Té que Fósforo esperte a luz d' Aurora,
 E Aurora o casto de ouro ao Sol prepare.

Superior na estatura aos Homens todos
 Era o Filho de Jápeto, era Atlante.
 Deo leis na Terra extrema, e leis nos Mares
 Onde os lassos Frisões mergulha Fébo.
 Alli manadas mil do Rei Gigante,
 Mil rebanhos alli pascendo erravão,
 E ao seu não confrontava estranho Imperio.
 Tinha hum vergel com arvore lustrosa:
 As folhas são de ouro, e de ouro os ramos,
 Aureos os pomos que pendião delles.

„ Grão Rei, (Persão lhe diz) se amas a gloria
 „ D'alta Estirpe, o meu ser provém de Jove ;
 „ E se és admirador d'acções famosas,
 „ Hão de mesmear-te as acções minhas.
 „ Rogo-te a graça de nocturno hospício.

Mas de Oráculo antigo o Rei se lembra,
 A Thémis no Parnaso ouviu outr'ora :
 „ Ha de vir tempo , Atlante , em que dos fructos
 „ A arvore tua despojada fique :
 „ Filho o seu Roubador será de Jove.

Receoso do furto , havia Atlante
 Torneado o pomar com rijos muros ,
 E horroroso Dragão lhe pôz de véla :
 A Forasteiro algum nos seus Dominios
 Guardada não concede , expulsa todos ,
 E a este diz tambem : „ vai para longe ,
 „ Se não queres de ti ver longe a gloria
 „ Dos mentirosos feitos , se não queres
 „ Longe , mais longe ainda o Pai que ostentas. „
 E , ajuntando a violencia aos ameaços ,
 Intenta repellir além das portas
 Persão , que lhe resiste , e substitue
 Palavras fortes a palavras brandas.

Nas forças inferior se reconhece :
 Quem podia igualar de Atlante as forças ?
 „ Já que a minha amizade em pouco estimas , „
 (Diz o affrontado Heiôe) „ recebe o premio. „

Nisto cõ a mão sinistra, e desviando
 Primeiro os olhos para a parte adversa,
 Lhe mostra de Medusa a face horrenda.

Eis feito o enorme Atlante hum monte enorme;
 Barbas, melenas se lhe tornão selvas;
 São recostos da serra as mãos, e os braços,
 O que já foi cabeça agora he cume,
 Dos ossos os penedos se formãõ.

Para todas as partes se dilata;
 Crescendo mais, e mais, altura immensã
 Torna enfim: (vós, oh Numes, o ordenastes)
 Todo o pezo dos Ceos descança nelle.

(1) Medusa, a Górgõna; os seus cabellos erãõ
 serpentes, e o seu rosto convertia em pedra os
 que o olhavão.

O ROUBO DE EUROPA POR JUPITER.

Livro II. das Metamorfoses, de Ovidio.

O Grão Jove, no Ceo Mercutio chama,
 E sem lhè declarar o amor que o fere,
 „ Vai, Ministro fiel dos meus Decretos,
 „ Vai, Filho meu, co' a sólita presteza;
 „ Desce á Terra, (lhe diz) donde se avista
 „ Tua Mãe reluzindo (1) á seestra parte,
 „ E que os seus Naturaes Sidón nomeão.
 „ O armentio real, que ao longe a relva
 „ No monte anda a pascer, dirige á praia.

Disse, e já da montanha o gado expulso
 Caminha á fresca praia, onde costuma
 A do Sidónio Rei mimosa Filha
 Esparecer, folgar co' as Tyrias Virgens.

A magestade, e amor não bem se ajustão,
 Jámais o mesmo peito os accommoda.
 Do Sceptro a gravidade emfim depondo
 O Pai e o Rei dos Deoses, Jove, aquelle
 Que armada tem do raijo a sacra dextra,
 E que ao mínimo aceno abala o Mundo,
 Veste forma taurina, entre as manadas
 Muge, e piza formoso as brandas ervas.

He cõr da neve que nem pés ralou; III
 Nem co' as azas desfez o Sul chuvoso;
 Altea arosamente o móbil collo;
 Das espadas lhe pende, e bambalão
 A candida barbella, as breves pontas
 D' industriosa mão lavôr parecem;
 Ganhão no lustre a pérola mais pura.
 Não tem pezado cenho, olhar terrível,
 Antes benigna paz lhe alegre a fronte.

A Filha de Agenor admira o Touro,
 Estranha ser tão bello, e ser tão manso.
 Ao principio, inda assim, teme tocar-lhe;
 Vai-se depois avisinhando a elle,
 E as flores, que apanhou, lhe applica aos beiços:

Ei-lo já pela relva salta, e brinca,
 Já põe na fulva areia o niveo lado.
 A Virgem pouco a pouco o medo extingue,
 E agora offrece brandamente o peito,
 Só para que lho affague a mão formosa,
 Agora as pontas, que a real Donzella
 De recentes boninas lhe engrinalda.

Ella, enfim, que não sabe a que se atreve,
 Ousa nas alvas costas assentar-se.

De espaço a beira mar descendo o Nume,
 Põe mentiroso pé n'agor primeira,
 Vai depois mais avante, omittindo,
 Leva a Preza gentil por entre as ondas.

Ella de olhos na praia, ella medrosa;
 Segura huma das mãos n'uma das pontas,
 Sobre o dorso agitado a outra encosta:
 Enfuna o vento as susurrantes vestes.

Despida finalmente a falsa imagem,
 Eis apparece o Deos, eis brilha Jove;
 * E em teus bosques, oh Creta, Amor triunfa.

(1) Maia, huma das Pleiades.

* Este verso he meu.

CADMO, E HERMIONE.

Do Livro IV. das Metamorfoses de Ovidio.

DA serie de teus males já vencido,
 E de fataes, maléficos portentos,
 Tu, Filho de Agenor, tu, triste Cadmo,
 Sabes da Cidade que erigido havias,
 Como se os Fados della, e não teus Fados
 Te perseguissem lá. Depois de longos
 Terrenos vagadar, parou na Illyria
 Co' a prófuga Consorte. Alli, gravados
 Da desgraça, e da idade, a estrella adversa

Me

Memorando dos Seus, e discorrendo
Nos curtidos trabalhos, Cadmo exclama:

25 Ah! Sagrada talvez era a Serpente,
26 Que no bosque matei, quando expellido
27 De Sidonia me vi por lei paterna!
28 Sacro seria o Monstro, em cujos dentes
29 Pela terra espalhei semente infensa!
30 Pois se dos Numes o furor se apura
31 Tanto, e tanto em vingallo, imploro aos Numes
32 Que em comprida serpente me transformem.

Disse, e como serpente eis que se alonga,
Eis na cútis nascer vê dura escama,
Cerúleas nodoas variar-lhe o corpo:
Na terra cahe de peitos: manso, e manso
Os membros se confundem que o sustinão,
E em bolicosa cauda se affeição.

Restão-lhe braços; braços que lhe restão.
Estende o Malfadado, e diz, banhando
De lagrimas a face, ainda humana:

33 Vem, doce, vem, misérrima Consorte,
34 Em quanto ainda em mim de mim vês parte;
35 A mão, em quanto he mão, recebe, aperta,
36 E em quanto não sou todó enorme serpe.

Queria proseguir, mas de improvisó
A lingua se lhe fende, ei-lo com duas;
Falecem-lhe as palavras: quantas vezes

Se intenta deplôtar, tantas sibifa?
Só lhe deixa esta voz a Natureza.

Co' a mão ferindo o peito, a Esposa clama:
„ Cádmo, espera; infeliz, despe esse monstro;
„ Q'he isto! Q'he dos hombros, q' he dos braços!
„ As mãos, os pés, e a côr, e o rosto, e tudo!
„ Porque, Poder do Ceo, porque, Destinos,
„ Me não mudais tambem na forma horrenda!

Diz, e elle da Consorte as faces lambe,
E o (que ainda conhece) amado peito:
O collo, que lhe foi, que lhe he não oco,
Cinge com mimo, e como pôde abraça.

Todos os Companheiros, que o rodão,
Atterrados estão, porém co' as linguas
Os lúbricos Dragões vão affagallos.
Que súbito são dois, e os juntos corpos
Fazendo hum só volume, e serpeando,
Se escondem pela ptóxima floresta.

Dos Homens todavia inda não fogem;
Não tem dente mortaz, não tem veneno;
Não fazem damno algum: de que já fomos
Os benignos Dragões inda se lembrão.

E S A C O , E H E S P E R I A .

Do Livro XI das Metamorphoses.

E Saco, irmão de Heitor, se não sentira
 Na flor da bella idade estranhos Fados,
 Grão nome entre os Heróes talvez tivesse,
 E á fraternidade igualasse a gloria sua,
 Posto que fosse Heitor de Hécuba filho,
 E E'saco de Alexirhoe, a qual he fama
 Que a furto o produzio lá no Ida umbroso.

Aborrecendo a pompa das Cidades,
 Remoto do paterno, insigne Paço,
 Nos montes se escondia, amava os campos,
 Illesos de ambição, mui raramente
 No Correção tumulto hia envolver-se.

O carácter, porém, bravo, agreste,
 Inimigo de Amor, não tinha o Moço.

Hum dia ás patrias margens a formosa,
 (1) Cebrena Hespéria viu do Sol aos raios
 A livre trança de ouro estar secando,
 Hespéria, a quem mil vezes entre os bosques

(1) De Cebrenia, parte da Tróada, na Asia

Já seguira inflammado. Ao vello a Nynfa
 Com tanta rapidez fuge do Amante
 Qual do lobo voraz medrosa corça,
 Ou como a fluvial ádem ligeira
 Fuge ás unhas crueis, se he assaltada
 Longe do lago pelo açor violento.

Corre o Troyano ardente após a Ingrata,
 Persegue Amor veloz o veloz Medo:
 Eis seipe occulta no caminho eroso
 Voive á planta fugaz o curvo dente,
 Nas veas lhe introduz mortal peçonha,
 Supprime a fuga, supprimindo a vida.

O mísero Amador, de mágoa insano,
 Abraça o lindo Corpo agonizante.
 „ Eu me arrependo, (grita) eu me arrependo;
 „ Nynfa, de te seguir, mas não previa
 „ Este caso fatal, nem desejava
 „ Victoria tão custosa, e tão funesta.
 „ Dois forão, infeliz, os teus verdugos:
 „ Deo a serpente o golpe, eu dei a causa,
 „ E eu fóra inda peor que o seu veneno,
 „ Se a morte minha não vingasse a tua. (1)

Disse, e do cume de cavada rocha
 Ao pelago se dá, porém doída
 Tethis o acolhe brandamente, e logo
 Veste de plumas o nadante corpo,
 Seu cobijado fim negando ao Triste.

Elle, raiveço de existir por força,
 De ter com duros laços opprimida
 Alma, que da prisão sahir deseja,
 Menêa, assim que as sente, as azas novas,
 Vôa, mas outra vez baixando ás ondas,
 Se intenta submergir! vedão-lhe as pennas.

Mais o Amante se enraiva, e teima, e torna
 A sumir-se no mar: da morte a estrada
 Tenta, retenta alli, sem fim, sem fructo.

Amor lhe gasta, lhe macêrà as carnes;
 O collo se lhe alonga, (2) o mar lhe agrada,
 E dos mergulhos seus provém seu nome. (3)

(1) O texto diz: Não consolasse a tua.

(2) O original falla tambem nas longas pernas da ave, mas o vocabulo perna he baixo na nossa Poesia.

(3) O corvo marinho, ou mergulhão = *mergus*.



A GRUTA DO SOMNO.

Liv. XI. de Ovidio.

Junto aos Cimmérios, n'um cavado monte
 Jaz huma Gruta, de ambito espaçoso,
 Interna habitação do Somno ignavo.

Nos extremos do Ceo, do Ceo nos cumes
 Nunca lhe pôde o Sol mandar seus raios;
 A Terra exhala ressonancias nervas,
 O crepúsculo incerto alli he dia,
 Alli não chama pela Aurora o gallo;
 Do lugar o silencio nunca rompem
 Os sollicitos cães, os toucos patos,
 Sagazes inda mais, mais presentidos.
 Não fera, não rebanho alli se escutão,
 Nem ramo algum que os Zéfyrus embalem;
 Nem alterados sons de voz humana:
 O calado Socego alli reside.
 De baixa, e rôta pedra sahe, comtudo,
 D'agoa do Lethes pequenino arroio;
 Que, por entre os mexidos, leves seixos
 Com murmúreo suave escorregando,
 Convida mollemente ao molle somno.
 A boca da sombria, ampla caverna,
 Florecem mil fecundas dormideiras;
 Innumeraveis ervas lá se crião,

De

De cujo cumo, oh Noite, extrahes os sonhos;
Que húmida entornas pela Terra opaca.

Porta alguma não ha na estancia toda:
Volvendo-se, ranger, bater podera;
Ninguem vigia na fragosa entrada.

De évano hum alto leito está no meio,
E em negras plumas, que véo negro envolve;
Repousa o Deos co' a languida Indolencia.

Emtorno, varias formas imitando,
Jazem os Sonhos váos: são tantos quantas
Na loura messe as trémulas espigas,
Quantas na selva umbrosa as máveis folhas,
E os grãos de arêa nas equóreas praias.

O Somno em tantos mil não tem Ministro
Mais destro que Morfeo, que melhor finja
O rosio, o modo, a voz, o traje, o passo,
A propria locução; porém somente
Este afigura os Homens, outro em fera,
Em ave se converte, ou em serpente:
Icélon pelos Deoses he chamado,
Os Humanos Fobétor o nomtão.
Ha terceiro tambem de arte diversa:
He Fantazos, que em pedra, em terra, em onda
Em arvore, e no mais que não tem alma,
Súbito, e propriamente se transforma.

Huns atterção de noite os Reis, e os Grandes;
Outros por entre o Povo errantes vôio.

Este Episodio da Metamorfóse de Ceyx, e Halcyone, não foi traduzido seguidamente; omiti a fallá de Iris, e o effeito della, porque não pertendia verter senão a descripção da Guita de Somno, e dos seus Ministros.



A APOTHEOSIS DE ENEAS.

Livro XIV.

JA' do piedoso Enéas a virtude
Enternecêra os Deoses, extingui'a
Da propria Juno a malquerença idosa;
E, firme a herança do crescente Ascânio,
Repouso ao Pai cabia, era já tempo
De ir lograr-se dos Ceos o Heróe Troyano:

Venus por elle interessára os Numes,
E, de Jove abraçando o collo augusto:
„ Pai, nunca repugnante a meus desejos,
„ De teu amor (lhe diz) o extremo apura,
„ Clementissimo attende ás preces minhas.
„ Meu caro Enéas, que he por mim seu neto,
„ Gráo de Nume inferior alcance ao menos,
„ De algum modo nos Ceos meu filho admitte:
„ Bem

„ Bem lhe basta huma vez entrar no Reino
 „ Onde he tudo aversão, tristeza tudo,
 „ E haver passado por estygias ondas.

Soou a approvação dos Deoses todos,
 Nem Saturnia ficou de aspecto immovel,
 Antes affavel annuo ao rōgo.

Então lhe disse o Pai: „ Sois dignos ambos
 „ Tu, e teu Filho da celeste graça.
 „ Cumpre o desejo enfim. „ Calou-se Jove.

Com vozes gratas a exultante Deosa
 A mercê retribue, e, conduzida
 Nas auras leves pelas niveas pombas,
 Desce á margem Laurente, onde serpêa
 O Numicio, de canas assombrado,
 Levando ao mar visinho as vítreas agoas.

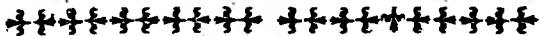
A linda Cytheréa ordena ao Rio
 Que tudo o que he da Morte a Enéas lave,
 E em silencio no mar depois esconda.

As ordens o Deos húmido executa;
 Tudo quanto he mortal extrahe de Enéas,
 E co' a pura corrente o volve puro:
 A parte só que he optima lhe deixa.

Eis a amorosa Mãe o aromatiza,
 Unge de oleo divino o corpo amado,
 Honra-lhe os labios de ambrosia, e nêctar,
 Deos

Deos o faz, que dos Povos de Quirino (1)
 Indígete he chamado, e sóbe às Aras.

(1) Deos do Paiz.



A APOTHEOSIS DE ROMULO, E HERSILIA.

Do mesmo Livro.

T Acio mortêra, ^a e Rómulo aos dois Povos ^b
 Equilibrava as leis, quando Mavorte
 Dos Mortaes, e Immortaes ao Rei supremo
 (Deposto o morrião) fallou dest' arte:
 „ O tempo he vindo, oh Pai (por quanto Roma
 Em robusto alicerce está segura,
 E hum só braço a modera) he vindo o tempo,
 Em que alto galardão, promessa antiga
 A mim, teu filho, a Rómulo, teu neto,
 Crêdor do grande premio, se effeitue,
 E o destinado ao Ceo se roube á Terra:
 No Concelho dos Deoses tu outr' hora
 Me disseste, Senhor: (e o pio annuncio
 Gravei no coração, gravei na mente)
 Erguido aos Ceos por ti será teu filho:
 Ratifica a palavra sacro-santa.

Ao Guerreiro ahnuio o Omnipotente;
 Os ares condensou de espácias nuvens,
 No raio, no trovão pôz medo á Terra;
 O impávido Gradivo, á luz, e estrondó,
 Vê que he dado o sinal do raptó augusto,
 E, firmado na dança, ao carro salta.
 Brutos, oppressos de temão sanguento,
 O sonoro flagello açoita, esperta.

Dirigindo-se o Deos por entre os ares,
 Para no Palatino, umbroso cume,
 E ao Filho, que alli julga os seus Quirites,
 Arrebata d'alli co' a mão nervosa.

Nas auras se lhe vai quanto he da Morre,
 Qual a plúmbea porção que sahe da funda
 Seu reçumante humor perde voando.
 Toma o Romano Heróe radiosa face,
 Face mais digna da Morada eterna,
 Tal como a que se vê na purpurada
 Imagem de Quirino, Imagem sua.

Por morto o claro Esposo Hersilia chora:
 Eis dos Ceos a Rainha ordena a Iris
 Que baixe ao Mundo, e que á Viuva excelsa
 Estas benignas vozes pronuncie:
 „ Oh da Gente Sabina, e Lacia Gente
 Honra primaria, singular Matróna,
 Já digna Esposa d'um Varão sublime,
 Do Deos Quirino agora Esposa digna!

Não chares: se teu Melyto Consoite,
 Morrendo restas por yer, segue-me os passos;
 Comigo: ad hocpos veim, (que lá verdeja
 No cimo Quirinal, e assombra os Lares
 Do Monarca Romano), Iris submissa
 Pel'arco immenso de vistosas cores
 Desce rapidamente: e-la na Terra,
 E o que ella a Juno ouviu lhe escuta Hersilia.

„ Oh Deosa! (proferio a alta Matrona,
 De pejo os olhos elevando apenas)
 „ Qual dellas és não sei, mas sei que és Deosa:
 Não cabe este esplendor a hum Ente humano.
 Guia, ah! Guia-me a ver o ausente Esposo:
 Se olhallo inda huma vez me dais, oh Fados,
 A presença dos Ceos terci na sua.

Nisto ao Romúleo monte se encaminha,
 E leda o sobe co' a Thaumantia Virgem.

Súbito, das estrellas despegado,
 Vem direito á montanha ethéreo lome;
 Os cabellos de Hersilia toca, inflamma,
 E com ella após si revôa aos astros.

De Roma o Fundador nos Ceos a acolhe;
 Muda-lhe o corpo antigo, o antigo nome,
 Ora lhe chama, o de Quirino ao lado
 Goza com elle dos Romanos cultos.

PO-

a Compãheirô de Romúlo no Governo.
 b Sabino, e Romano.



POLYDORO HE MORTO POR POLY-
MESTOR. POLYCENA HE SACRIFI-
CADA NO SEPULCHRO DE
ACHILLES.

*Tradução do Sacrificio de Polycena, Princesa
de Troya, e da Metamorfose de Hécuba,
sua Mãe, tudo extrahido do Liv. XIII.
das de Ovidio.*

LA' defronte da Frygia, onde foi Troya,
Jaz Terra pelos Thracios habitada;
Della Polymestor o Imperio tinha,
A quem furtivamente, oh Polydoro, (r)
Teu Pai te confiou, para educar-te
Longe da confusão, e horror da Guerra:
Arbitrio salutar, se ao Deshumano
Comtigo não mandasse aureos thesouros,
Premio do Crime, estímulo do Avaro.

Apenas cahe Dardania envôlta em cinzas,
O Bistónio Tyranno empunha hum ferro,
O crava na cerviz do tenro Alumno;
E, como se a traição sumir podéra
Co' miserrimo corpo assassinado,
Do cume de hum rochedo ao Pégo o lança.

Q ii

Na

(r) Filho de Priamo Rei de Troya.

Na Thracia fundeára o bravo Aydes;
 Mar sereno esperando, e vento amigo:
 Eis da Terra, espaçosamente rôta,
 Tão grande Achilles sahe qual era em vida,
 C'um ar ameaçador, co' mesmo aspecto
 Que tinha quando horrivel quiz vingar-se,
 E contra Agamemnôn brandio a espada.

„ Esquecidos de mim, partis, oh Gregos!
 (A fera Sombra diz) Morreo comigo,
 Comigo se enterrou minha memoria!
 A idéa do que fui! Sêde mais gratos,
 Sem honra não deixeis o meu sepulchro:
 Polycena, por vós sacrificada,
 De Achilles indignado applaque os Manes. „

Cala, e desapparece. Os Socios duros,
 Ao terrível Fantasma obedecendo,
 Do regaço materno a Triste arrancão,
 Da materna anciedade unico allivio.

Forte, e mais que Mulher, a infeliz Virgem
 Ao túmulo funesto he conduzida,
 Para victima ser da irada Sombra.

Co' a fantasia em si, depois que a chegão
 Para as Araç, cruéis, onde conhece
 Que ao sacrificio bárbaro a destinão
 E depois, vendo em pé, vendo a seu lado
 Pyrho co' ferro nú, e os olhos nella,
 „ Hum sangue generoso eia derrama,

Derrama, (ao Impio diz) não te demores,
 No peito, ou na garganta o ferro embebe.
 (Nisto a garganta offrece, offrece o peito)
 Polycena de escrava odêz o nome;
 Deos nenhum com tal victima se abranda.
 Mas quizera que a Mãi desamparada,
 Mãi deploravel me ignotasse os Fados:
 Só ella de morrer me encurta o gosto;
 Bem que não minha morte, a vida sua
 Ella deve carpir. Vós affastai-vos;
 Meu rôgo he justo: do virgineo corpo
 Tirai as mãos viris, não morra escrava:
 A'quelle que intentais (qualquer que seja)
 No sacrificio meu tornar benigno,
 Ha de ser mais acceito hum sangue livre.
 Se há, com tudo, entre vós alguem, oh Gregos,
 Piedoso a extremas supplicas, a Prole
 De Priamo, d'um Rei (não a Cativa)
 Vos pede que entregueis, mas sem resgate,
 O cadaver sangrento á Mãi chorosa.
 Com lagrimas alcatice, e não com ouro
 O luctuoso jus de honrar-me as cinzas,
 De lhes dar sepultura: em quanto pôde,
 Com ouro a triste Mãi temia os Filhos. ,,

Disse, e o pranto, que intrepida sustinha,
 O Povo não susteve: até chorando
 O Ministro feroz lhe enterra a justo
 Consagrado punhal no ebúrneo collo.

Eis o pé lhe fallece, ao chão baquêta,

E hum ar d'intrepidez mantem morrendo,
 Ao cahir inda então se não descuida
 De encobrir o que he lei ter-se encuberto,
 Resguardando o decóro ao casto pejo.

As Troyanas, carpindo-se, a levantão,
 De Priamo a Progenie alli recordão;
 Quanto sangue vertêra huma familia,
 Que em outr'ora chorárão. Chorão hoje
 O teu Destino, oh Virgem, chorão hoje,
 Regia, misera Esposa, o teu Destino;
 Régia, misera Mãe! Nos tempos faustos
 De Asia fecunda symbolo florente!
 Agora inutil, desdenhado Espolio,
 Que Ulysses vencedor não quereria,
 Se o memorando Heitor á luz não deras!
 O grão nome do Filho apenas serve
 Para obter hum Senhor á Mãe anciosa,
 Que, nos trementes braços estreitando
 O corpo, falto já de alma tão forte,
 As lagrimas que deo á Patria, aos Filhos,
 E ao Consorte infeliz, dá hoje a esta.

A ferida co' as lagrimas lhe inunda,
 Ternos beijos depõe nos labios frios,
 E affaga o virginal, querido seio.
 Revolvendo, empastando as cans no sangue,
 Diz isto, ou mais, e o coração lhe estala:

HECUBA CHORA POLIGENIA

O H Mãe, última dor, (pois que me resta!)
 Última dor da Mãe! Sem vida jazes! do
 Golpe, que stato em minha veio em teu peito!
 Todos, todos os meus assim morrerão.
 Também ferida estás! Setes isenta
 Do ferro, por Mulher, eu presumia,
 E, Mulher, steumbiste do ferro intquo!
 De teus Irmãos o Algaz foi teu verdugo,
 O Mal, o Horror de Troya, O ferro Achilles!

Quando ás frechãs mortaes de Apollo, e Paris
 O Barbaro cahio, eu disse: „agora
 Já que temer não ha do infesto Achilles,
 E havia que temer: tomado em cinta,
 Os restos do meu sangue inda persegue,
 No túmulo o Tyranno he sempre o mesmo.
 Para faltar-lhe a cruz, a negra sanha
 Fecunda fui. Dardania jaz por Terra,
 Em catástrofe atroz findou seu fado;
 Mas inda para mim Dardania existe,
 Lavra da minha dor inda o progresso.

D'antes tantas grandezas possuindo,
 Tantos Genros, e Filhos, Crôa, Eposo,
 Hoje em desterro, na indigencia agora,
 Do sepulchro dos meus desarraigada,

Sou

Sou quinto de Penélope, que activa
 Ha de ás Matronas de Itacha mostrar-me
 Curvada ás suas leis, dizendo: „ he esta
 A Mãe de Heitor, de Priamo a Consorte. „

Depois de tantas perdas, tu, oh Filha,
 Que do lucto materno eras allivio,
 Sobre túmulo hospil y arreste o sangue!
 Deite o ser para victima de Achilles.
 Porque vivo, ai de mim! Serei de ferro?
 A que, rugosa idade aborrecida,
 Me reservas no Mundo? Injustos Deoses,
 Para que me guardais soáo sómente
 Para novos horrores, e prantos novos!

Quem venturoso a Priamo julgára
 Depois da, que deo Troya, horrivel queda!
 Foi feliz em morrer, não te vio morta
 Filha minha, e perdeo-co' a vida o Throno:

Serão teus funeraes, oh Virgem régia,
 Dignos do teu natal? Será teu corpo
 Nos avitos sepulchros encerrado?
 Não, já nos não compete esta fortuna:
 Chôro, e tósca porção de estranha terra
 (Dadiva maternal) só te pertencem.
 Perdemos tudo... ah! Não, resta-me hum Filho
 Por quem supportarei mais tempo a vida,
 Unico Filho agora, o que algum dia
 Da estirpe varonil era o mais tenro,
 E que ao Ismário Rei foi commettido

Neste mesmo lugar . . . mas por que tardas,
 Triste Filha, a levantar o peito, e rosto,
 Do mortífero golpe ensanguentados?

→ ← → ← → ← → ← → ← → ← → ← → ← → ← → ← → ← → ← → ← → ← → ← → ← → ← → ← →

HECUBA DA, COM O CADAVER DE
 POLYDORO, FRENÉTICA, DE DE-
 SESPERAÇÃO, COMEÇA A ULU-
 LAR, E HE TRANSFORMADA.

COM vagaroso pé caminha á praia,
 Desgrenhados os cándidos cabellos:
 „ Uma me das, Troyanas, (diz a triste)
 „ Para as agoas bolhar de que preciso.
 Eis o corpo infeliz de Polydoro,
 Lançado pelo mar, vê sobre a areia,
 E do Threicio ferro o golpe fido.

As Troyanas exclamão: fica muda;
 Ao peito a voz, e o pranto retrocedem,
 Afflicção lhos devora: está qual pedra.
 Já põe n'adversa terra olhos imitioveis,
 Já furibundo aspecto aos Ceos levanta;
 Olha do Filho o rosto, olha a ferida,
 Porém mais a ferida do que o rosto:
 Com isto se arma de ira, e de fereza.

Requintada a paixão, dispõe vingar-se,
 Dis-

Dispõe como se fosse inda Rainha,
E enleva-se na cangagem da vingança.

Qual braveja a Leôa, a quem furtarão
Terra prole' feoz, que inda criava,
E do seu Roubador, com ancia horrivel,
No rasto vai, tal Hécuba, envolvendo
Os frenezis, e o pranto, a dor, e a raiva,
Lembrada de que fôra, e não do que era,
Corre a Polymestor, ao réo do crime,
Hum colloquio lhe roga, e nelle affecta
Que lhe quer entregar thesouro occulto,
Para que chegue illeso ás mãos do Filho.

O Fraudulento a cre, e estimulado
Da fonte do ouro, a segue a ermo sitio
Astuto, em brando tom lhe diz: „ não tardes,
„ O thesouro me dá que ao Filho envias
„ Quanto, m'es tens entregue, e me entregues
„ Que tudo elle possua aos Deoses juro.

De olhos sauhudos Hécuba o contempla,
Ouvinho o vão protesto, arqueja de ira,
E subito, em socorro as mais chamando,
Arremete ao Perjuro, ao Fementido,
Pelos olhos creois lhe onterra os dedos,
(Dá-lhe força a raiva) e lhos arranca.
As mãos tenta embeber pelas feridas,
E, do pérfido sangue enxovalhada,
Lacéra mais, e mais: não ceva a furia
Nos olhos, (que os não ha) mas onde os houve.

As Gentes do Tyranno, embravecidas
 Do cruento espectaculo, arremessão
 A' vingadôra Mãi pedras, e lanças,
 Rouco, irado murmureo ella soltando,
 Contra as pedras investe, e morde as pedras:
 Os labios se lhe alongão de repente,
 E ergue canina voz, fallar querendo.

Ao sabido lugar deo nome o caso:
 Hécuba (ainda assim) por longos tempos
 Teve dos males seus tenaz memoria,
 Mesta ululando na Sithônia Plaga.

Os Gregos commoveo seu duro fado,
 Dos Troyanos feis dobrou a angustia,
 Aos Deoses fez piedade, e a propria Juno,
 Juno até confessou que Hécuba existe
 Seu desastre fatal não mereçera.

O BOSQUE DE MARSELHA,

*Discepção, tirada da Farsallia de Lucano,
Livro III.*

LA' junto de Marselha havia hum bosque,
Nunca dos longos Séculos violado.
Co' soçima implexa os ares denegria,
Amedrontava o Sol co' as altas sombras.
Nynfas, Sylvanos, Pan, que tege as selvas,
Alli não tem poder, alli só reinão
Numes, que exigem bárbaras offendas;
Aras cruéis as Puras erigirão,
Roxa em troncos, e tronco o sangue humano:
Alli, se fé mereço a Antiguidade,
Sobre os ramos firmam-se as aves temem,
Temem as feras acolher-se ás covas.
Não sôa o vento alli, nem bate o raio,
Nem folha alguma os zéfyros consente:
Hum mudo horror as arvores abrange.
De origens tôrpes negras agoas fervem;
Dos Deoses mãos os simulacros feios
Carecem de arte, são informes troncos.
A mesta pallidez, que os vultros cobre,
A surda corrupção, que os vai roendo,
Nos absôrtos Mortaes terror infunde;
Receião Numes de apparencia estranha:
Tanto augmenta o pavor, tanto o requinta
Ignorar que Poder, que Deoses teme!

Fra geral rumor que alli se ouviu
 Mugir as grutas, vacillando a terra,
 Que o derrubado teixo alli sohia
 Aos ares outra vez alçar a coma,
 Até sem consumir-se arder o bosque,
 E enroscados dragões silvar nas plantas.

Não dá proximo culto ás Aras tristes,
 Nem o infesto lugar frequenta a Gente:
 Espavorida o cede aos Deoses tórvos.
 Quando no ethéreo cume o Sol chammeja,
 Ou quando a opáca Noite afêa o Polo,
 Dos ritos feros o Ministro mesmo
 Teme entranhar-se nas funestas sombras,
 E o Senhor encontrar do bosque horrendo.

César ordena que derribe o ferro
 As arvores, que, intactas d'outras guerras,
 E entre altos montes nús encadeadas,
 Do Romano arraial surgião petto.

Eis os Braços guerreiros estremecem,
 Os fortes Corações eis enregela
 Do Ermo escuro a terrivel magestade:
 Crem que, se as sacras arvores ferirem,
 Hão de os férreos, vibrados instrumentos
 Voltar-se contra os Impios, que os menêm.

Julio, que do terror os vê tomados,
 Rápido a hum delles a bipenne arranca;
 Ergue-a, n'um tronco ingente a descarrega.

A's Cohortes se volte, assim lhes falla :
 „ Porque nenhum de vós talhar duvide
 „ A selva, onde pensais que habitão Deoses,
 „ Crede-me, embora, o réo do sacrilegio. „

Diz, e a pávida Turma obediente,
 Sem repellir o horror, succumbe ao mando :
 Teme a ira dos Numes, e a de César,
 Porém mais a de César, que a dos Numes.

Já nodosos carvalhos cahem por terra,
 Cahem por terra os soberbos, duros olmos,
 No chão baquêa o fúnebre cypreste,
 Que a luctos não plebêos he consagrado.
 Pela primeira vez, Dodóneo (1) bosque,
 Depões a idosa rama, e já sem ella,
 Sem sombra, que te ampare, o dia admitte.

Mas inda se mantem, cahindo, a selva
 Com seus restos espessos Gállia geme,
 Olhando o feito audaz; porém, reclusa
 A crente Mocidade entre as muralhas;
 Exulta: quem julgára que serião
 Impunemente os Deoses affrontados!

Ex-

(1) Metatóricamente.

Extrahido da Jerusalem de Tasso, Cant. 9.

E Ntre os Heróes Christãos, q̄ pelo esforço
 Ante Jerusalem mais se affamárão
 Na do feroz Soldão nocturna guerra,
 Latino reuzio, nascido em Roma.
 Das lidas marciaes, da longa idade
 Inda gastas as forças não sentia;
 Com cinco Filhos, quasi iguaes, ao lado
 Nas hórridas pelejas sempre andava.
 Elles, anticipando ao tempo a fama,
 De ferro pezo as fronte opprimião,
 E os membros juvenis, inda crescentes:
 Pelo paterno exemplo estimulados,
 Amolavão no sangue o ferro, as iras.

„ Vamos (o Pai lhes diz) lá onde hum Impia
 Co' a fuga dos Christãos se ensoberbece,
 O horror, o estrago, as mortes, que fulmina,
 Em vós o innato ardor não diminuição:
 He gloria trivial, se a gloria, oh Filhos,
 De algum passado trance não se adorna. „

Assim brava Leôa os filhos bravos;
 A quem do collo a juba inda não desce,
 A quem das mãos crueis, da horrenda boca
 Inda as terriveis armas não crescêrão,
 Leva consigo ás prezas, aos combates,

E os vai com tôrvo exemplo encarniçando
 No Caçador que os bosques lhe perturba,
 E as feras menos fortes affugenta.

Seguem o Pai sublime os cinco Incautos,
 O enorme Solimão saltêão, cingem,
 E n'um só ponto hum só arbitrio, e quasi
 Hum espirito só, seis lanças vibra.
 Mas, cegamente affoito, o de mais annos
 Sacóde a sua ao chão, co' Turco cerra,
 E tenta em vão co' a penetrante espada
 Derribar-lhe sem vida o grão ginete.

Porém, qual monte exposto ás tempestades,
 Qual monte sobranceiro ao mar que o fere,
 Supporta, firme em si, trovões, e raios,
 Os indignados Céos, ondas, e ventos:
 Assim o audaz Soldão a altiva fronte
 Tem fixa contra os ferros, contra as hastes,
 E áquelle que o ginete lhe golpêa,
 Entre as faces, e os olhos fende o rosto.

Aramante ao Irmão, que vai cahindo,
 Piedoso estende o braço em que o sustenta:
 Piedade louca, e vã, que ao damno alheio
 Une trágicamente o proprio damno.
 O Pagão contra o braço o ferro inclina,
 E o que a elle se atêm com elle aterra:
 Cahem ambos, hum sobre outro desfalecem,
 E misturão, morrendo, os ais, e o sangue.

Eis, de Sabino a lança espedaçando ;
 Com que o Moço gentil de longe o infesta,
 Lhe arremessa o cavallo, e de arte o colhe,
 Que por terra, tremendo, o deita, o piza.
 Do delicado corpo adolescente
 Sahe a alma a grande custo, e deixa triste
 Da vida as auras plácidas, os dias
 Ledos, e ornados de mimosa idade:

Vivos Pico, e Laurente inda restavão ;
 Com que hum só parto os Pais enriquecêra,
 Par florecente, igual, que tantas vezes
 Origem fôra de suave engano !
 Mas se os fez Natureza indistinguíveis ;
 Já differentes os faz a hostil braveza :
 Oh dura distincção ! Em hum divide
 Do busto o collo, ao outro o peito rasga :

O Pai, (ah já não Pai !) Ah Sorte injusta ;
 Que n'um ponto o privou de tantos Filhos !
 A sua morte vê nas cinco mortes,
 Na progenie infeliz, de todo extincta ;
 Nem sei como a velhice he tão constante,
 Tão forte, e tão vivaz na extrema angustia ;
 Que inda respire, que peleje ainda !
 Mas as tristes acções, as faces tristes
 Não vio talvez dos moribundos Filhos,
 E do acerbo espectáculo a seus olhos
 Parte as amigas trévas encobrirão.

Comtudo, não perdendo a infausta vida,

Nada lhe era o vencer. Do proprio sangue
 Pródigo freme, e sóffrego do alheio;
 Nem se conhece bem qual mais deseje
 Se morrer, se matar. „ Tão desprezível,
 „ Tão fraca he esta mão, (grita ao Contratio)
 „ Que de tantos esforços nenhum pôde
 „ Contra mim provocar-te a negra sanha!
 Cala, o golpe mortal despede ao Fero,
 Que, rôto o rijo arnez, lhe rompe o lado,
 E por larga abertura o sangue ferve.

Ao grito, ao golpe contra o Velho ancioso
 O Bárbaro volveo a espada, as furias.
 A loriga lhe abriu depois do escudo,
 Que vezes sete duro couro envolve,
 E o ferro lhe embebeo pelas entranhas.
 Eis Latino infeliz soluça, expira,
 E com vômito alterno ora lhe salta
 O sangue da ferida, ora da boca.

Qual no Apnenino vigorosa planta,
 Que as iras desdenhou de A'quilo, e de Euse,
 Se rufão desusado emfim a arranca,
 Com a queda emtorno as arvores derruba:
 Tal cahe o Heróe, e o seu furor he tanto,
 Que leva spôs de si mais d'um que afferra,
 E de Homem tão feroz he fim bem digno
 Fazer, até morrendo, altas ruinas.

* * * * *

GILDIPE, E EDUARDO,

Extrahido da Jerusa m' de Tasso, Cant. 20.

O Ferido combate ardendo estava
 Entre o Campo Christão, e o Campo Eypcio:
 Nisto o bravo Soldão co' a Morte, e as Furias
 Corre, escumando, aos Bárbaros se aggrega,
 Grão refôrço lhes he, mas breve, inutil:
 Parece horrendo, momentâneo raio,
 Que repentino vem, que bate, e passa,
 Porém que da veloz carreira infesta
 Deixa vestigio eterno em rôtas penhas.
 Cem Guerreiros, ou mais derriba o Turco:
 Sequer entre milhões de extinctos nomes
 A memoria de dois se roube ao Tempo.

Tristes Esposos, férvidos Amantes,
 Eduardo, e Gildipe, os Fados vossos
 Duros, acerbos, e os illustres feitos
 (Se a meus Toscanos versos tanto he dado)
 Sagrarei entre Espiritos famosos,
 Porque a série dos Evos, quaes portentos
 De virtude, e de amor, vos olhe, e aponte,
 E algum terno Mortal com doce pranto
 Honre os lamentos meus, e a vossa morte.

A generosa Dama, esporeando

O dócil Bruto audaz, lá se arremessa
 Com o Esposo fiel por entre as Turbas,
 Onde o feroz Pagão derrota os Francos:
 Com golpe sobre golpe o colhe em cheio,
 O escudo lhe desfaz, lhe rasga o lado.

O Cruel, que no trage a reconhece,
 Diz com agro, colérico sorriso:
 Oh! Eis o Rufião, e a Apaixonada.
 „ Muito melhor te fôra agulha, e fuso
 „ Que por defesa haver armas, e Amante:

Cala-se, e de furor todo abrazado,
 Vibra estocada temeraria, e fera,
 Que ousou, rompendo o arnez, entrar no peito,
 Que dos golpes de Amor só era digno.
 Súbito a Triste, abandonando o freio,
 Indícios dá de quem desmaia, e morre:
 Ai! Bem o observas, misero Eduardo,
 Não lento Defensor, mas desditoso.

Que fará neste lance? Ira, piedade
 A varias partes n'um só tempo o chamão:
 Huma a suster seu Bem, que vai cahindo,
 Outra a vingallo do hórrido Homicida.
 Amor imparcial o persuade
 A que a piedade escute, escute a ira:
 Eis co' a sinistra mão sustem a Esposa,
 E co' a raivosa dextra exerce o ferro.

Mas ah! Vontade, e força, divididas

Contra o duro Pagão bastar não podem;
Não mantem a Infeliz, nem o Verdugo
Do seu doce prazer conduz á morte;
Antes o ímpio Soldão lhe corta o braço,
Piedoso arrimo da Consorte amada:
Cahir a deixa o Misero, e comprime
Os membros della c'os seus proprios membros

Qual olmo, a que a vinosa, a fertil planta
Com abraço tenaz se enreda, e casa,
So ferro o parte, ou raio o desarreiga,
Leva consigo a terra a sócia vide:
Elle o verde atavio lhe destólha,
Elle mesmo lhe piza as gratas uvas,
E como que lhe dóe mais que seu fado
O fim da amiga, que lhe morre ao lado.

Tal cahe o Amante, e só se dóe daquella
Que em companhia eterna o Ceo lhe outorga.
Querem, não podem proferir palavras,
Fornão suspiros em lugar de vozes;
Hum olha ao outro, e por costume antigo
Hum com outro se abraça em quante existe.
O dia n'um só ponto aos dois se apaga,
E as Almas juntas aos Elysios vôão.



A COLOMBIADA,

O U A

FE' LEVADA AO NOVO MUNDO,

Poema de Madame du Bocage.

EU canto o Genovez, de Urania Alumno,
 Da Inveja, e dos Infernos perseguido,
 O Nauta, que do Tejo foi tão longe
 Desencantar os Indicos thesouros,
 Que da Aurora ao Poente, o Mar domando,
 Para a Fé conquistou Mundo ignorado.

Oh Mãe de Orfeu, (que pela voz de hum filho
 Typhis, Iason no Pégo enfeitiçaste,)
 Consente, para mais, á minhã audacia
 Que do Ismario Cantor imite os versos.
 Se Bosques attrahio, Monstros, e Furias,
 Homens enternecer meus sons não podem?
 Musa, do sexo teu o Imperio estende,
 Une á femínea voz a Lyra eterna,
 Mostra aos Humanos que tambem no Pindo,
 Assim como em Cythéra, os cantos nossos,
 Caros aos Deoses, os Heróes affamão.

Do Solsticiõ do Inverno á flórea Quadra
 Febo precipitava os turvos dias,
 Desde que sobre os mares, venced ôra

Das

Das Procellas horrisonas, vagava
 Longe do patrio seio a Frota Ibéra.
 De Ilha em Ilha evitava estéreis climas
 O pródigo Colombo: a seus desejos
 Ditoso; grato asylo emfim se offrece,
 Mostrando a seu favor sorrir-se os Fados.
 Este Heróe, nunca trémulo ante o prigo,
 Na bonança acautela as tempestades.
 Desce a Noite; elle teme infesto escolho,
 E, até que a luz diurna o Polo aclare,
 Congregando os baixeis áquem do porto,
 Assim de seus Guerreiros falla aos Chefes:

„ Rivaes destes que o Bósforo vencêrão,
 Compete a vosso ardor mais alto premio:
 Os males nossos tem nos Ceos a palma.
 Quem das avitas glórias dorme á sombra,
 Perde na escuridade a luz da origem.
 Nós que havemos tégora em prigos cento
 Calejado a constancia, eia, surjamos
 Nessa fronteira, incógnita enseada:
 De Fernando os pendões alli se arvorem.
 Dado que feros Povos nos insultem,
 He nesso escudo o Ceo: proezas nossas,
 Para estender seu culto, a vida igualemente. „

Diz, e dest' arte lhe responde a Turba:
 „ Claro Almirante! Affronta o Mar, o Inferno,
 Que todos sem terror te seguiremos
 Aos dois Polos do Mundo. Os annos vôto;
 Mas da injuria dos Seculos vorazes

Nada tem que temer lustrosos feitos. „
 Ferve a taes vozes o Soldado, espera
 Novos Mundos ganhar, ver outra Colchos.

O nome dos Heróes que honraráo Grecia
 Distingua os baixéis. Hum Pinho annoso,
 Filho robusto da hyperbórea Terra,
 Vélas do Argos sustenta em aurea pôpa.
 O prudente Mattheus, rival de Typhis,
 Guia hum novo Jason, conduz Colombo.
 O cauto Chefe, que a seus olhos sempre
 Tem de Helena os Irmãos, sobre estes lenhos
 Atear-se a discordia vio cem vezes.
 Alli Julio encaminha illustre Cabo,
 Mendes segue Pinzão; traidor Ximenes,
 Tu reges Telamon. Busca-se Alcides,
 Ah! Vãamente: escarcéos o devoraráo;
 Torres, seu Director, já não existe.

Patria do meu Heróe, Genova illustre,
 Fieschi, em ti nascido, a seus trabalhos,
 A seus feitos magnanimos se aggrega;
 Alba no Orfêo conduz, e Boile, o douto.
 Este Sabio as estrellas não medita,
 O iman, sujeito aos erros, não consulta:
 Olha sómente o Ceo para implorallo,
 E o Ceo por elle annue á santa empreza.

A gloria esquecerei, que haveis ganhado,
 Invencivel Cortez, Piçarro affeito?
 Ambos, hum no Calais, outro no Zétes,

Dos

Dos alados Heróes tomando o vôo?
 Vós de Castella, e de Africa os ginetes
 A' expedição levais. Morgan valente
 Dogues no Hilas açama, exercitados
 Em jogo marcial. Por Chefe o tratão
 Hastings, Arcy, Murrat, Stanhope, e activos,
 Para alongar seu nome; a Patria deixão.
 O Neustrio Marcoussy, caro a Colombo,
 O segue no Thesô, que lhe he sujeito:
 Boulainvilliers, Amboise, e Aidie, e Argennes,
 A's suas leis submissos, lá florecem.
 Triunfantes no Sena estes Guerreiros,
 Tentão novas empresas: sobre os mares
 Quer o valor Francez dar pasmo ao Globo.
 Pelêo, e Ajáx, na Andaluzia armados,
 Pendem de Margarit, e de Garcia.

Vasos mais leves, de que escondo os nomes,
 Emtorno do Almirante as ondas talhão.
 Dos Chefes que perdêra o fim deplora,
 Mas, appiacando a mágoa nos que restão,
 Sem temor voga ao porto, e junto delle,
 Dos Pilotos á voz se terra' o pano.

Em tanto que a Esperança industriosa
 Promette aos Hespanhóes mil bens, mil palmas,
 Que Diana, esparzindo o rato incerto,
 Nas agoas a folgar delfins convida,
 Por ellas, onde brilha a sua imagem,
 Manso, e manso os baixeis co' a terra emprôo:
 Mas Entes infernaes, da Grecia Deoses,
 Que

Que tem na India, altares, e outros nomes,
Oppõe-se ao Genovez, de quem se rethem.

Para traçar taes Monstros; Musa minha,
Restituir Cythéra a Venus podes,
Podes restituir o Olympo a Juno:
Satân em meus pinctis Plutão semelha;
E os Manes do Cocyto as ondas passão:

Boiá, Teules, Zemês, estygios Numes,
Que adora cego Povo, a Europa ignoto,
Ajuntão de seu Rei os estendartes.
No ruido de aspérrimas correntes
As tartáreas Falanges se annuncião;
Serpentes, que das ígneas restas brotão,
Os silvos fórmão lá, que em Lemnos se ouvem,
Quando n'agoa se extingue o ferro ardente.

Teules, que tem na Estyge Eólio mando,
Leva aos pés de Satân o horror que inspira.
Nos seus olhos em braza he sangue o prante,
Tem de hum lado o terror; tem de outro a morte;
Das tormentas a chave á mão lhe he sceptro.
D'atra nuvem de enxofre, onde fluctuão
Mil cabeças medonhas, surge a delle,
E o turbulento Inferno, á voz do Monstro,
Cómo as agoas do Lethes, se abonança:
Té no Perjuró, no Traidor, no Ingrato
O remorso em mudeos alguns instantes.

„ Rei desta Região sombria, horrenda;

(Ve

(Vozêa a Furia insana) onde aras tuas
 Se perfumão de incensos, no Indio clima
 Do Téjo os Filhos soffrerás que reinem?
 De hũ Deos no outro Hemisferio as Leis se adorão,
 Nosso Inimigo eterno em parte o Globo
 Attrahio com seus Dons: ah! Se Elle outr'ora
 Cavou o immenso abysmo onde penamos,
 Golpe fatal, que nos prepara, ao menq̃s
 Cuide-se em rebater. Por novo Mundo
 Elle quer alongar suas Conquistas,
 Elle quer transmittir-lhe as Leis, e Altares.
 Que! Debaixo dos Seus os Templos nossos
 A' Gloria sua servirão de base,
 Gloria que se eternize em nosso estrago!
 Sem defender teu jus, victorias cedes?
 Pondera que hum Mortal, do Averno injúria,
 Contra nós o Universo a armar se atreve.
 O instructo Genovez, nos males firme,
 Conhece o equóreo fundo, e mede os astros,
 Conquista os corações, subjuga as almas.

De tão forte Guerreiro emprezas temo...
 Trance me he duro elogiar Contrarios,
 Mas o assustado orgulho ingénuo falla:
 Vencido do pavor, se os riscos péza,
 No interesse, e no prigo he só que attenta.
 A Esquadra, que receio, o termo attinge
 De alta intenção: meu unico regresso
 He no centro das ondas sepultalla.

„ Entrega aos Furacões (Satân responde)

Es.

Esse Povo atrevido: os Elementos
 Todos em damno seu se desenfrêem:
 Derrama no Universo a raiva tua.
 O Mar treme de ouvilho, e todo o Inferno;
 Do embate de mil mãos faiscas saltão,
 Como das rochas sahem que rompe o ferro,
 Ou quaes costumão rebentar de corpos
 Que inflamma o choque eléctrico. Eis o Abysmo
 Ao mágico motim responde em ecos,
 Como em crebros trovões o Ceo rebrama.

A passos gigantes caminha Teules
 A's horriveis abóbadas profundas,
 Onde as Cohortes procellosas fremem.
 Abre co' a ferrea chave as bronzeeas portas,
 Que, rápidas volvendo-se nos gonzos,
 Por pouco o Monstro audaz não derrubarão.

Os subterrâneos Suis, que assaltão nuvens,
 De cem respiradouros arrebenhão,
 E o mar em monte, e monte aos Ceos altêão.
 Que os Heróes lhe exprimente hū Deos permite
 Ao negro Inferno. Súbito a bonança
 Se converte em tormenta escura, enorme.
 Gemem de susto as Alcyóneas aves;
 Nas ondas os baixeis arrebatados
 Como que vem dos Ceos no mar sumir-se.
 Entre as torrentes, que derretem nuvens,
 Mãos congela o terror, e as prende aos cabos;
 Tudo estala, e, deixado o panno aos ventos,
 Debalde implora os Nautas amarellos.

Tres

Tres vezes vio Mattheus luzir a Aurora
 Desde que a Frota errante em mãos de Eólo
 Foge da praia, a que aproou Colombo.
 Arte falece em tanto mal; e os gritos
 Co' estrepito das ondas misturados,
 Vão rebombar no Pólo. O grande Chefe,
 Colombo, cuja voz já não se escuta,
 Nas preces do Pontifice encurvado,
 Dest' arte, a bem commum, seu Deos invoca:

„ Creador, que, Presente em toda a parte,
 Ares, terras, estrellas equilibras,
 Tu, que, remindo hum Povo, abriste as vagas,
 Pódes pôr freio ao mar c'um volver d'olhos.
 Queres nossos baixeis sumir no abysmo?
 Se o fim da grande empreza he malogrado,
 Ai! Quem trará teu Nome a terra ignota?
 Por ti, por ordem tua o prigo arrostto,
 E quantos me ladêão. Sorte avêssa
 A teu sabor, grão Deos, mudar-se póde:
 Sômente o Favor teu nos punge, e alenta.
 Terra nos dá, Senhor, que prometteste
 A nossos males, ás fadigas nossas.

Todos applicão dolorosos prantos
 Do Sacerdote á voz; do prigo o susto,
 Principio de mil votos, enternece
 O Numen bêmfazejo. Em breve as ondas
 A superficie allzão. Duros Ventos,
 De Espirito celeste agrilhoados,
 Outra vez, a tremet, entrão nas grutas.

Mal

Mal que os Nótos aos Zéfyros consentem
 Reconduzir bonança aos amplos mares,
 O Norte em nuvem franca offrece hum Astro,
 Dos Navegantes esperança, e guia.
 Este lume os consola, e qual descende
 Sobte os mimos de Abril vapor suave,
 E lhe ergue o tronco, e lhe reforça os fructos,
 Dos ares o socego ás almas vôa,
 E o que o medo abateo, o esforço eleva.

Colombo, que jámais provou receios,
 Ao seu Typhis commette as rédeas do Argos;
 Quer que a maior das Ursas deixe á dextra,
 E, esperando a manhãa, vogue ao Poente.
 O horizonte branquêa: o fulvo Apollo,
 Oculto inda aos Mortaes em atrios de ouro,
 No carro matinal roxêa os mares,
 E manso dia azul promette aos Nautas.
 O ar se esparze de aromas, quaes a Arabia
 De Africa, e de Asia nos confins vapóra.
 Porque farte o desejo aos Navegantes,
 Este imprevisto bem de outro he seguido:
 O Astro diurno aclara extensa Costa,
 Que, vária, os olhos assaltêa, encanta.

Rochas de hum lado sobre o mar pendentes,
 A industria imitação, sem favor da industria.
 Por mão da Natureza affeiçoadas
 Em monstros, em gigantes, o murmúreo
 Gerão de vozes cento: alli parece
 Os Povos deste Clima estarem juntos.

Equó-

Equívoco movimento, abrindo as penhas
 Em hum, em outro assalto, entre ellas fórmao
 O ríspido fragor que ás praias Eco
 Traz sobre as plumas dos loquazes ventos.

O outro lado do porto, aos Nautas franco,
 He flóreo, fructuoso anfitheatro;
 De arêas de ouro se orla, onde agoas puras
 De lindas conchas o atavio ostentão.
 Mil Pescadores para encher canôas
 Nas ondas a colheita em vão não buscão.

De férteis margens Habitantes ledos,
 Que terror vos infunde a Esquadra nossa!
 Pejadas redes d'entre as mãos vos fogem.
 Em quanto, por ganhar vossa alma incerta,
 Vos mostrão dons, que vos destina o Chefe,
 Elle as vélas dirige ás praias vossas.
 O prumo consultado abona o porto,
 E, vogando sem custo a prôa ás margens,
 Abre facil ingresso em fundo rio.

Verdes arbustos este asylo assombrão:
 Arroios mil nas próximas collinas
 Escorregando vem de pedra em pedra.
 Arte em nossos jardins pintar costuma
 Estes brincos gentis da Natureza:
 Cá por cascatas humedece as ervas
 Deslizada cõtente. As amplas cheias
 Valles diversos na carreira abrindo,
 Fecundão campos, e accelêrão fructos.

Bem que no mesmo grão do Hisperio Clima,
 Destes o Estio inférteis os não torna:
 Dos lugares que em fábulas se enfeitão
 Sois, oh Ilhas, que eu canto, imagem viva.

O Outono que a miúdo as anuvia,
 Inundadas jámais as vio de chuvas;
 Sem que aos folhos o dia apouque os lumes,
 De nuvens brando véo tempéra ás calmas.
 Quando no ethéreo cume o Sol fervia,
 Tutelares Favonios, adejando,
 As fadigas do Ibero amaciavão.
 Lança ferro, e cobiça de repouso
 Faz com que as agoas deixe, e salte em terra.

N'um visinho rochedó olhada Turba
 Lhes determina o passo, e pasma ao vèllos.
 O Chefe, que a conduz, por cava senda
 Vai dirigindo o pé. Da face as rugas,
 As cãas dispersas, e avultados membros,
 Sem arte, ou vestidura, o grão lhe indicão
 Melhor que inutil Séquito pomposo:
 A sua candidez encanta, e brilha
 Mais que o ouro dos Reis que a Persia acata.
 Se os trages, as feições, e Iberios lenhos
 Attrahem co' a novidade o Velho agreste,
 A voz da Gente sua, e della os gestos
 Aos nossos Européos a vista assombrão;
 E igualmente admirado o vario Povo
 Se contempla entre si. Com alma ingénua,
 Sem medo os Indios a Colombo exprimem,
 Apon-

Apontando-lhe os Ceos, quẽ o julgão vindo
Lá da Estancia immortal das Divindades.

O Almirante caminha ao Chefe inculto :
Moço Europeo (que em Ilha solitaria
Naquelle Mundo novo achado havia ,
E na Esquadra acolheo) de Lingua serve.
Que dita inopinada ! (he crível fosse
Divina permissão) penetra o Velho
A linguagem do Intérprete, que explica
Os desejos do Heróe nesta sustancia :

„ Oh tu, que deste Povo o Rei pareces,
(Se he a hospitalidade aqui virtude,
Qual teu rosto benéfico denota,
Em quanto estes amenos, faustos campos
Com vista esperançosa observo, admiro)
Sabe que injusto, que invasor projecto
Aqui me não conduz por vastas ondas.
O infortunio me traz : sê meu refugio,
E além dos mares teus prometto em breve
Ir de teus beneficios, de teu nome
Informar o Universo. A' voz do Chefe
Os Hespanhões a reverencia união,
No campestre Ancião fitando os olhos.

O Indio dá puro credito ao que escuta :
Seu coração lavado ignora o medo,
Assim como as astucias desconhece.
A seus amigos diz : (sómente amigos
Comitiva lhe são) „ porque se agrade

Dos alimentos nossos o Estrangeiro,
Exquisitos, gratissimos aromas
Dem aos nossos licores nova graça. „

No chão curva o joelho, assim fallando,
Quanto a caduca idade lho toléra;
Passo a passo depois Colombo arrosta.
„ Ente divino, (diz) que o mar talhaste
Sobre monstros aligeros, a terra,
Onde has baixado, te dará sem termo
Os bens de que a fornece a Natureza.
Reino aqui: meu desejo he contentar-te.
Segue-me aos valles nossos, vê, contempla
Tão ditosa morada: os teus Sequazes
Terão lá, como tu, seguro asylo. „

Segue o Chefe Europeo do Velho os passos;
Com elle vai o Intérprete, e apôs elles
Caminhão Marcoussy, Morgan, Fieschi,
E os mais abalizados Filhos do Ebro.
Toma tudo hum ser novo ante seus olhos:
Os fructos, e animaes naquelles bosques,
Carregadas as arvores de incenso,
Nada tem que arremede os campos nossos;
O Sol espraia alli fulgor mais vivo.
Se da planicie aérea o leve bando
Do alambre, e do rubi lá veste as côres,
Seus desabridos sons a orelha offendem,
Não sabem, Filomela, o teu gorgêo.

Lá vive o colobri, lá tem seus ninhos

Ave,

Ave, cuja plumage em nossos Climas,
 De Réaumur por arte, inda he formosa,
 Selvático animal naquellas Plagas
 Do Homem goza o valor, feições, destreza;
 O alôes em cada seculo florece
 Com grande estrondo alli, e o Povo Indiano,
 Que hum leite nutritivo extrahe do côco,
 De huma folha em vapores a Preguiça
 Costuma embriagar. Serve á Molleza
 Do algodoeiro o fructo; entre os manjares
 Saboroso cacáo lhe sùppre o néctar.
 O ananás, o cajú, e o mangue, e o cedro
 As brandas virações aromatizão:
 Com mil nomes alli, não só com estes,
 Deosa das flores, Zéfyro embellézas.

Ledos os Hespanhóes, de bosque em bosque
 A vóz consultão do Nestor que os guia.
 Em meio de seus fructos, aves, sombras,
 De tão novos objectos, e tão varios
 Elle a virtude, os préstimos ensina
 Ao pasmado Europeó, que o ouve, e o segue:
 Se o Velho devagar dirige os passos,
 Q que exprimindo vai resume o tempo.

De altos pinhos á sombra emfim se avista
 A porta da selvática vivenda.
 De enfadosos insectos ignorada
 Esta aprazivel gruta, aos olhos deixa
 Gostar sem turbação calados sonhos.
 De Apollo os raios pelo cimo aberto

Dos muros no alabastro a luz desparzem.
 Este amplo abrigo os Séculos cavarão;
 A Equidade, a Cándura, a Paz o escudão,
 E unico esmalte he seu gentil Donzella,
 Que ao Velho amavel a existencia deve.
 Nua, qual Eva está: sua innocencia,
 Igual á de Eva, sem pudor aos olhos,
 Offrece encantos seus, lhe he véo mimoso:
 As Graças não conhece, e estão com ella.
 Outro atavio algum lhe não consentem
 Do que a plumage azul com que lhe abrangem
 Accandida cintura: he mais formoso
 Este adorno, porém, que o de Acidalia:
 O Objecto, em que reluz, seu preço ignora.
 Livres madeixas mollemente ondêão
 No seio virginal, por onde apenas
 Os thesouros de Amor vem apontando,
 Que ainda não crestára o patrio clima.

Dos Hespanhóes o número, a presença
 No tento coração lhe infunde assombro,
 Nos olhos divinaes lhe pinta o medo,
 E as delicadas mãos, que elegem fructos,
 Hum momento, a tremer, suspensas ficão.

Não temas, (diz o Pai) Zamá, não temas.
 Filhos dos Ceos, dos Mares, ou do Acaso,
 Estes Entes, que vês, sem perturbar-nos,
 Hão de participar desses manjares
 Que para mim dispões com arte, e gosto.

Eis de palmeiras em tecida casca
 A secos peixes acompanhão aves; (1)
 Torquazes pombos vem, e os dons de Ceres
 Tu, fecunda banana, alli compensas.

A Indiana Mocidade, o Velho, a Filha,
 E a turba dos Ibéros, assentados
 De pavilhão grosseiro á grata sombra,
 No banquete frugal tem todos parte,
 E n'abundancia a precisão se alegra.

A reinar começava entre os Convivas
 Amiga confiança, o bem que apura,
 Depois de longo trato, os gostos nossos.
 Apenas a vital necessidade
 Seus desejos fartou, sempre admirado,
 O bom Pai de Zamá, o Ancião benigno,
 Que pelo Hóspede seu de si se esquece,
 C'os olhos em Colombo, assim lhe falla:
 (O Intérprete ao Heróe diz o que escuta.)

„ Caro Estrangeiro, cujo nobre aspecto,
 Cuja doce eloquencia me annuncia
 Que a tua geração provém dos Numes;
 Vendo que ás precisões da Humanidade
 Te submete o Destino, eu me atrevêra
 Dos Homens entre o número a contar-te,
 Se acaso nossos Pais por seus Maiores

Não

(1) Bogios diz o texto, mas temi atedia: o
 Lenor.

Não soubessem que, sós em todo o Mundo,
Os unicos Senhores somos delle.

Gerados pelo Sol no térreo seio,
Dia, e dia apressâmos seu regresso
Com votos, e com supplicas; sentimos
Que só por seu fulgor tudo respira.
Acatão-lhe o poder da Noite os lumes,
A luz dos raios seus absorve os astros,
Ethéreas flammæ, que nos ares vemos
Tantas vezes cahir, fôrão, por dita,
Principio de teu ser? Vens destes Mundós,
Aonde por incógnitos caminhos.

A Morte nos conduz, e onde sem conto
Mulheres divinaes o gosto encantão?
Os fructos, as delicias, os licores
Daquelles formosissimos lugares,
Dando-te por ventura essencia nova,
Entre nós as feições tomou discordes?
Expõe-me os fadões teus, dize que meios,
Que assombros, que mysterios te hão guiado
Por entre os ares á terrena Estancia?
Tua sabedoria, e teus desastres
Me commovem, me attrahem; recente affecto
Me interessa por ti, por teus destinos.

rim do 1. Canto.

A

Havendo cessado os motivos que me impelirão á traducção do 1. Canto, não tñtei a de todo o Poema da illustre du Bocage, a cuja familia tenho a gloria de pertencer; mas não quiz tambem privar-me do louvor público, se o merecer na versão que apresento, &c.



A CULTURA DAS VINHAS,

Canto, traduzido do Francez.

A Code, Vinhateiro, ás vozes minhas;
Teus oiteiros dispõe: sazone o cacho,
Nas adegas depois se envase o néctar.

Eu vou cantar Beneficencias tuas:
Meu estro altêa, oh Deos, que preservaste
Do naufragio do Mundo hum Ente pio,
Grão Patriarca das Idades duas,
Que, da vinha Cultor, seus usos soube.

O Homem, subido da maldade ao cume,
O raio vagaroso assoberbava,
E, disposto á vingança emfim o Eterno,
Já hia' exterminar perjura Estirpe.
Hum Justo o suspendeo, Noé sómente,
Só, em todo o Universo, obteve a gloria
De que os Ceos d'entre os Impios o estremassem.
Assim que a línea Estancia elle findára
A Terra com seus Povos foi priscipta:
Ferrenho o Polo, o Polo inexoravel
Ante os olhos atónitos derrama
Torrentes, atéli nos ares prezas.
Sôlto o Oceano da barreira immovel,
Onde a mão do seu Deos lhe estreita as furias,

Sahe, corre, ferve, brama: intunda a Terra:
 Tudo morre entre as ondas, tudo morre:
 A arca só do Universo he a esperança.

Nisto o Senhor, e o Pai da Natureza,
 Por sua Rectidão desaggravado,
 A Cólera mitiga, acena aos Ventos,
 Que, os Ceos acrysolando, a Fezta enxugão.
 Pouco a pouco resurgem penhas, serras;
 O remidor Baixel no Armenio monte
 Encalha, finalmente, as ondas fogem,
 Por aqui, por alli a estrada abrindo,
 E como que as montanhas nascem dellas.
 Entra, mugindo o mar no leito enorme,
 E volve ethérea lynfa ao seio ethereo.

Mas do salvo Mortal qual he o espanto!
 Que lúgubres mudanças pavorosas
 Vê no seu domicilio! Eis alterada,
 Eis d'agoa a Terra aberta em fundas bocas,
 Os matizes perdeo, perdeo o esmalte,
 He confuso montão de lodo, e rochas.
 Já nas rôtas, misérrimas entranhas
 Os succos lhe não correm. Fero ainda,
 De nuvens todo o ar se entenebrece:
 O Homem treme, e receia outros naufragios.

Mortal, não descorçoes. Deos promette
 Que nunca a Terra ingrata os Mares sorvão.
 Attenta no Arco, de alliança abono,
 Que, d'hora avante, a Divinal Clemencia

En-

Entre si, e entre nós de todo firma.
 Eterna Mão por beneficios novos
 A Terra formosêa, onde gravara
 Do seu vasto Furor sinaes tremendos;
 Hum Deos se digna de ensinar aos Homens
 Arte ditosa, que em licor celeste
 Muda espremidos, saborosos cachos.
 Este néctar possante innova as torças
 De Mortal quebrantado, os risos gera,
 E co' a fecunda, cordial virtude
 O Mundo consolou de equóteo estrago.

Juntas cepas Noé dispôz em ordem,
 Armado do podão, talhou sarmentos.
 Ao pezo de seus pés purpureados
 O cacho rebenitou, e ante seus olhos
 Correo, pondo-lhe espanto, o vinho em ondas.

Armenia te gostou, nectáreo succo,
 A Grecia com fervor te quiz no seio;
 De Colonia, e Colonia em mãos a vinha,
 Passou dos Orientaes ao Campo Ausonio.
 O Ebro vestio com ella as praias suas,
 E para haver seus dons o Gallo antigo
 Rochedos commetteo, transpôz montanhas.
 Cedo o Eridano o vio co' as mãos ovantes
 Roubar-lhe o çumo dos vinosos bagos.
 Antes de submeter-se ás leis de Roma
 O Arecómico Volco em nossos climas,
 Já do Rhódano a vinha ornava as margens.
 D'entre seus lagos Maguelone admira

Ladeiras que de pâmpanos se adornão.
 Submisso ao jugo do adoravel Probo,
 Desdenha os fructos d'azinheira o Celta,
 Os bosques arrancando, acolhe as vides;
 E com seus vinhos igualmente o Belga
 As frias agoas tinge ao Vessa, ao Rheno.

Tocando a rica Planta o chão Germano,
 Seus verdes braços á Panonia estende;
 Mas porque aos tenros, melindrosos filhos
 Recêa os golpes da geada infesta,
 Climas foge onde a Úrsa, o Carro assomão,
 E da ferosa Ecliptica os ardores
 Sobre arêa Africana escádeas tórrão.

Entre estas flammas, e os gelados Polos,
 A' sombra de hum Ceo brando existem Plagas,
 Onde os Favónios amacião Bóreas,
 Onde chuveiros o calor temperão,
 E na carreira obliqua o Sol constante,
 Abre para os Mortaes, lhes assegura
 Fructos formosos, e formosos dias.

Eis o terreno ás cepas deleitoso:
 Lá surge a parra, madurece o cacho;
 Mas ha paragens alli mesmo íngratas,
 A que repugna sem virtude a cepa,
 E a que nunca se afaz. Parca, ou estéril
 He sobre chão barrento, he forte em pingue,
 Mas tristemente fértil. Esconder-lhe

Cumpre, no abrigo de amoravel clima,
Septentrional carranca, e ventos bravos.

Ama o escaço pendor h'um bello oiteiro,
Onde a terra sulfúrea, leve, unida.
Em chão fragoso co' a volante arêa,
Recebe toda a luz do Sol mais vivo.
Alli, (mercê dos reflectidos lumes)
De optimos fructos se enriquece a vinha;
Seixos, por lavra, e lavra alli já gastos,
Cospem chamma efficaz, que aos troncos salta.
Assim vemos a pedra onde elle, occulto,
Do frio, duro scio he arrancado;
O aço prompto a golpêa: sahe do embate
Ignea centelha, e pula, e brilha, e morre.

De altissimos oiteiros no recoço,
Onde a cepa firmar-se apenas póde,
Fervente aluvião, que vem dos montes,
Valles com teus plantios alastrára,
Se duplicados, vigorosos muros
Da Procella ao furor não fossem diques.
Est' arte o aravio he dos fecundos
Cerros que o Tarn, e o Rhódano humedecem.
Lá diligentes mãos vi dia, e dia
Trazer dos valles os torrões lodosos,
Cobrir das rochas a nudez agreste,
Communicar-lhes vida, e fecundallas.
Emendando a madrasta Natureza,
Assim, oh Arte, anfiteatro fórmas
De flores, fructos, e arvores, que, erguido
Em

Em ledas gradações, aos montes sobe,
Onde as menses, e as cepas nascem, pendem.

Cavaste os regos. A' experiencia tóca
Escolha dos plantíos, e distancia.
De arreigados pimpolhos, que verdejem
Com Primaveras tres, servir-te podes,
Desses alumnos teus, que no viveiro
Primicias de raizes te offertarão,
Mas isto, assás custoso, assás inutil,
De experto Vinhateiro he regeitado.
Imita-o, corta essas estacas fáceis,
Que houveras escolhido em troncos férteis.
Arrancados á Mãi, renovos tentos,
Enfeixados, cativos, n'goa, ou terra,
Grãos esperando a que os destine a Sorte,
Logrem frescura, e sem raizes vivão.

Lá quando o turvo Aquario em nossos climas
Faz que reinem com elle a neve, os gelos,
Conduze ténues hastes: a esquadria
Em angular feição divida a Terra:
Quer vigoroso chão que mais se apertem,
Que se desunão mais quer huma encosta.
Dê-se extensão maior aos seus carreiros,
Se provar devem da charrua o ferro.

Que mão déstra, os plantíos concordando,
Misturar saberá géneros varios?
Bebida singular compôr dusejas?
Faze liga gentil de uvas diversas.

Esta, que abunda de calor, de força,
Dá corpo aos vinhos, lhes carrega as côres.
Aquella, de sabor mais aprazível,
De condição mais branda, offrece aos labios
Licor delicioso, e vivo, e leve.
Cacho de superficie alambreada
Vinho annuncia espiritoso, ardente,
Mas que em breve se altera. Alguem, que saiba
As misturas, e os numeros contar-lhes,
As ondas contará que sobre as praias,
Ou contra as arduas penhas, vem romper se.

Segue-lhe usos, e leis em todo o sitio,
Regra austera, excepções porêm soffrendo.
Segura nos seus votos, a experiencia
Do consummado Vinhateiro he guia.
Morrendo algum tenovo, abaixa, enterra
De cepa hum mergulhão, com que visinhe;
Successôra do Irmão, do sitio herdeira,
Mãe seja alli de descendencia nova.

Facil, prompto em subir, não poucas vezes
Dobra a prazer dos ares o sarmento,
E a custo se mantêm. Delle apiedada,
Soccorre Natureza o debil ramo,
Com tortuosas mãos o corpo lhe arma.
Eis o pâmpano alonga os verdes braços;
Ajudador visinho em torno busca,
E se ampara com elle: he necessario
Prever-lhe as precisões. Alta na Hetrutia,
Casa-se a vinha ao olmo inda criança.

Desde o seu nascimento ambos unidos,
 Hum por outro abraçados, vivem, crescem
 Os ramos amorosos, e não tarde
 A arvore offrece aos olhos admirados
 De uvas, e parras orgulhosa a fronte.

He proficuo tapchão bastante apoio
 Ao sarmento, entre nós menos altivo.
 Da ufana Ibéria nos ardentes combros,
 Nos que a margem do Rhódano acompanhão
 Jámais soccorro alheio elles implorão:
 Força propria os sustêm, sem risco sobem,
 Não temem furias de contrarios ventos,
 E os ramos seus com desafogo estendem.

Honra de teus vergeis, a vinha ás vezes
 Ouro alardêa, e púrpura dos cachos;
 Por formosa latada eleva os fructos,
 Tropa, e roça no cume encaniçado,
 Ou curvando, inda tenra, a docil rama,
 Os parreirae de pavilhões te crôa.

Quando o murcho sarmento as galas despe,
 Vai podar, bem que ainda não voltasse
 Do cultivo a sazão. Se acaso imitas
 Ordinario vagar dos Vinhateiros,
 Se do geral costume és cêgo escravo,
 Té que os primeiros zéfyros sùspirem
 Mando não ousas ter nas vinhas tuas.
 Em vindo a Primavera acorda o succo,
 Anda de vêa em vêa, anima os ramos,

E, encontrando a ferida aberta, e fresca,
 Em lagrimas de mais elle se escôa,
 Evapóra-se emfim; porêm o Inverno
 No podado sarmento aperta, e cura
 Quantos canaes lhe lacerára o ferro;
 Modera os prafitos seus, e assim cativo
 O succo se mantêm, que augmenta os fructos.

A's lavras, finalmente, a Primavera
 Solto exercicio dá. Nas mãos nervosas
 Torção férreo instrumento os Vinhateiros:
 Aos golpes os torrões lá se amollecem,
 Roção.se as pedras, se atavia o campo,
 E de saibro visinho as cepas livres,
 Do Sol aos raios a raiz devassão.

Tens as collinas destinado á lavra?
 O mestiço animal, e os bois conduze.
 Entre fileiras de arredados troncos
 Indómitta cerviz lhe afaze ao jugo.
 Assim que a Primavera adoça o clima,
 Abre os olhos a vinha, e chôros verte.
 Recolhe attento as valiosas gôtas:
 Na vista, que, a despio, renováo graça;
 Com ellas voive á face a tez de rosas,
 E a pedra, intensa dor, bebendo-as, vai-se.

Teme, porêm, que Zéfyro a seduza,
 E, fervorosa, e de chorar cançada,
 Desdobre a vinha não prudentes flores:
 Muda Favonio, Primavera engana.

Da Plaga nossa rechaçado ás Ursas,
Oh quantas vezes Medonho Inverno
Torce a negra carranca, e retrocede!
Por entre virações entorna gelos,
Rouba á Terra os thesouros, e devora
Gratas promessas dos raminhos tenros!

Se da saraiva impetuoso embate
Rompe do germe os rebentões primeiros,
Sê tambem, sê cruel para salvállos;
Decepa logo, logo as novas folhas:
O sarmento verás tornar-se á vida;
Mas os renovos seus menos valentes
Prováo-lhe o esforço, e juntamente o damno.

Se até na cepa, volteando o succo,
Impropios frios os sarmentos crestão,
Cumpre que a estéril fronte lhe cercêes,
Cumpre que lhe abras os gelados corpos,
E que outro fértil ramo alli sitúes:
O tronco o adopta, e mais feliz, mais farto,
Dá novos fructos, numerosa prole.

Crôão-se, em tanto, os pâmpanos de flores,
E recolhem do Sol calor propicio;
Mas se o Planeta por mais ampla estrada
Sobe ao cume da abóbada celeste,
Porque aos raios Febêos a vinha esquive
O cauto Vinhateiro ampara as cepas;
Com a enxada nas mãos abre o terreno,
A pérfida raiz destróe das ervas,

Em

Em visinhança ao tronco estacas planta,
 Que os braços lhe mantêm quando se alonga;
 Rege os pimpolhos que no extremo abundão,
 Hum ramo se condena, outro se escolhe;
 Prende a ativez de ambiciosa folha,
 E, se lhe empece, hum botãozinho arranca;
 Mais fecunda, perdendo ávidos filhos,
 Só ramos uteis fortalece o tronco.

Formão-se os cachos, e o calor bem cedo
 Ha de pintar-lhes duvidosas cores.
 Quando, cobrindo-os a folhagem densa,
 Oppõe á luz diurna hum vco sombrio,
 Tore-m-lhe a luz, e mais vermelho o fructo;
 Vê-se que ao Sol de púrputa se tinge.
 Em vicejando sem arrimo as cepas,
 Basta entrançar-lhes a madeixa longa.

Jámais das vinhas te enfastie o amanhã;
 Ellas soccorros teus assiduos querem.
 Já forte, e nova terra estão rogando,
 Já nutrimento de abundoso estrume.
 Erua destróes em vão, e em vão repulsas;
 Ella se reproduz: teima em tiralla.
 A nojosa lagarta, occulta aos olhos,
 Prole depõe no pâmpano recente,
 Se esconde, envolve, e da folhage infesta
 No curvo seio em segurança vive.

Pemicioso insecto eis sabe da terra,
 E, roendo a raiz, faz guerra ao fructo.

Dos caracões o rojador enxada e machado

Com a escuma tenaz e cortadeira

Contra tanto inimigo armados de vos

E os danos com desvelo e cautela

Ergue huma batida de ferragão e furas

Dalla rebanhos com o espírito que vem

Da cabra mais que todo o infante dente

Para a cepa, que fere o pé e o ventre

De trabalhos hum circulo te abrange:

O Anno aponta, volta, e retrocede

A Quadra mais feliz, mais opulenta

O Outono a teus desejos apparece

Calde e dorme o vento, o Sol no agreste

Distribue igualmente a noite e o dia

De importantes adões vive a terra

Espira os molles: Kyros e a Bana

Toda pomposa dos seus dons mais bellos

Já para nos brindar se dá a mão

De fructos mil e de variedade

Nos copida ao baste, que se ome a meza:

O cacho amarello e o verde e o branco

E o vinho em superficie azul e branca

Dado o sinal, excetase a vindima

Enxame camponez caminha á pressa

Dirigidos pelo prazer e os mãos activas

Da cantilena do som, e o cacho e o

Porém fructos com eiva, ou abortivos

Do thesouro commum são refugados

Deixa esses bagos, alimento de aves

Não te manche os toneis seu podre çumo.
 Aos cachos apanhados n'um só dia
 Não dás hum só destino. Estes se elegem
 Entre mil para a meza, e se mergulhão
 N'agoa fervente, de que surgem brandos:
 O Sol murchou-lhe a flor da mocidade,
 E rugas a velhice antecederão.

Aquelles, cujo preço he venerado
 Da Quadra fria, engelhão-se nos tectos,
 Pendentos envelhecem, manso, e manso.

Acolheo-se a teus muros a vindima;
 Folhas engeitas, e a despida esgalha.
 Sobre táboas depois, com arte unidas,
 Nus, vigorosos pés espremem cachos:
 O çumo em grossas ondas vai manando.
 Prezo nas pipas, nos toneis cativo,
 Fuma, rugo o licor, e sobe, e ferve,
 E co' a pelle, que tinge, misturado,
 Toma o lustre, o calor d'um vivo fogo.

Cinco vezes a Noite os véos desdobra,
 Cinco vezes o Sol desfaz as trévas,
 E gôta a gôta, nos cristaes filtrado,
 Qual brilhante tubi, cahê puro o vinho.
 Convem que saia então da caba, e seja
 Das fezes desviado: os ligneos muros
 Dos vasos, que encha, o cárcere lhe apertem.

Era em Grecia, em Attonia hum tôsko barro
 Estancia fragil dos ferventes mostos;

Ou, no seio de hum odre amotinados,
 Não poucas vezes a prizão rompião.
 Teu Povo, oh Mãe, oh Gallia industriosa,
 Soube em curva madeira obstar-lhe ás fúrias:
 Taboas juntando, circundadas de arcos,
 De invencivel cadêa as opprimião.

Quando falece o vinho á cuba exhausta,
 Toma dos bagos o fumante espolio.
 Ei-los já, no lagar accumulados,
 Ao pezo gemem de abatidos-fusos.
 Sahem da uva esmagada os çumos logo,
 E regatos de vinho a terra inundão.
 Tropel vindimador ao vèllos folga,
 Tomão copos nas mãos, dão grandes sorvos,
 E, se outra vez na cuba introduzirem
 Estas, já fezes languidas, cansadas,
 E as affogarem n'agoa, em breve a cório:
 Apparencia de vinho engana os olhos,
 Succo de expressos bagos a presumem;
 Mas do falso licor o travo insulso
 Mostra a fraqueza da mistura impropria.

Eis, engenhoso Amante de aureo vinho,
 Queres que, rindo aos olhos, saiba ao néctar?
 Nunca dos cachos te allicie o alambre:
 Dão licor fraco, amarelleja em breve.
 Nasce vivo licor das uvas negras,
 E esperto, e scintillante, as Quadrás vence.
 Arte se deve de Champanha aos Povos,
 Que hum corpo aos vinhos dá firme, e duravel.

Es-

Est' arte presta só. Depois d' Aurora
 Aos lumes de hum Sol puro escolhe, apanha
 Uvas tintas de azul, e inda orvalhosas.
 Estende-as mollemente, e vai de espaço
 Lançallas nesse dia em teus lagares.
 Sintão do fuso os golpes: ser costumão
 Primeiros prantos seus seus dons mais doces.
 Humor, que se lhe extrahe do seio á força,
 D'um pallido rubi tem côr incerta.

Lá nas adegas que ruido sôa!
 Que ondas são estas que em toneis escumão!
 Deixa livre a abertura ao mosto accezo,
 E sem custo entre o ar, saia, e murmure.
 Dest' arte, quando tubos aprizionão
 Ondas, que vão cahir n'um tanque vasto,
 Receias que do vento o bafo incluso,
 E agoa, espertada na prizão por elle,
 Unindo-se, os canaes artombem todos,
 E abres então respiradoiros livres:
 No cárcere igualmente o vinho ruge,
 Levanta borboihões, e crê que o rompe.
 Escumando se á pura: ajuda-lhe o erro,
 Nut e-lhe a furia, porque amanse o fogo.
 Ardores juvenis tempéra a idade:
 Repousão, finalmente, e se amacião.

Então dos lares teus os subterrâneos
 Em torno dos muros os toneis acolhão;
 Resguardar-te as adegas deve a Terra:
 Se os ecos do trovão teu vinho assustão,

Move-se , ferve , turba-se , descóra.
 O aceio impere na tranquilla estancia,
 E a todo o cheiro inaccessible seja.
 Longe ess' arte impostôra, essa que os nossos
 Puros bñs viciando, ao vinho ajunta
 Agradaveis peçonhas. Sobre a escória
 Quando mui longo esquecimento o deixe,
 Que elle se allie co' a inimiga remão.
 Do lodo corruptor largue a morada,
 Remoto d'elle, e preservado exista.

Queres que os vinhos a clareza, ao pico
 Aggremem seus rubis, ou viva espuma?
 Do seio dos toneis convém que os tires
 No tempo em que renasce a Natureza.
 Seiba, que a mocidade á vide acorda,
 Opéra no licor, e anima-o sempre.
 Depois da Primavera amadurecem
 Aos vinhos o vigor, elles alcanção
 Do socêgo, e da idade hum preço novo:

Se a despeito porêm de teus desvelos
 Se evapora o licor empobrecido,
 Ou finalmente azeda, o vicio d'elle
 Certas virtudes tem; seu gosto, e cheiro
 Insipido manjar corrige, aduba.
 Contra cem males, cujo ardor curtimos,
 Triste Mortal nas afflicções o implora.
 Dos venenos da Peste a furia extingue,
 E o fogo precursor da raiva horrenda,
 A'quelles, cujo braço a Patria escuda,

Abona vezes cento a força, e vida:
 Saxe aos Francezes, aos Romanos César,
 Seu uso impondo, seus effeitos virão.

Oh quanto, e quanto he devedôra ao vinho
 Artè assombrosa, que o divide, e apura
 Por meio de hum forninho! Em igneas azas
 O espirito se eleva, e resfriado
 Tardia, frouxamente se distila,
 Taes os lumes Febêos, ou terrea chamma
 Vapores erguem dos trovões, ao clima.
 Os corpos no calor se lhe dilatao,
 O frio lhos aperta, lhos condensa,
 E descem, precipitão-se dos ares.
 A agoardente no lar se faz, dest' arte:
 Se por novo trabalho a recrição,
 O espirito do vinho eis despe a fleuma,
 E livre sóbe, e cahe purificado.

Povo de Montpellier, a industria vossa
 Do vinho usa formar util ferrugem,
 Util, mas arriscada. Alli no fundo
 De escura adega mergulhais os cachos
 Em urnas onde o vinho se lhe embebe,
 Batido cobra de estendidas folhas
 No cacho longo tempo esta confuso:
 O vinho alli se azeda, alli fermenta,
 E o exhalado espirito derrama
 Verde vapor na ferruginea massa.

Bátavo, subsistit com taes venenos

Vês os teus diques, e as Cidades tuas;
 Seguros dentro d'agoa os alicerces,
 D insecto estranho tal peçonha os livra.
 Tu, cuja mão copia a Natureza,
 Tu, cujo audaz pincel dá vida aos quadros,
 Enche-o deste util pó: com elle exprime
 Louça verdura, que ameniza os cerros.

Quando o vinho nas fezes, novo ainda,
 Vai fermentando, seu fervor se apura
 Dos mais grosseiros saes; endurecido
 O sarro nos tonéis, dalli tirado,
 Se aprompta para mil necessidades.

Não sei de clima que dispute á França
 Dos seus famosos cerros a excellencia.
 L'Hermitage, e Cahors aos gostos nossos
 Dão generosos, dão maduros vinhos,
 Vinhos fartos de espirito, e constantes.
 Madureza co' a força emparelhando,
 Os de Occitania, e Rhodano assinalão.
 Lóte-os experta mão com outros vinhos,
 E affeitos vão luzir dos Reis nas mezas.
 Licores que, oh Vienna, aromatizas,
 Quão gratos me setião, se a mal firme
 Razão minha o vapor lhes não temesse!
 Nas agoas seus thesouros estendendo,
 Vê Garona o solícito Britanno,
 Que os perturbados vinhos lhe carrega
 Nos seus lenhos innúmeros, os vinhos

Que sobre as agoas, em passagem longa,
Austera condição despir costumão.

Deleitoso Borgonha, a ti se inclinem
Tão claros nomes, e o seu Rei venerem.
Une-se alegre Bando á face tua,
Bebe prazer, saude a largos sôrvos.
Rival digno de ti, tambem Champanha
Risos, jogos conduz, e Amor, e as Graças.
Do vivo seu licor a espuma bella,
Fendendo o ar que a aperta, sóbe, e pula:
Na luz vence o cristal, no gosto he nectar.
E'mulos immortaes, ambos contentes
Da vossa fama, sem victoria obterdes,
Contendei-a entre vós; armai sequazes:
As guerras suas são risonhos brincos,
Mimos, e Amores a peleja espertão.

Ha dourado licor; brilhante vinho,
Que parece os Prazeres o aprestarão.
Seu calor salutar, depois de ledô,
Opíparo festim, fomenta, aquece
De já cansado estômago a tibieza:
* Nos Campos que de Tubal honra o nome,
* Nectáreo moscatel, assim prospéras:

Reconheço os teus dons, e teus perfumes
Amo, oh suave humor, que á custo entornão
Bazos de Frontignan! O precioso
Tórai, teu digno contendor, te iguala,
Se acaso não te excede. Ouro, escondido

Entre o terreno, onde seus cachos surgem
 Delles no seio co' a sustancia casa.
 Inferiores a ti, no grao segundo,
 Repartem nossa escolha os outros vinhos:
 Canarias, Alicanter, e Siracusa,
 Chiras, e Pacaret, Malaga, Iberia
 O gosto acaricio, Grecia exalta
 Inda de Lesbos os vinhosos cumes,
 E o nectar vosso, oh Tenedos, oh Chio.
 Sobre ardente brazeiro a Creta em Gnóssia
 Condensa, pouco a pouco, as malvasias.
 De internas brazas o Vesuvio, accezo,
 Vê junto a seus vulcoes, as lavas suas
 Dos cachos emanar licor fragrante.

Ao Promontorio, cujo pé carrega
 No Oceano feroz, * onde alta Musa,
 * (Das Camenas do Tejb honra, e saudade)
 * Gigante, em olhos negro; e negro em bocca
 * De tormentas criou, cingido de agouros
 * Lá quando, sobranceiro á Natureza,
 * Talhando a Pego immenso as virgens ondas
 * Esperanças colheo por entre horrores
 * O occidental Jason, ad Promontorio, (1)
 Chjo nome os Baixeis acoroçda
 De nossos campos trasladadas cepas
 Dão vinhos, cujo succo aveludado
 Toma Africanos Ceos, a sombra vossa

(1) Os versos com asteriscos são, meo, de outra
 da a traducção.

Aroma encantado, qual não gozara
 Proximo ás fontes donde corre o Sena.

Bem que vinhos de nome, a Hetturia affamem,
 Degenerado sem na Hesperia toda.
 Esses, que sobre as azas de auzos versos,
 * (Versos que hião privar co' a Eternidade)

O Cysno de Venusia, aos Ceos, estgua;
 Alba, e Cales, e Mássimo, e Falerno;
 Fracos, doces de mais, descrehidos,
 Ha longos tempos seu louvor perdêrão.
 * No espirito, e sabor divertes destes,
 * Em altas vinhos se baliza o Deuto.

Herdeiros dos Romanos os Francezes,
 As artes amimando, a guerra exercem;
 De quem subjuga o Mundo o vinho he premio.

Tu, que deste canções ao terno Horacio,
 Corte, mago, licor, teus dons se acclamam;
 Com elles nossos males tu guareces,

Escóras a fraqueza, e restitues
 O juvenil fervor ao Velho inerte.

E's alma dos festins, quando os não honras,
 Se torna sem sabor manjar mimoso.

Substancias que provêm do trigo, e fructos,
 As perfumadas, as Chinezas folhas,

Dos grãos de Yem, a singular bebida,
 O cacão negreante, alimentoço,

Taciturnos licores, nada usurpão
 A' tranquilla Ração na mente immovel.

Tu,

Tu, só, Néctar divino, he que insinuas
 Nas almas todas esperança, e gosto.
 Da Sociedade medianeiro amavel,
 Qs: que odio desunio, reconcilias:
 Dás-lhes sereno olhar, benigna face,
 E união cordial de ti renasce.

Cego nos cultos seus o Tempo antigo,
 Fez das vindimas tutelar Deidade.
 O Filho de Seméte; a sacra fronte
 De eterna primavera unio-lhe as graças.
 Em carro, a que ligou Panthéras, Lynces,
 Aos crédulos Thebanos Baecho ensina
 Seus ritos, seus mysterios vãos, fallazes;
 De uvas, e de hera engrinaldado assoma,
 Pâmpano sempre verde o thyrso lhe orna.
 As Súcias, pelo mosto avermelhadas,
 No monte Cytherôn Orgyas celebrão:
 Faunos lhe estão daqui, dalli Sylvanos;
 Sileno, ou cambalêa, ou vai-lhe em braços.

Da Turba os frenesis irrita Brómio;
 Eis Lycurgo, Pentheo despedaçados:
 A Mãe... (ah! já não Mãe!) lacera o Filho
 Aos vicios consagrado o culto infandó,
 E ás virtudes fatal, do Sabio he odio.
 No ardente Fanatismo o Povo accezo,
 De ramos alegóricos se cobre;
 Pelles de Tigre veste, e sobe aos montes
 Ismaro, ou Pelio; rápido os vaguêa:
 Religião, Piedade o torna insano.

Ménades em torrente o campo inundão,
 Ferem o céreo instrumento, uivão nas serras
 E a doida Embriaguez, gerando excessos,
 Muda-lhe o culto em crime, o zelo em furia.

Das festas de Ulão Bando atrevido
 Cedo em Athenas a Tragedia forma.
 E'schylo a cria, (r) Sófoctes a eleva,
 E em seus versos de fogo a adora o Mundo.
 Est' Arte, que, pathética, terrível,
 Grande, sublime, usadaz, maior que todas,
 Galardôa a Virtude, atterra o Crime,
 De brutaes Espectáculos nascida,
 Filha da Insania, em Grecia ennobreço-se,
 Em Roma descario, pulio-se em França.

Rival dos Gregos, e das Orgyas suas,
 Deites as Saturnaez colheste, oh Roma.
 Apar de seu Senhor sentado o Servo,
 Igualdade exprintio dos Tempos de ouro.
 Licença, embriaguez, por toda a parte
 Seculos de innocencia ousarão cret-se.
 O Carnaval emfim deste proscripto,
 Tumultuario culto exclue o pejo;
 Mas o espirito seu tem conservado.

Politica firmando até nos gostos,

(r) Verdadeiramente o seu inventor foi Thes-
 pis, mas E'schylo he quem lhe deu magestade, e
 energia; criou a por tanto.

(1) Sagrou-lhe sobre o mar Veneza hum Templo.
 Dos Tribunaes a veneranda portas,
 Sorrindo-se, apparece a liberdade,
 E rigor, e sigeição delli remove.
 O instante que seus jogos annuncia,
 Da Cidade estrada e sista vatte
 Bellezas mil, que dá no centro
 Dos tristes lares seus, entre altos muros,
 Dias arrastão, como a noite escuras,
 Curvas ás fôrmas leja de seus Tyrannos,
 Victimâs do Guim, e sempre em medos,
 Súbito paixão da amargura se riso,
 Do extremo juço a liberdade extrema
 Então não tem poder, nem juço esposo,
 Então lei, respeito, até Veneza
 Vestir-se o rosto de emprestada face.
 Ella ao mysterio dá seguro asylo,
 Hum Mortal mascarado, he quasi hum Nuncio.
 Que Impositores de esfereza se todeão
 De caracteres, vãos, compassos, vidros,
 Que Insensatos suppõe que Arte dolosa,
 Alumie o Bormio a alma lha!
 Levando melhos guim, os Amadores,
 Nos olhos de seu bem vão, ler soua fados,
 Estoutros á Fortuna altat levantão:
 Alli depõe o Avato infantes vãos,
 Medo, Esperança, e boa, ou má ventura
 Cem palpitantes corações esforcão.

Tre-

(1) Falla da Veneza, República.

Tremendo aos golpes do erradio Acaso,
 Da Sorte, que ora dá, que outr' hora usurpa
 Thesouros, por cegueira á Sorte entregues,
 Todos, té quando seu favor lhe acode,
 Todos (caterva iniqua!) sentem menos
 Do lucro a posse que o terror da perda.

A Scena prazenteira os jogos abre;
 Surgindo, lume, e lume os ares crestão.
 Aos lúcidos festejos sobre as agoas
 Succede a melodia, após seus passos
 A dança faz voar gentil enredo.
 As margens do Canal, Palacios, Praças,
 Tudo ri, tudo brilha, assombra, encanta;
 E os Gostos, as Delicias, vencedores
 Da Razão grave, e da Moral sevéra,
 Por entre seus troféos alli recordão
 Artes, feitiços, illusões das Fadas,
 Té ao dia em que as Leis de novo imponhão
 Jugo aos transportes, aos delirios termo.

F I M.

Creio que este quadro de Veneza, e os anteriores, pelas imagens, e expressão, devem
 aprazer ao Leitor.

IN-

1917
1918
1919
1920
1921
1922
1923
1924
1925
1926
1927
1928
1929
1930
1931
1932
1933
1934
1935
1936
1937
1938
1939
1940
1941
1942
1943
1944
1945
1946
1947
1948
1949
1950
1951
1952
1953
1954
1955
1956
1957
1958
1959
1960
1961
1962
1963
1964
1965
1966
1967
1968
1969
1970
1971
1972
1973
1974
1975
1976
1977
1978
1979
1980
1981
1982
1983
1984
1985
1986
1987
1988
1989
1990
1991
1992
1993
1994
1995
1996
1997
1998
1999
2000
2001
2002
2003
2004
2005
2006
2007
2008
2009
2010
2011
2012
2013
2014
2015
2016
2017
2018
2019
2020
2021
2022
2023
2024
2025
2026
2027
2028
2029
2030
2031
2032
2033
2034
2035
2036
2037
2038
2039
2040
2041
2042
2043
2044
2045
2046
2047
2048
2049
2050

1917
1918
1919
1920
1921
1922
1923
1924
1925
1926
1927
1928
1929
1930
1931
1932
1933
1934
1935
1936
1937
1938
1939
1940
1941
1942
1943
1944
1945
1946
1947
1948
1949
1950
1951
1952
1953
1954
1955
1956
1957
1958
1959
1960
1961
1962
1963
1964
1965
1966
1967
1968
1969
1970
1971
1972
1973
1974
1975
1976
1977
1978
1979
1980
1981
1982
1983
1984
1985
1986
1987
1988
1989
1990
1991
1992
1993
1994
1995
1996
1997
1998
1999
2000
2001
2002
2003
2004
2005
2006
2007
2008
2009
2010
2011
2012
2013
2014
2015
2016
2017
2018
2019
2020
2021
2022
2023
2024
2025
2026
2027
2028
2029
2030
2031
2032
2033
2034
2035
2036
2037
2038
2039
2040
2041
2042
2043
2044
2045
2046
2047
2048
2049
2050

I N D I C E

Das Poesias de que se compõe este Volume.

D edicatória,	Pag. 1
Sonetos,	7 até 18
Ode á Santissima Virgem da Encarnação,	19
Elogio aos annos da Augustissima Rainha de Portugal,	23
Aos annos da Serenissima Senhora D. Maria Theresa,	26
Aos annos do Augustissimo Principe Regente de Portugal,	30
Ao mesmo assumpto,	34
Congratulação ao Principe, e á Patria na Paz geral,	38
Aos annos da Serenissima Princesa do Brazil D. Carlota,	43
Aos annos da Serenissima Princesa do Brazil, Viuva,	46
Aos annos da Serenissima Senhora D. Maria Theresa,	50
Aos annos do Augustissimo Principe Regente de Portugal,	58
Ao mesmo assumpto,	61
Aos annos da Serenissima Senhora D. Isabel,	66
Prólogo para o Drama de Nuno Alvares Pereira,	71
Elogio ao Publico,	73
Ao mesmo objecto,	75
Prólogo da Comedia o Extremoso,	79
Tom. III. V	Elo.

INDICE

Elogio ao Publico	82
Despedida de Antonio José de Paula aos Portuenezes,	87
A Concordia entre Amor, e a Fortuna, Drama,	91

EPISTOLAS.

Salicio a Elmano,	106
Ao Senhor Sebastião Xavier Botelho,	109
Ao mesmo,	117
A Aaalia,	120
Ao Senhor Vicente José Ferreira Cardoso da Costa,	124
Ao Illusterrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de S. Lourenço,	129
Ao Senhor Joaquim Severino Ferraz de Campos,	134
Vincenio a Elmano,	140
Elegia á morte de Amelmo José da Cruz Sobral,	146
Epigrammas,	150 até 172
Madrigal,	173
Quadras,	173 até 177
Imitação Anacreontica,	Ibid.
Ghosas,	179 até 182
Apologo,	183

INDICE.

METAMORFOSES.

<i>A de Progne, Terço, e Filomela,</i>	187
<i>A de Io,</i>	202
<i>A de Myrrha,</i>	211
<i>O Roubo de Orithya por Bóreas,</i>	222
<i>Atlante convertido em monte,</i>	224
<i>O Roubo de Europa por Jupiter,</i>	228
<i>Cadmo, e Hermione,</i>	230
<i>Esaco, e Hespèria,</i>	233
<i>A Gruta do Somno,</i>	236
<i>A Apotheosis de Enéas,</i>	238
<i>A Apotheosis de Rómulo,</i>	240
<i>O Sacrificio de Polycena,</i>	243
<i>O Bosque de Marselha,</i>	252
<i>Versões de Tasso,</i>	255 até 261
<i>A Colombiada,</i>	262
<i>A Cultura das vinhas,</i>	279

TABLE

100
200
300
400
500
600
700
800
900
1000
1100
1200
1300
1400
1500
1600
1700
1800
1900
2000
2100
2200
2300
2400
2500
2600
2700
2800
2900
3000





(P)

